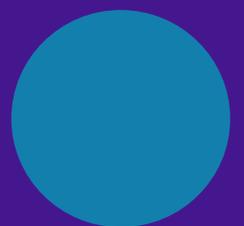
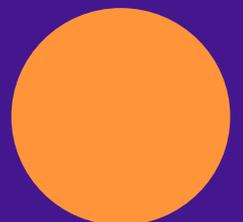


BULLI



BULLI

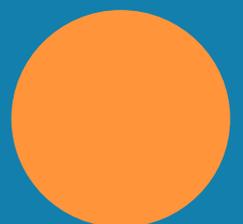
REVISTA DE ARTES CÊNICAS
DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ
TEXTOS PREMIADOS NO
3º CONCURSO ESTUDANTIL
DE DRAMATURGIA
REALIZADO EM 2024



BULLI

**EDIÇÃO EXTRA
NOVEMBRO/2024**

**REVISTA DE ARTES CÊNICAS DO
CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**



BULI é a Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí. Com esta iniciativa, pretendemos circular, trocar com os interiores, fomentar criação e reflexão em/ com lugares que não ocupam os espaços consagrados das artes cênicas. Reunir espaços, coletivos e criadores(as) que atuam e produzem de outros modos e estabelecem outras relações com as artes da cena.

Coordenação Editorial

Antonio Salvador

Editores

João Fabbro, Tadeu Renato e Thiago Leite

Produção Editorial

João Fabbro

Projeto e Arte Gráfica

Luiza Devasa

Revisão de Textos

Tadeu Renato e Thiago Leite

Estudante Bolsista Ofício da Revista BULI

A Bolsa Ofício visa valorizar e incentivar a experimentação de habilidades e ofícios correlatos à formação de músico, ator/atriz ou luthier, dando oportunidade a alunos(as) interessados(as) e com domínio técnico que frequentam os cursos regulares do Conservatório de Tatuí.

Júlio Basile

Contato

bulibuli.artescenicass@gmail.com

SUMÁRIO

CAPA

01

LUIZA DEVASA

ANTES DO INÍCIO

07

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

EDITORIAL

08

POÉTICAS DE AFETOS PARA VIDAS
TADEU RENATO

TEXTOS PREMIADOS
A BOTA DO SOLDADO

11

MATHEUS YOSHINO
VARGEM GRANDE PAULISTA/SP

TEXTOS PREMIADOS
AQUIETA-TE

32

SÍLVIA ALVES
SÃO PAULO - SP

TEXTOS PREMIADOS
DESVÃO, KASARTH

46

LUCAS PROFÍRIO
SANTO ANDRÉ - SP

SUMÁRIO

TEXTO PREMIADO
IRMÃS CORAGEM

65

JÚNIOR PADOVANI
SÃO PAULO/SP

TEXTO PREMIADO
O ANDAR DEBAIXO OU
NÓS NÃO VAMOS SAIR
PORQUE A FESTA AINDA
NÃO ACABOU

83

LUÊ VANONI
CAMPINAS/SP

MENÇÃO HONROSA
REZA COTIDIANO

120

LUZ RIBEIRO
SÃO PAULO/SP

MENÇÃO HONROSA
VELAS DE PAPEL

132

YGOR SEVERO
SÃO PAULO/SP

COMISSÃO DE SELEÇÃO

138

INTEGRANTES DA COMISSÃO
DE AVALIAÇÃO DO 3º
CONCURSO DE DRAMATURGIA
DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

EDITORIAL

Esta edição do Caderno de Dramaturgia é o resultado do 3º Concurso Estudantil de Dramaturgias, realizado no primeiro semestre de 2024 reunindo os textos selecionados. O presente Caderno é uma edição extra da **BULI – Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí**, projeto com o qual pretendemos circular, trocar com os interiores, fomentar criação e reflexão em/com lugares que não ocupam os espaços consagrados das artes cênicas. A revista deseja reunir espaços, coletivos e criadores(as) que atuam e produzem de outros modos e estabelecem outras relações com as artes da cena.

POÉTICAS DE AFETOS PARA VIDAS PRECÁRIAS

TADEU RENATO

DRAMATURGO E PROFESSOR DE DRAMATURGIA E TEORIA NO CONSERVATÓRIO DE TATUI

Em seu livro *“Vida Precária: Os Poderes do Luto e da Violência”*, Judith Butler desenvolve o conceito de *precariedade* como uma condição fundamental da existência humana, que se torna ainda mais evidente em contextos de violência, guerra e exclusão social. As personagens das dramaturgias reunidas nesta edição vivem em um estado contínuo de precariedade, atravessadas por conflitos que afetam suas condições de vida, seus corpos e suas relações sociais. Butler sugere que essas situações não são apenas consequências da guerra, mas também de estruturas políticas que deliberadamente tornam certas vidas mais vulneráveis que outras. A filósofa afirma que “a precariedade da vida só se torna politicamente significativa quando algumas vidas são consideradas passíveis de luto e outras não” (Butler, 2019, p. 38). Esse conceito é evidente nas dramaturgias, onde vemos personagens lutando por sobrevivência em meio a um cenário de destruição. Muitas dessas vidas, no entanto, são invisibilizadas e tratadas como descartáveis – soldados, mendigos, meninas e outros marginalizados que são mostrados como desprovidos de proteção social. O sofrimento dessas personagens está diretamente ligado à ideia de que há uma hierarquização de vidas, onde algumas são valorizadas e protegidas, enquanto outras são deixadas à margem, expostas à violência e à miséria.

A fome e a luta por recursos, presentes nas peças, reforçam essa noção de precariedade. Butler escreve que “viver com precariedade significa viver sob a condição de que a tua vida nunca será considerada valiosa, nunca será tratada como digna de proteção” (Butler, 2019, p. 35). As personagens que enfrentam a fome e a escassez de recursos estão imersas em um sistema que as tornam extremamente vulneráveis, sem garantias básicas. A vida dessas figuras é constantemente ameaçada, e essa ameaça se manifesta não apenas na falta de alimentos, mas na ausência de redes de proteção social e institucional que poderiam ampará-las em tempos de crise.

O que vemos/lemos nessas dramaturgias é o que Butler chama de *vulnerabilidade relacional*: “somos dependentes uns dos outros para sobreviver e, portanto, nossa vulnerabilidade é radicalmente partilhada” (Butler, 2019, p. 37). Nas peças, essa vulnerabilidade compartilhada é rompida pelo desejo fascista de destruição do que é diferente. As personagens se encontram isoladas, desconectadas umas das outras, e essa desconexão intensifica o sofrimento. O isolamento é uma consequência da precariedade extrema em que vivem, onde a falta de proteção as impede de formar laços que poderiam mitigar a dor e criar alguma forma de solidariedade. Nas peças, a violência não é apenas física, mas simbólica e política, já que as personagens oprimidas são privadas de agência e expostas à extinção. A violência que regula essas vidas também é vista nas relações de poder entre os personagens, onde a opressão é exercida de forma a reforçar a precariedade dos que estão na base da hierarquia social. São corpos vulneráveis; não por acaso, há a constante presença de personagens femininas como protagonistas de narrativas opressivas. Em uma sociedade regida pelo patriarcado – e pelo Capital, intimamente ligado à esse – as vidas das personagens se tornam exemplos do que Butler chama de “vidas não lamentáveis”, expostas a um mundo que as vê como descartáveis.

Os textos desta edição revelam a destruição física – que muitas vezes pede, formalmente, a destruição e reconstrução de formas narrativas – , bem como as estruturas políticas e sociais que estabelecem uma crise subjetiva profunda, onde a precariedade não é apenas material, mas existencial, e onde as vidas das personagens são constantemente questionadas em termos de valor e dignidade. Nesses textos, as vozes desejam ser ouvidas, lembradas, legitimadas. E o teatro é espaço privilegiado para esse desejo, pois acontece no presente imediato, na ação de corpos presentes em cena, na relação de afetos entre artistas e público.

3º CONCURSO ESTUDANTIL DE DRAMATURGIA DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

O *Concurso Estudantil de Dramaturgia do Conservatório de Tatuí* vem se firmando como um espaço de conhecimento, reflexão e divulgação de textos contemporâneos. A cada ano aumenta o número de inscrições, trazendo mais diversidade, propostas inventivas e de qualidades distintas, o que torna o trabalho da Comissão de Seleção cada vez mais exigente e atencioso. Com o objetivo de fomentar a produção de textos para a cena, escritos por estudantes residentes no interior do estado de São Paulo, chegamos à terceira edição do concurso com 62 textos inscritos, sendo 32 de cidades do interior do estado e 30 textos de estudantes da capital e região. Recebemos textos e projetos em formatos dos mais variados, o que demonstra o desejo de novas formas de escrita dramática. Nesta edição alcançamos uma maioria de textos inscritos vindos de cidades do interior, nos animando o fato de que tantas geografias diferentes estão produzindo textos e tomando conhecimento do concurso.

Como sempre, o processo de selecionar os textos premiados foi árduo, devido à qualidade dos textos recebidos e à variedade de territórios que essas obras representam. É um desafio instigante colocar as dramaturgias em debate, perceber o que as conecta ou as diferencia, ressaltar o potencial de cada proposta. Essa diversidade fortalece a importância de insistirmos neste concurso, na expectativa que novas vozes, novas histórias e novos imaginários coloquem em diálogo passado, presente e futuro para projetarmos outros mundos possíveis.

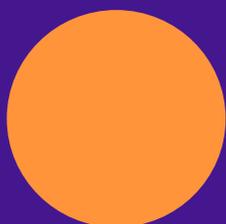
Nesta edição, as 05 (cinco) propostas premiadas receberam o equivalente a R\$3.000,00 (três mil reais). Todos os textos selecionados, incluindo os que receberam menção honrosa, estão publicados nesta Edição Extra da *Buli – Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí*, edição de nº03.

A BOTA DO SOLDADO

MATHEUS YOSHINO

"Com diálogos ritmados e imagens potentes, o texto tem uma estrutura dramática que se abre para outras formas em um processo de cenas isoladas que falam por si, sem perder a força do todo. Encontros e desencontros em um contexto de uma guerra que nunca se mostra diretamente, mas deixa exposta seus efeitos em vidas humanas. Existe um ruído entre o contexto e a escolha das palavras que o autor usa — gírias e vícios linguísticos que parecem não caber nessas pessoas é algo que o dramaturgo ainda pode se debruçar."

Tadeu Renato



CENA I

Uma ponte. Noite. Soldado está sentado na borda da ponte fumando um cigarro. Veste uniforme do exército. Ele o apaga, joga a bituca no chão. Entra o Mendigo, descalço, levemente embriagado, com um corote na mão. Soldado olha para a Avenida debaixo da ponte. Mendigo o observa de longe por algum tempo. Aproxima-se dele cautelosamente.

MENDIGO: Senhor?

SOLDADO: Hm.

MENDIGO: Tem um cigarro?

SOLDADO *(Com desdém):* Vaza.

MENDIGO: Eu só quero um cigarro...

Soldado vira-se para Mendigo bruscamente. O Mendigo recua e ergue as mãos.

MENDIGO *(Assustado):* Perdão, senhor!

SOLDADO *(Desanimado):* Eu não vou... fazer nada.

Soldado tira do bolso o maço e joga para o Mendigo.

MENDIGO: Obrigado, senhor. Tem brasa?

Soldado tira isqueiro do bolso e joga para o Mendigo. Mendigo coloca o corote no chão.

MENDIGO: Valeu. (Acende o cigarro e encara Soldado. Mostrando o maço) Posso ficar?

SOLDADO *(seco):* Pode.

Mendigo guarda o maço no bolso e encara o Soldado.

SOLDADO *(Ríspido):* Que foi?

MENDIGO: Faz tempo que te mandaram pra cá?

SOLDADO: Não é da tua conta.

MENDIGO *(Para si mesmo):* A gente não recebe muita notícia da guerra por aqui.

SOLDADO *(Seco):* Melhor tu sumir.

MENDIGO: Isso é muito doido. De uma hora pra outra esse lugar aqui ficou uma bagunça!

Pausa curta.

SOLDADO (*Voltando o olhar para a borda da ponte*): Tu não devia tá aqui. Ainda mais essa hora.

MENDIGO: Nem o senhor...

Soldado bruscamente o olha com repreensão.

MENDIGO: Com todo o respeito... senhor.

SOLDADO: Não me testa, tiozão.

MENDIGO (*analisando o Soldado*): Você tá pensando em...

SOLDADO: Volta pra tua casa, vai!

MENDIGO (*Com humor*): Casa?

Pausa curta.

MENDIGO: Você vai se jogar da ponte, é isso?

SOLDADO (*Irritado*): Do que que tu tá falando?

MENDIGO: Deixa eu ficar com essa tua bota aí.

SOLDADO: Como é?

MENDIGO: Você não vai pular?

SOLDADO (*Irritado*): Quem tu acha que é?

MENDIGO: Se você for pular... deixa ficar com ela. A bota. É bonita, e vai me servir bem.

Soldado olha para a avenida debaixo da ponte. Encara o Mendigo.

SOLDADO: Não vai ser muito legal tu sair andando com essa bota por aí.

MENDIGO: Por quê?

SOLDADO (*Provocativo*): Eles podem achar que tu pegou de um soldado.

MENDIGO (*Com humor*): É mais ou menos isso mesmo.

SOLDADO: Tu não tem noção nenhuma, né...

MENDIGO: Como é ser um soldado, hein? Um soldado de verdade, fora do seu país e tal...

SOLDADO: Não enche!

MENDIGO: Eu só queria saber como é! Eu acho que eu poderia me passar tranquilamente por um soldado. Não tô tão mal assim, vai.

SOLDADO (*Sarcástico*): Por isso tu quer a bota?

MENDIGO (*Com deboche*): Até que é uma boa ideia...

SOLDADO: Tu é burro ou o quê?

MENDIGO: Vou poder andar sossegado! (*Com humor*) E ainda dá pra sacanear uns otário por aí (*Ri*).

SOLDADO: Usar minha bota não te faz soldado.

MENDIGO (*Rindo*): Ninguém vai nem perceber. Ou você é famoso, por acaso? Bom, vou esperar você decidir aí então.

SOLDADO (*Irritado*): Tu não pode esperar em outro lugar? Tipo ali do outro lado?

MENDIGO (*Apontando*): Lá?

SOLDADO: Isso.

MENDIGO (*Apagando o cigarro na borda*): Você acha que eu sou burro? Eu vou virar as costas e você vai pular de bota e tudo! (*Joga a bituca da ponte*).

SOLDADO (*Irritado*): Tá de brincadeira, porra?

MENDIGO: Como assim?

SOLDADO: Eu já te dei o cigarro!

MENDIGO: Tá, mas você nem vai precisar de nada disso.

SOLDADO (*Impaciente*): Aí, pinguço, tu tá passando do limite!

MENDIGO: Essa foi a melhor ideia que você teve? Pular de uma ponte? (*Ri*)

SOLDADO (*Irritado*): Sei lá, cara. Vai dar uma volta!

Mendigo sobe na borda da ponte, do lado do Soldado. Olha para a avenida.

MENDIGO: Essa ideia é maluca, cara. Olha a altura disso!

SOLDADO: Desce, vai.

MENDIGO (*Caminhando na borda*): A avenida ali embaixo vai ficar uma merda amanhã.

SOLDADO (*Preocupado*): Tu vai cair assim!

MENDIGO (*Ignorando-o*): O que que a sua gente vai pensar quando virem um soldado espatifado de manhã? Você vai arrumar um problemão pra gente, já pensou nisso?

SOLDADO: Vai te foder. Desce!

MENDIGO (*Caminhando saltitante*): Mas se for pra pular, pelo menos deixa alguma coisinha aqui pro tio!

Soldado segura Mendigo pela roupa.

MENDIGO (*Furioso*): Eu desço sozinho, solta!

Mendigo desce da borda com um salto. Soldado desce da borda.

MENDIGO (*Pegando o corote do chão*): Por que que um soldado vai se matar? Eu não tô entendendo mais nada! (*Ri e bebe o corote*).

SOLDADO (*Irritado*): Escuta aqui!

MENDIGO (*Com humor*): Era eu quem tinha que pular, cê não acha? (*Oferece o corote para o Soldado*).

SOLDADO (*Agressivo*): Se continuar com graça, eu mesmo te joga! Ouviu?

Pausa. Soldado senta-se na borda.

MENDIGO: Você vai pular ou não?

SOLDADO: Sai! Vaza!

Pausa curta.

MENDIGO (*Calmo*): Então tá. Vou esperar lá embaixo. E aí... você pode jogar as botas antes, se quiser, pra eu não precisar...

Soldado o encara.

MENDIGO: Só to dizendo! Se você não mudar de ideia, claro. (*Pausa curta*) Tá, tudo bem. Tô indo. (*Faz menção de sair*) Pensa bem, hein!

Mendigo sai.

CENA II

Soldado se levanta.

MENINA (*Em off*): Espera!

SOLDADO (*Impaciente*): Eu já não falei pra você...

Menina entra. Ela tem uma voz fraca e sem entusiasmo. Ambos se encaram.

MENINA: Desculpa atrapalhar, senhor.

SOLDADO (*Desajeitado*): Não, eu... achei que...

MENINA: Você viu minha irmã?

Pausa curta.

SOLDADO (*Olhando em volta*): Não... não vi.

MENINA: Tem certeza?

SOLDADO: ...Tenho.

MENINA: Tô dizendo antes.

SOLDADO: Antes de tu só passou um mendigo.

MENINA: Não só aqui. Você viu minha irmã em algum outro lugar?

SOLDADO (*Impaciente*): Sei lá se eu vi!

MENINA: O nome dela é Eloisa.

Pausa curta.

SOLDADO: Eu não sei. Não me lembro de ninguém com esse nome.

MENINA: Como não sabe?

SOLDADO: Eu não lembro!

MENINA: Sim ou não?

SOLDADO (*Irritado*): Eu não sei! Já disse.

Pausa curta.

MENINA (*Triste*): Ela teve que ir com os soldados. Que nem você. (*Pausa curta*) Vocês levaram ela.

SOLDADO: Eu sinto muito.

MENINA: Não sente. Se você sente, me ajuda!

Ambos se encaram.

MENINA: Viu? Você só diz que sente pra se sentir menos culpado, mas não quer me ajudar.

SOLDADO: Eu queria poder ajudar.

MENINA: Então você vai?

SOLDADO: Não tem como.

MENINA: Você tá com medo?

Pausa curta. Menina olha para a borda da ponte.

MENINA: Você vai pular, né?

SOLDADO: Quê?

MENINA (*Impaciente*): Você não consegue responder nada? Meu Deus. Só fica sentado aí.

SOLDADO (*Levantando a voz*): Escuta aqui, garota:

Levanta-se e se encaram. Pausa.

MENINA: Hum?

SOLDADO: Se tu não quiser terminar que nem a sua irmã...

MENINA: Então você sabe onde ela tá.

Pausa curta.

SOLDADO: Provavelmente no quartel. Que nem as outras da idade dela. Não tem nada que eu possa fazer, entendeu? Eu sou só um soldado.

MENINA: Viva?

SOLDADO: Acho que sim.

MENINA: Você vai pular ou não?

Pausa curta.

SOLDADO: Tô pensando.

MENINA: Se você vai jogar sua vida fora, pelo menos faz algo de útil dela.

SOLDADO: Quantos anos tu tem?

MENINA: Dezesseis.

SOLDADO: Tua irmã?

MENINA: Dezenove.

SOLDADO: Tá, tu não é mais criança. Tu sabe que ela tá servindo os soldados.

MENINA: Por isso eu tô te pedindo ajuda.

SOLDADO: Eu não posso.

MENINA: O que que você tá fazendo aqui?

SOLDADO: Tomando um ar.

MENINA: Tá fugindo.

SOLDADO: Não tô fugindo.

MENINA: Tá fugindo porque se sente culpado! Eu preciso da sua ajuda.

SOLDADO: Tu não entende...

MENINA: Não mesmo. Pra mim você só é bem egoísta.

SOLDADO: Eu não tenho que me justificar pra ti.

MENINA: Viu? Você sente culpa e fica se lamentando, mas não faz nada com isso. Você só quer se lamentar.

SOLDADO (Irritado): Tu acha o que? Que eu vou sair por aí atirando pra todo lado e eles vão pegar as coisas e voltar? Que sua irmã voltar vai resolver todos os problemas?

MENINA: Eu acho que tem um monte de gente que nem você. Que não fica reclamando, mas não faz nada. *(Pausa curta)* Até suas ameaças são fracas.

Pausa curta.

SOLDADO: Eu tô cansado dessa merda.

MENINA: Eu posso te ajudar.

SOLDADO: Não pode.

MENINA: Eu te ajudo e você me ajuda.

Silêncio.

MENINA: Eu vou perguntar se você pode ficar com a gente.

SOLDADO: Eu não vou.

MENINA: Você não quer sair do quartel? Eu tô te dizendo que você pode. Você pode ficar com a gente!

SOLDADO: Não! Claro que não!

MENINA: Por que não?

SOLDADO (*Desanimado*): Não é... justo.

Pausa.

MENINA: Justo não é. Mas não tem problema. Além disso, você pode me retribuir depois falando da Eloisa. (*Pausa curta*).

MENINA: Espera aqui, eu já volto.

Menina faz menção de sair.

SOLDADO: Eu não vou, ouviu?

MENINA (*Saindo*): Espera aqui!

Menina sai. Soldado desamarra o cadarço das botas.

CENA III

Algum tempo depois. O Soldado não está mais lá. Entra a Mãe, puxando a Menina pelo braço.

MÃE (*Olhando em volta, com raiva*): Cadê ele? Hein?

MENINA (*Tentando desvencilhar-se*): Não sei!

MÃE: Cadê o soldado?

MENINA: Me solta!

MÃE: Deus sabe o que ele podia ter feito com você! Você não tem noção de nada?

MENINA: Ele não fez nada!

Menina solta seu braço.

MÃE (Agressiva): Eu corto a garganta dele!

MENINA: Ele ia me ajudar!

MÃE: Como pode ser tão burra!

MENINA: Eu sei que ele ia!

MÃE (Irônica): Ah sim! De uma hora pra outra ele pensou “Nossa, que coisa terrível que a gente tá fazendo!”. Daí ele vai entrar lá e libertar todo mundo:

MENINA: Ele tava itens...

MÃE: Ou então ele ia atrás da Eloisa só porque você pediu com educação! Acorda, garota!

MENINA: E você acha que ia mudar o quê vir aqui e cortar o pescoço dele?

MÃE (Irritada): O que mais eu posso fazer?

MENINA: E se ele tivesse armado?

MÃE (Provocativa): E você provocando ele!

MENINA: Eles iriam atrás de você!

MÃE: POIS EU MORRERIA SATISFEITA!

Silêncio.

MENINA: Ele era... gentil.

Menina aproxima-se da borda e olha para baixo.

MENINA (Triste): Achei...

MÃE: Quê?

MENINA (Desanimada): Achei o soldado...

MÃE (*Empolgada*): RÁ! Porco sujo!

Mãe se aproxima e olha para baixo.

MENINA (*Apontando*): Ali.

MÃE (*Surpresa*): Aquele? Ele tá pelado!

MENINA (*Triste*): Morto.

MÃE: Por que ele tá pelado?

MENINA: Não sei.

MÃE (*Agressiva*): Por que ele tá pelado?

MENINA: NÃO SEI!

MÃE: Hum.

MENINA: Ele tava arrependido.

MÃE: Talvez a única coisa boa que fez foi ter se jogado.

A Menina encara a Mãe.

MENINA: Você tá errada sobre ele!

MÃE: Agora não faz diferença. (*Senta-se na borda e olha para baixo.*). Espera... (*Pausa curta*) Como você sabe que ele é o soldado?

MENINA: É ele sim.

MÃE: Como você sabe se nem uniforme ele tem?

MENINA: Eu sei que é ele!

MÃE (*Olhando em volta*): Talvez ele tenha deixado em algum lugar...

MENINA: Eu não acho que...

MÃE: Tá com você?

Pausa curta.

MENINA: Quê?

MÃE (*Ríspida*): Tá com você? O uniforme?

MENINA: Não!

MÃE: Não mente pra mim.

MENINA: Eu não to mentindo!

MÃE (Provocativa): Sai sem avisar, encontra um soldado...

MENINA (Indignada): Quê?

MÃE: Você ofereceu alguma coisa pra ele?

MENINA: Para com isso!

MÃE: Se você tiver pegado o uniforme, devolve! Senão vai dar merda depois.

MENINA (Chorosa): POR QUE VOCÊ TÁ FAZENDO ISSO?

Pausa.

MÃE (Séria): Desculpa.

Menina faz menção de sair.

MÃE: Onde você tá indo?

MENINA: Não tem ninguém aqui. Eu vou atrás da Eloisa.

MÃE: Você sabe que não vai encontrar ela sentada numa calçada por aí, né?

MENINA: Eu vou dar um jeito.

MÃE: Volta pra casa... por favor.

MENINA: Você não é minha mãe. Não precisa tentar agir como se fosse.

MÃE: Eu me preocupo!

MENINA: Você devia se preocupar com a Eloisa. Sua filha de verdade.

MÃE: É bem cruel, sabia? Falar assim.

MENINA: É a verdade. Você não parece tão preocupada com ela.

MÃE: Claro que eu tô preocupada!

MENINA: Então faz alguma coisa!

MÃE: EU TÔ! Eu tô fazendo, mas eu preciso cuidar da gente também!

MENINA (*Irônica*): A gente.

MÃE: É. Eu e você! Não adianta ficar com raiva de mim.

MENINA: Eu não tenho raiva de você. Eu fico com raiva de voltar pra casa sem a Eloisa.

MÃE: Eu sei, eu sei! Mas eu preciso que você volte.

Pausa curta.

MENINA: Vai trazer ela de volta?

Menina encara a Mãe por alguns segundos. Mãe olha em volta.

MÃE (*Séria*): Vai pra casa.

MENINA: Eu perguntei se:

MÃE: Só vai pra casa!

Pausa.

MENINA (*Desanimada*): Ela não vai voltar, né?

Pausa curta.

MÃE: Eu não sei...

MENINA: Quem sabe amanhã...

MÃE: Sim. Sim. Quem sabe.

Pausa curta. Menina sai. Mãe a acompanha com o olhar.

CENA IV

Mãe confere a presença da menina, suspira. Pausa curta.

MÃE: Ela já foi.

Entra o Oficial.

OFICIAL (*Sorrindo maliciosamente*): Boa noite, meu amor.

MÃE (*Ríspida, desviando o olhar*): Não tô de bom humor hoje.

OFICIAL (*Com deboche*): Eu posso ir embora se tu preferir...

MÃE (*Sarcástica*): Que gentil. (*Seca*) Vai, tô com pressa hoje.

Oficial se aproxima e a toca suavemente. Ela recua.

OFICIAL: Eu adoro quando tu tá arisca...

Oficial pega na cintura da Mãe e a encara. Solta-a.

OFICIAL (*Indiferente*): Tu não tá afim.

MÃE: Desculpa, eu só... tô preocupada. Só isso.

OFICIAL: Com a Eloisa.

MÃE: Também.

OFICIAL: Ela tá bem. Eu tô cuidando dela.

MÃE (*Preocupada*): Mas quando ela vai poder voltar?

OFICIAL: Tu sabe que não é assim que as coisas funcionam. Tô fazendo o que posso.

MÃE: Tu jura que não tá obrigando ela a fazer nada, né?

OFICIAL (*Sarcástico*): É isso que tu pensa de mim?

MÃE: Responde.

Pausa curta.

OFICIAL (*Sério*): Juro.

Ele se aproxima e beija o rosto dela. Ela faz menção de se despir.

OFICIAL: Não, não, não. Tu tá estragando todo o clima.

MÃE: O que mais você quer?

OFICIAL: Eu gosto da nossa... coisa.

MÃE (*Confusa*): Que coisa?

OFICIAL: Essa coisa que tem entre a gente. Se eu quisesse só sexo, eu não precisava sair do quartel.

A Mãe o encara, irritada.

OFICIAL: Não me olha assim, não depende de mim. Tu tá achando que eu tô aqui passeando?

MÃE: Desculpa... *(Beija-o e acaricia-o, escora-se na borda de costas para ele. Esfregando-se. Olha para baixo e repara no Soldado. Vira-se para ele, disfarçando)* Que tal a gente... aproveitar em outro lugar?

OFICIAL: Por quê?

MÃE: Tá esfriando.

OFICIAL *(Sorrindo)*: A gente vai se esquentar.

MÃE: Tá, mas eu queria ir pra outro lugar hoje.

Oficial vai até a borda e olha pra baixo. Pausa.

OFICIAL *(Calmo)*: Foi você?

Pausa curta.

MÃE: Quê?

OFICIAL: Foi você que fez isso?

MÃE: Não!

OFICIAL: Mas você sabia. Não sabia?

MÃE *(Desajeitada)*: Eu... não...

OFICIAL *(Ríspido)*: Por que que tu não falou nada?

MÃE *(Desajeitada)*: Eu não...

OFICIAL: NÃO O QUÊ?

MÃE: EU NÃO SEI! Não sei, eu fiquei com medo!

Pausa curta.

OFICIAL *(Seco)*: Cai fora.

MÃE: Espera.

OFICIAL: Cai fora, tua puta!

Pausa curta.

MÃE (*Em tom baixo*): Porco sujo...

OFICIAL: Como é?

Pausa curta.

OFICIAL: Repete o que tu falou.

MÃE: Eu vou embora.

OFICIAL: Fala de novo! (*Puxando-a pelo braço*) Eu duvido tu repetir.

MÃE (*Receosa*): Que que cê tá fazendo?

OFICIAL (*Agressivo*): Eu to mandando repetir, tua cachorra!

MÃE: POR QUE VOCÊS NÃO VÃO EMBORA? (*Pausa curta*) A gente não tem nada a ver com isso!

OFICIAL (*Indiferente*): É assim que funciona, meu amor.

MÃE (*Contendo o choro*): A gente não tem NADA a ver com essa merda toda!

OFICIAL: Você sabe que teu governo foi complacente com os...

MÃE: Que se fodam eles! O QUE QUE MINHA FILHA FEZ? Nada! Ela não fez nada pra merecer isso!

OFICIAL (*Irritado*): Tu acha que eu gosto disso? Tu não acha que eu também não queria voltar pra casa? O mundo não gira em torno da gente, querida. Mas eu faço o que posso. E eu não tô nem aí se tu quer me ver morto igual aquele ali embaixo. Eu não sou o culpado da tua miséria. Eu não escolhi a guerra. Eu não escolhi invadir esse lugar de merda e nem escolhi levar tua filha. Então se tu quer jogar a culpa em mim, é problema teu. Acontece que ninguém liga. Ninguém. Tá todo mundo se matando aí fora e pode ter certeza que não vão se lembrar dum oficial qualquer andando na rua de outro país, muito menos da mulher que perdeu a filha nisso tudo. Tem milhares iguais a mim e iguais a ti por aí!

Pausa curta.

MÃE: Você não faz o que pode, você faz o que é mais fácil. Eu não quero ser lembrada! Eu não quero alguém pra culpar e jogar pedra! Eu quero as minhas filhas, só isso. Porque é insuportável ver duas meninas sofrendo tanto só porque nasceram nesse buraco!

Pausa curta.

OFICIAL: Duas?

MÃE: É.

OFICIAL (*Rindo*): Tá bancando a mãe da outra, agora?

MÃE: Vai se foder.

OFICIAL: Tu não me engana.

MÃE: Seu merda.

Pausa curta.

OFICIAL: Ótimo. Então vamo trocar. Eu levo a menina e te trago a Eloisa. Que tal?

MÃE (*Desorientada*): Mas que porra, por que que cê tá fazendo isso?

OFICIAL: Porque eu preciso de gente mais jovem. Tu tá velha demais.

Pausa longa. Os dois se encaram.

OFICIAL: Vai largar tua filha? Hein? Vem pra cima! Eu sei que tu quer me ver que nem aquele ali embaixo. Vem pra tu ver se eu não te mato e vou atrás da menina depois. Pra onde foi aquela coragem toda?

Pausa curta.

MÃE: Tem um soldado aqui.

OFICIAL: Tu acha que eu sou otário?

MÃE: Tem um soldado aqui!

OFICIAL: O único soldado que tem tá espatifado no chão!

MÃE: Tem a porra de um soldado ali! EI! VOCÊ!

OFICIAL: CALA ESSA BOCA!

CENA V

O Mendigo entra desajeitado usando as roupas e a bota do Soldado.

MENDIGO (*Nervoso*): Senhor?

Pausa curta. Mendigo e Oficial se encaram.

OFICIAL (*Irritado*): Mas que merda que tu tá fazendo aqui essa hora?

MENDIGO (*Nervoso*): Eu... vim tomar um ar!

OFICIAL: Quem que tu é? (*Aproxima-se e analisa-o*) Que cheiro de... que porra é essa? Tu tá fedendo igual um porco e... bêbado! E se alguém te vê assim?

Mãe sai subitamente.

CENA VI

OFICIAL (*Olhando a Mãe saindo*): Volta aqui! Caralho. (*Faz menção de pegar a arma na cintura*) Olha o que tu fez, teu incompetente!

MENDIGO (*Desajeitado*): Perdão, senhor! (*Pigarreia*).

OFICIAL: Vai atrás dela, porra!

MENDIGO: Mas senhor...

OFICIAL: PORRA! (*Escora-se na borda da ponte*) Ela vai ver só...

Pausa.

OFICIAL (*Nervoso*): A gente devia... a gente não devia tá aqui essa hora, soldado. Ia ser uma merda se vissem a gente aqui...

MENDIGO: Sim, senhor.

Oficial encara e analisa o Mendigo.

OFICIAL: Eu não te conheço.

MENDIGO (*Desajeitado*): O senhor... deve estar confuso... senhor.

OFICIAL: Hum.

MENDIGO: A gente devia voltar. Já tá tarde, e ia ser uma merda se vissem a gente aqui, né?

OFICIAL: É, sim. Tu tem razão. E tu precisa de um banho.

MENDIGO (*Rindo forçadamente*): Certíssimo, senhor! Então eu vou... voltar pro quartel.

OFICIAL: Pera aí, calma. (*Pausa curta*) Eu vou contigo. (*Coloca a mão em seu ombro*) Que que tu veio fazer aqui, soldado?

MENDIGO (*Sorrindo desconfortavelmente*): O senhor sabe como é.

Pausa curta. Encaram-se.

OFICIAL (*Sorrindo maliciosamente*): Dia difícil também?

MENDIGO: Noite difícil.

OFICIAL: Nem fale. Que que tu tá bebendo aí?

MENDIGO: Já acabou. Mas tem cigarro!

OFICIAL: Passa pra cá.

Mendigo entrega o maço ao Oficial.

OFICIAL (*Acendendo o cigarro*): Na hora certa. (*Fuma*)

MENDIGO: Quando você acha que a gente vai poder ir embora?

OFICIAL: Desse buraco? Sei lá. Eles nunca falam direito o que tá rolando do lado de fora. Então a gente vai levando. Sobrevivendo.

MENDIGO: Sobrevivendo...

OFICIAL: Qual divisão?

MENDIGO: Quê?

OFICIAL: De qual divisão tu é? Eu não tô lembrado.

MENDIGO (*Rindo nervosamente*): Foi mal, já to meio torto. (*Pausa curta*) A divisão tu quer saber?

OFICIAL: Isso.

Pausa curta.

MENDIGO (*Nervoso*): Terceira. Terceira divisão.

OFICIAL: Ah, sim... Bom, melhor a gente voltar então! Já, já, teu turno começa.

MENDIGO (*Confiante*): Sim, sim.

Mendigo vira de costas e faz menção de sair.

OFICIAL: Pra onde tu vai?

MENDIGO: Pro quartel.

OFICIAL: É pro outro lado.

MENDIGO (*Sorrindo*): Você tá me testando, é? Eu ainda sei o caminho!

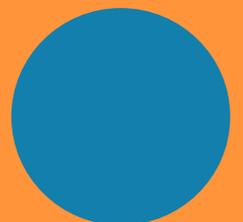
OFICIAL (*Sorrindo*): Sim. Tava só testando “você”.

Mendigo vira-se e faz menção de sair. Oficial saca a arma e aponta para o mendigo. Ele se vira, ambos se encaram.

FIM



Matheus Yoshino é ator e autor dramático de Vargem Grande Paulista. É residente do estado de São Paulo e atualmente cursando graduação em artes cênicas na UFSC. Bolsista e integrante do NEEDRAM (Núcleo de Estudos em Encenação teatral e Escrita Dramática) e teve seu texto dramático 'Os Saltadores' selecionado para a quinta edição do projeto 1001 PLAYS, organizado pela GMU (EUA), do qual o núcleo faz parte.

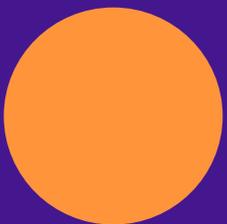


AQUIETA-TE

SÍLVIA ALVES

"O texto apresenta um olhar sensível, atento e crítico a questões existenciais e socioeconômicas através da composição de situações do cotidiano que propiciam criar distintas relações paradoxais, por meio da associação da luta por melhores condições de vida para quem convive com doenças psicossomáticas. Estruturalmente, a dramaturgia é composta por uma narrativa não-linear, encadeada de um modo dinâmico e criativo que propõe um diálogo ativo na construção dos sentidos com quem lê a peça. Certamente, esse diálogo poderá ser potencializado na construção pluriperceptiva da encenação."

Viviane Juguero



I

Ela escuta o 1º Movimento de Moonlight Sonata de Beethoven. Com enxaqueca. Escreve freneticamente em um caderno. Sussurra as palavras escritas repetidamente.

ELA: 1 opção, melhor que nenhuma, 1 opção, melhor que seja minha.

Ele passa óleo de amêndoas no corpo. Se deita.

ELE: O teto tem uma manchinha perto da lâmpada não acesa, o tênis usado há uma semana continua no mesmo lugar, a poeira no criado mudo logo vai cobrir meus papéis, meus planos. O escuro não me ajuda a repousar (*pausa longa*), amanhã o último desejo vai se cumprir

Ambos tomam seus respectivos remédios.

II

Ela está sentada. Ele entra e senta a uma certa distância.

ELE: Já foram muitos?

ELA: (*Enxaqueca. Dor como mãos pequenas sulcando a terra*) Muitos? Nem um terço do que você imagina foi entrevistado ainda.

Desconcertados com a presença um do outro parecem um pouco ansiosos.

AMBOS: (*Para alguém que passa*) Boa tarde!

ELE: Parece ser um bom lugar...

ELA: Uhum.

ELE: Uma vaga só.

ELA: (*Para si*) Minha vaga. O convênio médico oferecido é bom?

ELE: O melhor.

ELA: É melhor que seja mesmo.

ELE: Mas, de qualquer forma confirmo quando for contratado.

ELA: Não teria tanta certeza.

ELE: Uma ameaça?

ELA: Realidade.

Ambos se olham. Pausa longa.

ELA: Você tem os olhos do meu pai. Ele sempre foi meu herói.

ELE: O meu não.

Pausa longa.

AMBOS *(Para alguém que passa):* Boa tarde!

ELE: Meu pai trabalhou aqui. Sabia? E... Bom, raios caem duas vezes no mesmo...

ELA: *(Interrompendo. A dor a golpeia um pouco mais forte)* Cala a boca!

III

A cabeça dói como raízes crescendo dentro da terra e que precisam de mais espaço. Mantém um tom amigável em sua voz.

ELA: ...sou da Fácil Saúde. Qual o seu nome por gentileza? Tudo bem com a senhora? Que bom... Este é um bom momento para nossa conversa? Não, não vai demorar. O motivo do meu contato é primeiramente agradecer seu cadastro no site demonstrando interesse nos nossos serviços e, além disso, oferecer a oportunidade de cuidar da saúde e poupar tempo. Posso continuar? Não fez cadastro? ...a empresa oferece planos personalizados que se adaptam à necessidade de cada cliente. Temos o Saúde Gold em que as consultas são realizadas com nossos melhores e mais experientes médicos, o agendamento é feito online, há também o Saúde Silver em que a consulta é feita com excelentes profissionais e o *check-up* será totalmente gratuito. A senhora se interessa por algum dos planos? A mensalidade do Saúde Gold é... Infelizmente não será possível reduzir pela metade, posso lhe dar um incrível desconto de 25% . Alô? Senhora? Senhora? Alô?!!

(Outra ligação) ...sou da Fácil Saúde. Qual o seu nome por gentileza? Tudo bem com o senhor? Que bom... Desculpe, a ligação está falhando. Por favor aguarde um momento na linha.

ELE: *(Ao telefone. Pronúncia forçada)* ...I recently graduated from one of the best universities in Latin America. What are my strengths and weaknesses? I... Hm... Well... my greatest asset would be my patience, I think that is the key to handle conflicts in life and at the workplace ... my biggest weakness is too thorough, but I'm working on it. *(Eu me formei recentemente em uma das melhores universidades da América Latina. Quais são os meus pontos fortes e fracos? Eu... Hum... Bem... minha maior qualidade seria minha paciência, acho que é a chave para lidar com conflitos na vida e no local de trabalho, minha maior fraqueza é ser muito detalhista, mas estou trabalhando nisso)*

ELA: *(Coloca o telefone no mudo. Fala como que com alguém próximo, quase sussurrando)* Soube, eles terminaram faz pouco tempo, mas sinceramente estou 0% interessada na vida amorosa alheia e se pegarem a gente assim tomo outra advertência, já devem ter lhe contado que recebi algumas por ir ao banheiro três vezes em duas horas, sem contar os meses

sem bater nenhuma meta.

Alô, problema resolvido. Agradeço a paciência. O motivo do meu contato é primeiramente agradecer seu cadastro no site demonstrando interesse nos nossos serviços e, além disso, oferecer a oportunidade de cuidar da saúde e poupar tempo. Posso continuar? ... fácil Saúde, Fá-cil Sa-ú-de. Alô?... E lá vamos nós de novo.

(Outra ligação. A dor de cabeça está pior. Toma um comprimido. Tenta manter o tom amigável em sua voz) ...temos o Saúde Gold em que as consultas são realizadas com os nossos melhores e mais experientes médicos, o agendamento é feito online, há também o... Minha voz? Sim, sim já disseram que era bonita. Há também o Saúde Silver...

ELE: ... Actually I never had a job, but I would fit in well in this position because I... Hm... want new challenges, live in this wonderful country, show my qualifications... Sorry, my qualifications, learn as much as possible and grow with the company. *(Na verdade nunca tive um emprego, mas me encaixaria bem nessa posição porque eu... Hum... quero novos desafios, morar neste país maravilhoso, mostrar minhas qualifications... Desculpe, minhas qualificações, aprender o máximo possível e crescer com a empresa).*

ELA: Senhor não estou à procura de um relacionamento, não vou te passar meu telefone. No Saúde Silver a consulta é feita por excelentes... Por favor, não insista, esse é meu trabalho, preciso de dinheiro não de um homem. E o *check-up* será totalmente gratuito. O senhor se interessa por algum dos planos? ... Só por mim? Nesse caso *(Desliga)*.

ELE: No, thank you (Não, obrigado você) *(Desliga)*.

ELA: *(Fala como que para alguém próximo)* Ei, ei, ei, stop. Aonde você está indo?

ELE: Ah, você está aí?!

ELA: Combinamos que você ia cobrir minha última meia hora. Preciso chegar na faculdade mais cedo, é dia de seminário, vou ser a primeira. O ônibus vai passar daqui a pouco, se eu sair agora chegarei a tempo no ponto.

ELE: Espero que tempo o suficiente para ter escutado tudo, tenho certeza que vão me contratar. Parece que seu filho aqui vai fazer outro intercâmbio, só que dessa vez vai ser melhor, irei finalmente iniciar minha carreira e com o pé direito.

ELA: Amiga, não me deixa na mão. Ah, só se levantou para tomar um cafezinho. E por que está levando a bolsa? A cafeteira está aí dentro por acaso? Abri mão do meu intervalo a seu favor... Tudo bem, faça o que quiser.

ELE: Estou com um bom pressentimento, caso você não tenha percebido, faz um tempo que a psoríase não se manifesta, se as coisas continuarem assim não vai mais aparecer. Só precisamos comprar as passagens, alugar um apartamento, pode ser pequeno mesmo, mas nem tanto, sala de estar, cozinha, quarto e uma piscina são suficientes já que não irá comigo. O quê? Como assim? Espera, se quiser te devolvo tudo o que gastar, mas...

ELA: Ei!

ELE: Eu preciso de você agora.

ELA: Me dá um daqueles comprimidos, os meus acabaram. Espera! Acho melhor me dar a cartela inteira.

ELE: Não sou um inútil, para e pensa, repara no que estou prestes a conseguir... Não quero ficar, estou cansado dessas chantagens, vou me virar muito bem lá... Pai, por favor.

ELA: *(Para si)* Logo, logo, eu é que vou embora daqui e vai ser para nunca mais voltar.

IV

Realizam a dinâmica “Conselheiros e Aconselhados”. Ao mesmo tempo. Sussurrando.

ELA: Conselheira.

ELE: Conselheiro.

ELE: *(Coceira como se algumas formigas andassem de um lado para outro em seu corpo)* Eu falei primei...

ELA: Conselheira.

ELE: Será que você pode ao menos...

ELA: Conselheira.

AMBOS *(Para alguém):* Prontos!

Duas pequenas pilhas de tiras de papel, cada um tira uma, leem para si.

ELA: “RUDE”.

ELE: “TEM FEITO HORAS EXTRAS DEMAIS E ISSO TEM AFETADO SEU RENDIMENTO”.

ELE: Bom dia.

ELA: Fala.

ELE: Tenho trabalhado aqui há tanto tempo, você sabe...

ELA: Sei de coisas demais.

ELE: São tantas horas extras que não consigo contar. É só trabalho e mais trabalho.

ELA: Trabalho e mais blá blá blá.

ELE: Olha, só quero que as coisas funcionem aqui. Tenho feito tudo que está ao meu alcance, dou meu sangue por esse lugar, não tenho rendido como antes. Só você pode me ajudar... Pensei em folga ou, não sei. Se tiver outra alternativa.

ELA: Meu conselho é que você vá ao banheiro, lave o rosto e volte a fazer o que você faz todo o dia, seja lá o que for.

ELE: Estou fazendo o melhor que posso. Você nunca se sentiu assim?

ELA: Aposto que tem muito o que fazer e, olha que coincidência, eu também tenho. Quando sair feche a porta.

ELE: Não pai, você tem que me ouvir, você é um inútil, VOCÊ!

Pausa longa.

ELA: Olha para mim, está tudo bem.

ELE: Isso é idiotice!

ELA: Você ter me chamado de pai? Só para constar meu nome é bem mais bonito.

ELE: Dinâmica. Não tem coisa mais estúpida que essa. Eu não saí de casa para fazer teatrinho e duvido que essa será última. Se eu tiver que fazer aquela que preciso vender um produto... eu largo.

ELA: Se me pedirem para plantar bananeira eu faço, não tenho outra opção. E sinceramente, essas dinâmicas não me parecem tão ruins, achei divertido. Pode apostar que elas não são seu maior problema. Você acha que eu não percebi o quanto você se coça? Quem vai querer contratar alguém assim? Ainda há tempo de desistir.

ELE: Eu aposto que nunca estive em um processo seletivo como esse, então sua opinião não vale absolutamente nada. Você não sabe nada sobre mim. Está na cara que não tem a menor qualificação para trabalhar aqui. Que tipo de pessoa acha dinâmicas em grupo divertidas?

ELA: Tenho qualificações suficientes para perceber que é um problemático.

ELE: *(Aumenta a voz)* O que você está fazendo aqui?

ELA: *(Sente a cabeça latejar. Sussurrando)* Fala baixo.

ELE: Parece que não sou o único problemático da história, é sutil, alguns músculos do seu rostinho se contraem quando a dor aparece de surpresa.

ELA: Então você estava reparando em mim.

V

ELA: Assim, sem mais nem menos? Fala aonde você vai pelo menos. Como vou te encontrar, pai? Você tem uma família e ela precisa de você. Olha para mim. Dinheiro? Eu sei que a gente precisa, mas dá para conseguir sem ter que sair da cidade, do estado, seja lá o lugar que você está indo. Pare de dobrar essas roupas, pare de fingir que não me vê... Promete? Aqui, toma, fica com o dinheiro do meu remédio, é pouco, mas talvez ajude em alguma coisa. Pega! A enxaqueca não é pior do que ver você deixar as pessoas que te amam sozinhas. Paizinho, vai caminhar um pouco e daqui a pouco você volta. Tudo bem? Ele deixou as malas com as roupas e a foto que sempre carregava consigo. Me enganou. Vai voltar. Ele havia prometido. Ele vai me encontrar, porque eu permaneci.

VI

ELA: Mais ou menos um ano e meio. As contas atrasaram, por isso não abri os e-mails, não tive como. Fiz meus trabalhos no telecentro, você sabe, o tempo lá é limitado, precisava fazer tantas pesquisas. Eu vou pagar tudo, prometo! Ok, tudo bem, promessas não são garantias, mas é tudo que posso fazer no momento.

ELE: Tudo o que eu tenho feito é entender. Faço o que mandam. Eu, o que todos veem como sortudo, como o premiado, sou um idiota, um idiota.

ELA: Sim, um ano e meio atrás as coisas começaram a ficar difíceis, meus pais tinham, quer dizer, têm um negócio, não era algo grande, mas era o suficiente para pagar parte da mensalidade que a bolsa não cobre. Não sei o que aconteceu para sua quase falência. Quer saber? Isso não importa.

ELE: Abri mão do meu intercâmbio, de iniciar minha carreira com o pé direito porque era mais seguro ficar, porque precisava ficar, simplesmente precisava, porque você achava que deveria ser assim.

ELA: Você não tem noção de como minha vida está, seu maior problema é menor que o meu menor problema, tenho certeza, imagina se eu chegar em casa e a luz tiver sido cortada, não gosto nem de pensar. Não imagina como é desesperador não ter comida suficiente para um mês inteiro, deitar mais cedo deixando todas as luzes apagadas para que a conta não venha tão cara, tentar dormir e não conseguir, porque a enxaqueca está me consumindo.

ELE: Eu não quero a sua vida, não vou viver como você.

ELA: Preciso terminar esse curso, preciso ajudar minha mãe, preciso que minha cabeça pare de doer. Falta pouco para minha para minha colação de grau. Financiamento estudantil? Não! Juros demais. Eu vou dar um jeito!

ELE: Minha mente pune o meu corpo. Não encontro amparo, nem repouso naquele que deveria garantir meu bem-estar.

ELA: Meu pai vai voltar, ele disse que voltaria com uma solução, com dinheiro, faz um ano. Ele prometeu.

ELE: Não pai, você não faria tanta falta. Esse será o último desejo seu se cumprindo em mim.

VII

ELE: *(Coceira. Como se o triplo de formigas andassem e picassem seu corpo)* Acho que esqueceram de você.

ELA: Te chamaram e eu não ouvi?

ELE: Vão chamar daqui a pouco, espera só.

ELA: Se esperar mais crio raízes, mas o que eu posso fazer?

ELE: Partir.

ELA: Você devia.

ELE: Poderia.

ELA: Tchau!

ELE: Não é tão simples, é uma questão de honra.

ELA: A necessidade é mais importante.

ELE: Vou provar que eu posso.

ELA: Provar o quê? Para quem? Para de se coçar!

ELE: Obrigado pelo conselho, não tinha pensado nisso.

AMBOS: *(Para alguém que passa)* Boa tarde!

VIII

ELA: Tentei fazer o que o senhor recomendou, tomei os comprimidos receitados, pelo menos. O escuro não me ajudou a repousar, não dessa vez. Também tenho sentido náuseas e fadiga, só que eu não posso me dar ao luxo de descansar, não dá. Por quê? O senhor tem bastante tempo? A história é longa... meu pai ainda não voltou e as contas não se pagam sozinhas. Aquela música é o que melhor tem funcionado nas crises... Claro, vou fazer tudo... Ah, não sei se volto, eu meio que... como posso dizer... me demitiram, perdi o convênio. Medicação no final do corredor como sempre? Obrigada, doutor.

ELE: Na minha perna, algumas manchinhas vermelhas começaram a crescer, se espalhar, descamar. Sim, arde, mas a coceira vai me enlouquecer. Eu tive uma inflamação na garganta muito forte com pus e tudo, pouco depois vieram esses sintomas, quer dizer, começaram assim e só tem piorado, se espalham por outras partes do meu corpo. Não é sempre, quando eu passo por certas emoções negativas tudo acontece. Não me interessa saber o que isso é só preciso da cura, doutor... Repete. Como assim não há cura?

ELA: Não lembro muito bem como começou, foi devagar, quase imperceptível e foi aumentando, aumentando, aumentando. Assim como meus problemas, responsabilidades, preocupações, a vida como um todo. Você pode me dar dois comprimidos, por favor? Para dobrar o efeito. Ninguém vai saber, não por mim... Ok, tudo bem, eu entendo... Você é uma ótima ouvinte, igualzinha minha mãe, mas quer saber? Acho que esse é o problema, ela escuta demais, só escuta, se houvesse um pouco mais de esforço não estaríamos nessa situação, sou eu que estou no olho do furacão.

IX

ELE: Para o meu pai. Vou mostrar para o meu pai que eu posso. Posso conseguir essa vaga e tudo mais que ele tem na metade do tempo que levou para obtê-las. Você deve entender, lembrou do seu pai só de olhar nos olhos de um desconhecido

Silêncio profundo.

ELA: Honra... Para quê, hã?! Honra. Chega a ser engraçado agarrar algo com unhas e dentes por um sentimento, para desfrutar do bom conceito que seu pai terá de você. O bom conceito, conceito, isso é tão abstrato. O sentimento é importante, mas coisas boas também são palpáveis e você pode senti-las na sua palma.

ELE: Não é tão simples...

ELA: Nada é simples.

ELE: Só quero paz no fim do dia, me aquietar. Não sou um completo inútil que não faz nada que presta.

ELA: Claro que não. É preciso ser mais forte para se anular do que para fazer sua própria vontade. Tem que ser corajoso, mas muito corajoso para enfrentar a concorrência (*aponta para si*) nesse lugar.

Ele ri.

ELA: Você sabe sorrir.

ELE: Eu sou muito simpático.

ELA: Só não demonstra. De verdade, seu lugar não é aqui, você devia ir.

ELE: Conte algo tão íntimo e você se aproveita para tentar me fazer desistir.

ELA: Tentar te ajudar. Uni o útil ao agradável e para mim essa vaga representa os dois.

ELE: Vai precisar de muito mais do que essa lábia para me desencorajar, darling.

ELA: Que seja, honey. And my English is a lot better than yours. I'm pretty sure of it (E meu inglês é muito melhor que o seu. Tenho certeza disso) Você não é o único bilíngue do recinto.

ELE: Nada mal para quem nunca fez um intercâmbio.

ELA: Ou seria, muito melhor do que o inglês daquele que já esteve em outros países?

ELE: É uma experiência enriquecedora, devia experimentar.

ELA: "...o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização de nossos desejos" já dizia a grande escritora.

X

ELA: (*Escuta o 1º Movimento de Moonlight Sonata, de Beethoven*) "Não lembro muito bem como começou", sempre digo isso. No fundo eu me culpo por não lembrar o motivo exato que a fez se instalar, mas como poderia? Aparece de tempos em tempos, de problema em problema, preocupação em preocupação, nunca fica esquecida, como aquela pessoa que vem te visitar sempre, aquela visita indesejada.

Vem chegando devagar como mãos pequenas e delicadas sulcando a terra para plantar uma sementinha em estado de latência, que logo fará minha cabeça pulsar. Começa a germinar, a dor aumenta, parecem raízes abrindo espaço no meio desse monte de terra que é o meu cérebro e de repente o broto perfura. Começa a crescer, cresce, cresce, as raízes estão maiores, precisam de mais espaço e se fixam, cresce, cresce mais, se transforma em uma árvore frondosa. (*Dor. Como um machado fincado no tronco da árvore. Cantarola um trecho de Moonlight Sonata*) Me deixa nauseada como nunca antes, minha cabeça pulsa, pulsa, pulsa como passos de alguém decidido batendo no solo e que com seu machado cego golpeia a árvore diversas vezes. O alimento dessa planta que chamo de minha dor são as energias do meu corpo, me sinto fraca, me faz tombar.

XI

ELE: Redação, era só o que me faltava.

ELA: Você realmente vai reclamar de cada etapa do processo seletivo?

ELE: É só fazer a droga da entrevista e pronto.

Ambos se olham.

ELA: Você não só tem os olhos do meu pai como o jeito de reclamar também, só que você fica e insiste, tenta conseguir mesmo contrariado. Se foi e ainda não voltou, nem sei se vai voltar. Ele prometeu, infelizmente promessas não são garantias. *(Para si)* Paizinho, seu idiota, cadê você?

AMBOS: Se quiser te dou o... meu.

ELE: Não! Pensando bem isso não vai te ajudar nem um pouco.

ELA: *(Sorri)* Shh! Termina isso logo, espero que esteja horrível.

ELE: *(Para si)* Ela também sabe sorrir.

Ela toma um comprimido.

ELE: Sabe que vou conseguir essa vaga certo? Nada contra você, só estou dizendo isso para que não fique tão chateada.

XII

ELE: *(Coceira. A ponto de fazê-lo querer se coçar com facas)* Fui correndo para a cozinha, eu não queria fazer aquilo, tentei de tudo, mas nada resolvia, não havia ninguém para desabafar ou que iria me ajudar do jeito que eu precisava. Relutei, abri a gaveta, elas estavam lá, polidas, impecáveis, segurei uma bem firme, por um instante vi o borrão dos meus olhos vermelhos e úmidos refletidos. A faca de serra percorreu as partes do meu corpo, não conseguia aguentar aquela coceira, pensei que enlouqueceria. Quando uma formiguinha anda na pele é quase imperceptível, um leve sopro a leva para longe, de formiga em formiga se forma um formigueiro, ela já se manifesta assim, como um formigueiro cheio de vida. E a coceira aumenta, aumenta, só aumenta, como... Não sei, mas faz me querer coçar com um ancinho, com cacos de vidro, com facas, desesperadamente. E como poderia esquecer? Manchas vermelhas com cascas esbranquiçadas se instalam em qualquer parte da minha estrutura, qualquer parte mesmo, às vezes mais, às vezes menos. Não as mostro, não me mostro, quem me ama, que me ame de longe.

XIII

ELE: ...Não importa, já disse o que tinha para falar, aceita se quiser.

ELA: Quer saber? Pensar, é disso que precisa: pensar. Por que você acha que fui chamada aqui? Por dó? Não! Querendo ou não EU tenho qualificações suficientes para este cargo, talvez mais que você.

ELE: Por que não põe outro comprimido nessa boca e se cala?

ELA: Isso não é brincadeira e pelo visto não sou a única que precisa de medicação aqui.

ELE: É uma doença, psoríase.

ELA: É uma doença, enxaqueca.

ELE: Doença? É só uma dor de cabeça estúpida, igual a você.

ELA: *(A dor a golpeia muito forte, como o machado cego batendo no tronco da árvore)* Calado! Imagino que esconder as manchas para que ninguém as veja, sentir vergonha de si mesmo, deve ser horrível. Só não desconta isso em mim, estou avisando!

ELE: Não é isso... é só...

ELA: Então me mostra. Anda! Me mostra as manchas agora.

ELE: Não encosta!

Se aproximam cada vez mais. Seus rostos e corpos estão muito próximos a ponto de sentirem a respiração um do outro.

ELE: Desculpa, eu não devia ter falado aquelas coisas. É que você não sabe como é ficar sem dormir, sentir a agonia se tornar em desespero.

ELA: Sentir a mente punir o corpo.

ELE: Saber que a origem desse mal não é física e...

ELA: Não conseguir fazer quase nada para melhorar.

ELE: Meu desejo mais forte é poder me...

AMBOS: Aquietar.

Silêncio profundo.

ELA: *(Se afasta)* A redação... não terminei ainda.

XIV

ELA: Nada. Absolutamente. Não acreditei que isso pudesse acontecer, estava totalmente livre, por algumas horas, mas já é alguma coisa. O escuro já amenizava um pouco o sofrimento, me abraçava, a menor luz que houvesse me feria, a luz que não viesse do céu *(Final do 1º movimento de Moonlight Sonata e começo do 2º movimento)* Não precisei do breu aquele dia e dancei conforme a música mais melancólica e feliz ao mesmo tempo que já ouvi. Consegui olhar as estrelas, pequenos pontos prateados que ainda assim são maiores que eu, mas naquele momento me senti maior que eles e a lua, o círculo mais perfeito e brilhante visto por esses olhos. Acho que nunca havia contemplado nada antes. Me senti no controle e sem medo de buscar o que quer que fosse. Absolutamente livre, por algumas horas, mas ainda assim livre. Quando tudo foge do controle e o escuro me abraça forte, tento lembrar da sen-

sação, daquela sensação de... Eu já disse livre?

XV

ELE: *(Para alguém que passa)* Boa ...

ELA: Noite?

ELA: Droga! Minha aula!

ELE: Você vai largar? Assim?!

ELA: Não posso faltar.

ELE: Preciso do meu remédio, já passou da hora.

ELA: Quer saber de uma coisa? Isso aqui não vale a pena. E... se os dois largarem que mal tem?!

Ambos se aproximam a ponto de sentirem as batidas do coração um do outro. Se beijam.

ELE: Melhor a gente...

ELA: Claro.

Ambos dão um aperto de mão. Saem.

Ela volta para a sala de espera. Pausa longa. Como se alguém a chamasse.

ELA: Boa noite. Eu mesma.

FIM



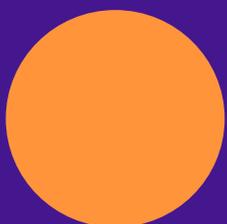
Silvia Alves é uma atriz de São Paulo/SP, formada pela Etec de Artes em 2018. Atuou profissionalmente no espetáculo "Utopia na Era da Incerteza". Além de sua dedicação às artes dramáticas, Silvia nutre um profundo amor pela escrita e pela música, expressando sua criatividade e sensibilidade em várias formas de arte. Atualmente é estudante de Moda na Faculdade Santa Marcelina.

DESVÃO, KASARTH

LUCAS PROFÍRIO

"Entre as ruínas de uma cidade devastada pela guerra, três mulheres se veem na luta pela sobrevivência, questionando-se sobre o sentido de seguir existindo. As memórias de um filho, a gestação de uma criança e a chegada de três soldados, tornam o enredo ainda mais complexo e angustiante. Como em um movimento espiralar, construído pela repetição de palavras e ações e pelo emergir de novas situações que se relacionam, a dramaturgia faz passado, presente e futuro conviverem numa tensão constante. Com diálogos dinâmicos e situações que parecem ter por inspiração elementos da tragédia e uma certa lógica beckettiana, o texto envolve pela forma e apunhala pelo conteúdo. "

Thiago Leite



PERSONAGENS

Alma

Yatima

Helena

Soldado I

Soldado II

Soldado III

Epígrafe ou O Canto Solitário

*Não há jardins, não há flores
Há cogumelos atômicos, em temperatura solar
E tudo refulge de prata mortal.
Comida que se produz não é alimento
É lucro, boca não alimenta.
E quem tem fome come até o assassinato do homem.
Não existem mais noites, essas
Banidas foram para algum lugar outro.
Os sonhos engolidos pela boca ruidosa dos destroços.
E a vida não é isto?
Grande aprendizado da solidão?
Ou a vida é aquilo? Vozes de não.
Eles me tiram tudo o mais,
Eles me ditam tudo o mais
Eles... quem são eles?
Meus filhos e eu, não sabemos
Meus filhos choram, eu lhes bebo as lágrimas
Veja, que miserável sou.
Ontem filho nosso chorou mais uma vez dizendo
Que em sua barriga havia um oco,
Vácuo espacial
E me perguntava “onde posso comer?”
No mundo meu filho
“E cadê a comida?”
No mundo meu filho
“E não comemos por quê?”
Porque o mundo não nos pertence meu filho
“E eu durmo sem comer?”
Dorme meu filho, o sonho alimenta.
E ele dorme tranquilo, com amor que nada exige
E ele dorme, até não precisar ter fome.*

CONSTITUIÇÃO ATMOSFÉRICA

República independente de Kasarth. Um estreito território de 365 km² localizado no Oriente Médio. É banhado pelo mar Mediterrâneo. Cenário de destruição, ruas devastadas, inúmeras construções em ruínas. Destroços, objetos e toda matéria orgânica chamuscada por brasas que ainda não se consumiram totalmente. O céu está fechado em nuvens massivas e negras. Um carro velho e abandonado, modelo Corolla, que não funciona, segue único numa rua como muitos outros abandonados em grandes cidades. Sua lataria está completamente amassada e deteriorada, mas sua carcaça segue estruturada, com as portas no lugar, faltando-lhe somente o pára-brisa que agora dá lugar a papelões. Um lugar ermo. Parece que vai chover.

Alma sai do interior do carro.

ALMA: Parece que vai chover.

YATIMA: *(Do interior do carro)* Você só sabe dizer isso.

ALMA: A verdade é que sempre parece que vai chover. Ou você não repara no céu, que está sempre cinza?

YATIMA: Não tenho tempo para isso. Além do mais, que novidade há nisso? Já que o céu está assim há dias?

ALMA: Novidade nenhuma.

YATIMA: Então?

ALMA: Então? Então o quê? Então nada. Você poderia deixar de ser tão negativa às vezes, né? É o que acho.

YATIMA: Negativa, eu? Vejamos... *(Saindo do interior do carro)* você fala em eu ser negativa, pois bem, você se lembra daquela vez em que eu lhe disse: Alma, acho que de hoje nós não passamos, estamos perdidas, nossa água já acabou faz horas e a comida muito em breve também, vamos morrer! Pois fique sabendo que somente alguém com muita esperança diria algo assim.

ALMA: *(Se dirigindo para o porta-malas do carro)* Dane-se as esperanças! *(Tentando abri-lo)* Você vai me ajudar ou não vai?

YATIMA: Tenho escolha?

ALMA: Anda. Pode começar a chover a qualquer instante.
Yatima vai até o porta-malas. Abre-o. Tira dois baldes.

YATIMA: Ihh... acho que só temos um balde. *(Mostra o balde furado)* Olha só, o furo é tão grande que passa a minha mão. Não vai dar para usar.

ALMA: Agora essa! Bem, ainda temos esse.

YATIMA: Sim, e temos o resto da água da última chuva.

ALMA: Que já deve estar no pote... há uns seis dias? Não deve prestar.

YATIMA: E água estraga? Disso eu não sabia.

ALMA: Pois estraga sim. É eu que não vou tomar água estragada.

YATIMA: Tudo bem, madame. Quero ver quando estiver seca de sede.

Ouve-se o estrondo de uma explosão. Alma puxando Yatima para o interior do carro e fe-

chando a porta. Yatima abaixa o vidro e põe a cabeça para fora.

YATIMA: Desgraça! Alma, essa bem que podia ter nos matado.

Yatima desce do carro. Alma vem logo atrás.

ALMA: Meu coração ainda para de bater com uma dessas!

YATIMA: Não fala bobagens Alma, você sabe que para morrer neste limbo é difícil. E não podemos contar com a sorte. E outra: se você morrer não vou ter quem me massageie os pés à noite.

Alma vai até o porta-malas e busca um pequeno banco. Volta e põe no chão o banco. Sentta-se.

ALMA: Pois eu não aguento mais. Dia e noite eu espero, e espero, e espero... será que estou condenada a ter esperança? Filho... meu filho, quando eu volto a te ver? Sua mãe... eu... vou te esperar o tempo que for preciso. *(Se levantando)* Yatima, eu já te falei do dia em que fomos no lago e um pato bicou ele na barriga? Ele era tão pequeno e fazia...

YATIMA: Sim, você já me contou essa. Uma dezena de vezes...

ALMA: Você tem certeza disso?

YATIMA: Oh! Se tenho! Mais do que eu gostaria na verdade... “Ele tinha nove anos quando...”

Yatima se sentando no banco.

ALMA: Mas me faz bem contar! Ele tinha nove anos quando, numa tarde, eu e ele, fomos no lago que ficava à uma hora da nossa casa. Eu tinha deixado tudo separadinho na cesta de palha que sempre cabia de um tudo. Lá dentro botei duas toalhas, dois sanduíches, duas frutas, um bolo de laranja, uma garrafa de refrigerante de uva e dois pratinhos. Ele ama refrigerante de uva, nunca vi alguém gostar tanto. Era só eu e ele. Pegamos o ônibus de manhãzinha para aproveitarmos o dia ao máximo. Chegando lá, Yatima, como tudo estava lindo! E ele não parava de me pedir “mamãe, mamãe, vamos entrar na água com os patos, vamos!” e nós fomos. Entrei no lago com ele nos meus braços, a água estava tranquila, quase ordenada, parada no tempo, então, eu o deitei na planície azul e com a mão em concha eu lavei o rostinho dele. Cada pálpebra, cada cílio, cada bochecha foi lavada por minhas mãos. Eu era mais que sua mãe, eu era a sua Alma. E ele o meu menino. *(Silêncio)* Por isso não faz mal que você não venha agora meu filho, eu te espero e vou te esperar o tempo que for preciso.

YATIMA: E a parte do pato?

ALMA: Essa eu já não lembro mais.

YATIMA: Agora essa. Olha Alma, não faz mal esquecer, contanto que... enfim, será que agora podemos nos situar? Ver os “aondes”? Hein?

ALMA: Começa você.

YATIMA: Bem... podemos... é... podemos seguir por aqui..., não. Não. Sigamos por ali, e depois... viramos ali. E depois...

ALMA: Você não faz a menor ideia, né?

YATIMA: Não... Quer dizer, é claro que sei, é que, é que... sei lá, as ruas já não são as mesmas, nem os prédios, nem o chão, entende? E parece que os caminhos se embaralham em minha mente. Olha essa rua bem aqui à nossa frente, ela antes me parecia, não sei ao certo... agora meus olhos, daqui de onde estamos, ele enxerga nesta mesma rua um alçapão, algo penumbroso, com rostos desconhecidos que me fitam, eu não compreendo (*ri*) me sinto desorientada enquanto me olham, não sei o que fazer com olhar deles.

ALMA: Yatima, o que vejo é um amontoado de coisas partidas.

YATIMA: Hm, talvez esteja delirando... ou, ainda não saiba a que voltar.

ALMA: Como não sabe? Digo: como não sabe para onde voltar?

YATIMA: Eu somente sei que não sei! Por que sempre temos de saber tudo? E não saber, hein, por que sempre temos de passar a falsa impressão de que sabemos tudo quando na verdade somos uns ingênuos, hein? Lembro-me apenas que, esse onde, não era o meu lugar. Acho que não era. Não sei. Então fugi, ou, sei lá, fui raptada, eu só não me lembro. Não me importa! (*Breve pausa*) Acho que uma fronteira..., isso! Uma fronteira que cruzei, era preciso, era isso ou a morte: e eu escolhi viver. (*Pausa*) E então, quer morrer aqui? Você nem ao menos tenta.

ALMA: Óbvio que não, mas... e se desencontro do meu filho? E se ele vem me encontrar? E se eu não estiver aqui, ele não vai me encontrar, e se ele me perder, eu estarei perdida. Não posso ir! Olha não faz mal... quase todas passamos por a metade da vida descontraídas, sim? Não por nós, é claro, mas pelos outros que vão nos fazendo desconhecer.

Aparecendo na janela do carro.

HELENA: Será que vocês podem fazer menos barulho? Estou tentando cochilar.

ALMA: Como se fosse conseguir. Helena, já não está na hora de você ir atrás de comida, eu fui hoje cedo e Yatima cuidou disso ontem pelo que recordo bem, não é a sua vez?

YATIMA: Não é, mademoiselle?

HELENA: (*Saindo do interior do carro*) Ah, o que vocês não me pedem sorrindo que não faça chorando.

ALMA: E não demore, parece que um temporal se aproxima, não vai querer estar desabrigada quando a chuva começar.

YATIMA: Isso! Não se preocupe com as bombas.

ALMA: Não dê ouvidos a ela, bem, vá e procure pelas lixeiras do quarteirão norte, não tentamos por lá ainda. E não traga nada tão mal cheiroso, não sei se suportaria.

YATIMA: Eu sim, pode trazer tudo que puder.

Ouvem-se sons de tiros ao longe.

YATIMA: Vai logo, antes que não dê mais tempo.

PEÇA-ME A TUA FOME *O mesmo lugar ermo. Não choveu.*

ALMA: Pode-se buscar um outro lugar e isso não garantiria a vida, morrer é para todos os lados.

YATIMA: E ficaremos?

Vem chegando alguém. Com as mãos estendidas, segura um pote vazio.

HELENA: Venho de não tão longe daqui e estou com muita fome, irmãs, vocês podem me dar o que comer?

YATIMA: Não temos.

ALMA: O que ela quis dizer é que não temos muito, entende?

HELENA: Não ter muito é mais que nada, certo? *(Ainda estendendo o pote vazio)*

YATIMA: Conversa fiada! Olha, você queira nos desculpar, no entanto não temos nada para te dar, acho até mesmo que caminhando um pouco mais à frente...

HELENA: Não estão vendo minha miséria, olhem, eu já não estou parecida com ela? E não tenho fome só por mim *(levantando a roupa, mostra a barriga)* sejam melhores do que se pode, me deem algo, um naco de pão, migalhas talvez, isso conta, só me deem o que comer.

YATIMA: Está surda? Já falamos que não temos, por que não vai mendigar por outra parte?

HELENA: Já que não há outra maneira... *(saca do bolso um canivete)* vê? O que tenho em mãos? Isso mesmo! Eu tentei ser amigável, eu juro que tentei. E vejam só vocês, duas meretrizes sujas, duas malditas sem compaixão alguma. Saibam que não terei pena!

ALMA: Por tudo de bom que ainda existe não nos...

YATIMA: *(Falando baixo)* Não é hora de arregar, Alma, chegou nossa vez! *(Para Helena)* Por favor, quero ser esfaqueada pelas costas, pois sempre achei muito poético.

HELENA: Calada! *(Volta o canivete em direção a própria barriga)* Quero saber se as duas meretrizes enxergam bem, sim!? Pois vejam! Tenho uma arma e não tenho medo de usá-la!

YATIMA: Mas...?

HELENA: Calada! Eu já disse. Não estou para brincadeira! Entendem bem o que vocês estão prestes a fazer? Ao fim de tudo isso, suas mãos estarão tão encardidas quanto a pele de um porco, nada, absolutamente nada livrará vocês de si mesmas. Compreendem? Não temo a vida, não temo a morte nem tampouco a culpa. Mas e vocês? Temem por seus atos criminosos, temem por...?

YATIMA: Você só pode estar maluca... enfim, se for da sua vontade vá em frente, inclusive tem todo o meu a...

Alma vai até o porta-malas e volta com um saco de papel.

ALMA: Aqui tem um pão, pode ficar com ele.

HELENA: Obrigada! *(Come com fome milenar)* Não há quem lhes pague.

YATIMA: Sim! Não há! E fique sabendo disso, pois já não temos nada. E quando falo em nada, falo em tudo. Não temos nada! *(Para Alma)* por que não vamos embora daqui?

HELENA: Não podemos.

YATIMA: Acho que não falei com você...

HELENA: Não temos para onde ir. Eu mesma já tentei uma vez, e, como vocês podem constatar, não cheguei a nada e, nada por nada, eu prefiro o nada em que já me encontro. Além do mais, andar demais cansa.

Ouve-se o estrondo de uma explosão ao longe.

ALMA: Parece que tem alguém vindo, o que faremos?

HELENA: Nos render.

ALMA: Não seremos entreguistas! Temos de ter coragem, muita coragem, e, então...

HELENA: Fugimos?

ALMA: Já falei que não vou, tenho de esperar meu filho!

HELENA: E onde está ele?

ALMA: Ele... ele saiu pela porta da cozinha quando vieram buscar ele, em nome não sei de quem, eu falei que era um mal-entendido, que o meu filho não poderia e nem saberia como empunhar uma arma, quem dirá matar e, em nome do quê? Então eles me disseram: senhora, seu filho lutará, ele será um homem. E lá se foram anos, incontáveis anos. E ele era só um menino, entende?

HELENA: Sim, mas e ele, onde está agora?

ALMA: Me custa lembrar, algo está apagando-o de mim. Droga, merda, não consigo me lembrar! *(Pausa)* Quando ele saiu pela porta eu disse a mim mesma que o seu rosto...

Ouve-se ao longe o marchar de tropas. Sons de tiros, explosões e gritos.

YATIMA: Vamos! Vamos! Entrando no carro.

Se escondem no carro. E aguardam.

A MARCHA JUSTA

Por ruas semi-devastadas.

SOLDADO I: *(Cantando)* Marchamos todos iguais, marchamos todos iguais...

SOLDADO II: Quer se calar idiota?

SOLDADO I: Ei, relaxa! Já está no papo, mais alguns quilômetros avançados e esse lugar de ninguém será democratizado. Só nos resta declarar o território como pronto para ser um novo estado onde a democracia nascerá. Vê? Não tem ninguém aqui, não tem ninguém que nos peite. Munição temos até de sobra, quem se arrisca? Agora, é só chegar ao local marcar, sinalizar e esperar a chegada da tropa. Fácil, fácil. Então relaxa aí. *(Voltando a cantar)*

Marchamos todos iguais,
Marchamos todos iguais,
seguimos em frente
com passos brutais,
marchamos todos iguais,
marchamos todos iguais...

SOLDADO III: É assim mesmo, esse daí não sabe calar a boca, um verme. *(Pausa)* Quantos matou hoje?

SOLDADO II: O necessário para estar aqui. E você?

SOLDADO III: Isso lá é resposta? Não seja tímido, vamos lá cara, quantos foram? Isso sem contar a puta esfomeada que você acaba de matar, quem mais? Se tiver um número maior que o meu... já sei! Podemos apostar, o que acha? Para dar um pouco mais de emoção.

SOLDADO II: Não estou a fim cara.

SOLDADO III: Isso porque já sabe que eu vou ganhar, eu entendo.

SOLDADO II: Cara, sério, não enche.

SOLDADO III: O que você tem? *(Pausa)* Ah, não vai me dizer... ah fala sério, não vai me dizer que aprendeu o “remorso”, aqui e agora?

SOLDADO II: E o que você sabe sobre ele?

SOLDADO III: Sei muito pouco, é verdade. Mas o que pode um sentimento tão inócuo de autocomiseração? Para quê? O que faremos, o que estamos fazendo, é combater a indiferença. Todos têm o direito a uma terra livre e próspera.

SOLDADO II: Então é isso o que fazemos?

SOLDADO III: E não é óbvio!

SOLDADO II: A mim não parece tão...

SOLDADO III: Veja, essas pessoas precisam de nós, nós que as levaremos enfim a uma vida digna, justa em seus princípios. Que se justifique. E se me permite dizer, na guerra, pessoas inocentes sofrem.

SOLDADO II: Então você acredita que a morte...

Ouvem-se barulhos a poucos metros.

SOLDADO III: Cala a boca. Escutou isso? *(Caminha à frente dos outros)* Parece estar vindo daquele canto. *(Empunhando a arma)* vejam, parece estar vindo dali, de dentro do carro.

SOLDADO II: Eu não escutei nada.

São disparados dois tiros na roda do automóvel.

SOLDADO III: Saiam com as mãos levantadas! Saiam devagar, depois ajoelhem-se, bem devagar. Somos três homens, estamos armados e matar é desejo comum. Saiam e se rendam ou não serão poupados.

PLASMAÇÃO NO TEMPO

Ainda sem chuva.

HELENA: Parece que vai chover.

ALMA: Foi exatamente o que disse!

YATIMA: Vocês não se cansam não?

HELENA: Cansar de quê?

YATIMA: Disso aí, de tentarem prever. Já que parece não fazer mais sentido prever as coisas por aqui. É outra: vocês só sabem adivinhar o óbvio.

HELENA: Sim, mas...

ALMA: Pois também eu, só sei adivinhar o que já foi. Tenho clarividências, só o passado me chega.

HELENA: Concordo com a Alma. Ei, Yatima, por que não busca os baldes?

YATIMA: Já o fiz. E se trata de um só balde, agora.

HELENA: Ótimo! Agora essa.

YATIMA: Por que não vamos embora daqui?

HELENA: É óbvio, não podemos. Não temos para onde ir. E lembre-se, já tentamos uma vez, e, como você mesma pôde constatar, não chegamos a nada. E nada por nada, eu prefiro o nada em que já me encontro. Além do mais, grávida cansa rápido.

YATIMA: Então querem morrer, aqui? Vocês não pensam, não pensam! Só de estarmos aqui, se é que vocês me entendem, me parece que há muito já morreremos...

ALMA: Chega, está bem? O que temos de fazer é ser pacientes.

YATIMA: Lá vem você...

ALMA: Temos de meditar, isso! Vamos, vamos, meditem! *(Se colocando no chão e cruzando as pernas como quem vai entrar em sonho meditativo)*

HELENA: E sobre o que exatamente vamos meditar?

ALMA: Sobre o nada, não se vê? *(Olha para o nada)*

YATIMA: Eu que não vou. Vocês são umas tolas, não veem que não existe a menor possibilidade?

HELENA: YATIMA.

YATIMA: O que foi?

HELENA: Você não está me permitindo meditar.

YATIMA: Burras! *(Volta para o interior do carro. Bate à porta)*

Silêncio.

HELENA: Ela tem razão, não tem?

ALMA: De quê?

HELENA: De que não prevemos, de que não vai chover, de que esperar é só esperar?

ALMA: Não! Não e não, esperar tem propósito, se chega a alguma coisa sim, disso eu sei. E por isso se espera, pois algo há de vir, ou... também se espera para que se justifique uma ausência? Ai, vamos parando com esse papo que estou me cansando, que coisa!

HELENA: Sim, sim..., mas e a criança que carrego, o que ela espera?

ALMA: Não sei. Talvez o que já não se tem mais.

HELENA: No mundo de antes do agora, eu não esperava por nada, sabe? Acho que não tinha pelo que esperar. A esperança nunca tinha me feito mal, sim, mas, bem é que não teria me feito... e agora tenho quem me espere. Não é louco?

ALMA: No antes do agora eu sonhava com um outro depois. Eles que afirmam “O homem justo deve proteger a sua nação” não entendem nada sobre proteger. Em absoluto nada. Tiraram tudo o mais da gente, nos tiram a dignidade, nos tiram o que comer, nos tiram o que vestir, nos tiram o abrigo, nos tiram dos nossos, nos tiram de um tudo, e fazem disso um brasão de seus orgulhos, das batalhas que, eles, jamais chegarão a travar com os próprios punhos. *(Pausa)* E isso era tudo e somente o que eu tinha, entende? Penso eu que, eles, somente batalham pela miséria generalizada dos outros, que não vai os atingir. Eles... quem são eles?

HELENA: Certamente não devem de ter os nossos rostos. Fique calma.

ALMA: Como posso ficar calma? Nada me prova que devo ficar. Acho que Yatima tem razão, temos de imediatamente sair daqui.

YATIMA: *(Saindo do carro)* Não iremos a lugar algum!

ALMA: Como?

YATIMA: Isso mesmo.

HELENA: E não se pode ir por qual razão?

YATIMA: Ora, temos de esperar por algo.

HELENA: Já não creio mais em fantasmas de esperanças. Alma, você vem?

ALMA: *(Num transe vertiginoso)* É quase como se não conseguisse e eu mal entendo isso, compreende? É quase uma imobilidade anunciada... algo que há muito me esqueceu, uma prisão sem grade de lembranças... sobre o que estou falando? Acho que sobre algo esquecido, lembram-se?

YATIMA: *(Se compadecendo de ternura cintilante)* Então ficaremos e juntas lembraremos.

HELENA: Como, se já o tentamos? *(Chorando mansamente)* Como? Se não existe uma rota de fuga nas lembranças. Como? Se estamos apagadas e tudo parece um hoje incessante. Como? *(Eriçada de bem-aventurança)* Precisamos tentar novamente, mais uma vez, para que uma verdade não se torne outra, para que o presente não se consuma em um para sem-

pre.

ALMA: Eu vou, eu vou com você. Eu não tenho o porquê ficar.

O QUE PASSA

Em outro lugar, pré-ruínas.

SOLDADO III: Eu vim parar aqui porque não tive quem me livrasse, saca? Não gosto deste tipo de papo, mas, se é para ser franco, eu o sou: fui descartado como um nada, um João-ninguém. E isso fez de mim tudo o que sou agora: um semideus. Sim, isso mesmo, um alguém sem carecer dos outros. Bobeira das grandes achar que, sozinhos, não seguimos. Quem foi que disse essa merda? Eu daria um tiro na testa como lição a quem disse.

SOLDADO II: Relaxa cara, muitos aqui partilham do mesmo caso, uns de situações mais lamentáveis ainda.

SOLDADO III: Eu nunca vou esquecer do dia no qual ela deixou que me levassem, era de manhã, eu mal tinha acordado. Chegando à cozinha, ela me disse: não temos pão hoje. Eu nem fiquei surpreso. Há dias que nem conseguíamos fazer todas as refeições, bem, pelo menos as mais importantes. Mas droga, eu achava que eu... que eu era mais. Então chegaram os homens do recrutamento e perguntaram: senhora, você acha que ele está pronto para ser um homem? E eu era só um menino, entende? Fui levado de porta para fora, e ninguém chorou. E depois disso você já sabe, eu fugi daquele maldito regimento, daquela droga de país, de tudo para não voltar.

SOLDADO II: E veja só... bem, eu diria que algo te chama.

SOLDADO III: Eu não. Agora tenho uma missão, temos de fazer renascer um povo, uma nação.

Soa a sirene para o agrupamento das tropas.

SOLDADO II: E vem cá, não tem vontade de reencontrá-la?

SOLDADO III: Ela? Eu não sei, não sei se posso me lembrar do seu rosto, não sei se está viva ainda. Ela é um fantasma.

Soa novamente sirene para o agrupamento das tropas.

SOLDADO II: (*Escutando a sirene*) Não sei se quero ir, digo, não sei se quero utilizar uma arma... não compreendo o peso do que vou fazer e não quero. Se ao menos eu soubesse...

SOLDADO III: No fundo você sabe, todos sabemos. A guerra é um lugar onde apenas as verdades prevalecem, as verdades são os motivos pelo qual se fazem as guerras.

Soa novamente sirene para o agrupamento das tropas.

SOLDADO II: Você acredita nisso?

SOLDADO III: Mais do que acreditar ou não, a verdade é o que é. Somos irreparáveis. *(Pausa)*
Bem, acho melhor irmos seu marica.

O QUE SE REPETE

Inalterável

YATIMA: Precisamos ir, já não temos mais o que comer! E não faço ideia alguma do que faremos. Não podemos mais esperar, estamos condenadas, Alma, é preciso escapar a isso.

ALMA: Eu já nem sei mais se sinto fome ou sede... estranho, você sente isso também?

YATIMA: Não era exatamente sobre isso que falávamos. Falávamos sobre como partir de vez.

ALMA: Bem... deixa eu buscar os baldes, logo, logo, começa a chover! *(Vai até o porta-malas)*
Ihh, acho que só temos um balde agora *(Mostrando o balde)* o furo é tão grande que passa a minha mão, não vai dar para usar.

YATIMA: Você pode me escutar?

ALMA: Tenho outra escolha?

YATIMA: Que tal vermos os “aondes”, hum?

ALMA: Começa você.

YATIMA: Bem... podemos... seguir reto por essa rua e... bem, mais à frente, podemos...

ALMA: Viu? Você não faz a menor ideia. Não tem para onde voltar.

YATIMA: Mas e você, ainda espera e por quê? Já nem deve mais saber. Alma, as memórias... o que são elas num contexto como este?

ALMA: Tudo. Nada conheço de mais absoluto senão a memória como nossa única e possível alma humana: se me lembro ou se me esqueço, essa é a medida exata na qual me aparto ou me aproximo do mundo, eu sou o que ainda lembro.

HELENA: *(Do interior do carro)* Será que vocês podem fazer menos barulho? Estou tentando cochilar.

ALMA: Como se fosse conseguir. Helena, estamos praticamente sem água e, nossa comida também está nas últimas, será que você pode...

HELENA: Não, não, não. Não me venha pedir para ir atrás de comida, você bem sabe que eu não me dou com caminhadas muito longas.

ALMA: Mas eu e a Yatima já fizemos a nossa parte e fomos quando nos cabia ir, bem, não há

outro jeito. Não seja perversa.

HELENA: *(Saindo do interior do carro)* Ah, o que vocês não me pedem sorrindo que não faça chorando.

ALMA: E não demore, parece que um temporal se aproxima, não vai querer estar desabrigada quando a chuva começar.

YATIMA: Isso! Não se preocupe com as bombas.

ALMA: Não dê ouvidos a ela, bem, vá e procure pelas lixeiras do quarteirão norte, não tentamos ainda por lá. E não traga nada tão mal cheiroso, não sei se suportaria.

YATIMA: Eu sim! Pode trazer tudo que puder.

Ouvem-se sons de tiros ao longe.

YATIMA: Vai logo, antes que não dê mais tempo.

A MARCHA JUSTA *Por as ruas devastadas*

SOLDADO III: Eu já disse, porra, saiam do carro!

(Descem. Yatima e Alma se ajoelham)

SOLDADO II: Olha só o que temos! Duas malditas rabugentas!

YATIMA: Ei, vejam, não há perigo! Somos só mulheres em situação precária, vejam: não há nenhuma ameaça...

SOLDADO II: Cala a boca, quem te deu permissão para falar, sua vadia!?

ALMA: Mas ela tem razão, somos só sobreviventes.

SOLDADO II: Eu já falei para se calar. *(Chuta-lhe)*

SOLDADO III: Se são assim tão inofensivas quanto dizem ser, por que diabos se esconderam?

YATIMA: Estamos tentando sair daqui, há dias estamos apenas buscando sobreviver para então sairmos daqui. Eu lhe asseguro: só queremos escapar desta guerra. Somos só fantasmas vagando por estes destroços, tenham piedade de mim, tenham principalmente piedade por minha...

SOLDADO III: Chega, já falou o bastante. Pouco nos importa sua historinha, não pense que nos comovem com qualquer historinha, sejamos mais objetivos: por que deixaríamos vocês partirem? Por quê?

YATIMA: Eu...

ALMA: Temos quem nos espere, eu um filho, ela uma família. Compreenda: nossas vidas não são de grande valia, mas tem quem nos espere e isso é tudo o que ainda temos.

SOLDADO I: Cara, eu acho que elas não estão mentindo, são insignificantes para nós. Vamos seguir.

YATIMA: Sim. Desapareceremos no instante seguinte em que vocês seguirem.

SOLDADO III: Pois bem, provem que merecem. *(Tira o pênis para fora da calça)* Vamos, é só chupar a liberdade de vocês.

ALMA: Seu porco! *(Avançando contra ele)*

SOLDADO III: *(Disparando um tiro em uma das pernas)* Quieta! *(Disparando outro na outra perna)* Tente agora, vamos, tente agora! Não consegue? Vamos, se mexa, vocês estão livres! Melhor: estão livres sob uma condição, eu vou atirar mais uma vez, certo? Se você não expressar qualquer tipo de fraqueza, de dor, eu paro de atirar, sim? Vejamos, *(Atira mais uma vez em um dos braços)* ainda sentindo dor? Hã? Tudo indica que sim. *(Atira outra vez)*

SOLDADO II: Que porra cara, que merda você está fazendo?

YATIMA: Alma! Alma! O horror, o horror, meu Deus, você vai ficar bem, eu vou te tirar... vamos sair daqui, vamos... por favor, só não...

ALMA: Yatima, lembra-se?

YATIMA: Não agora, não agora, descansa, meu bem, isso vai passar. Olha: segura aqui, aperta com força e não tira a mão de cima, está bem?

SOLDADO III: Ainda com dor velha rabugenta? *(Faz que vai atirar mais uma vez)*

ALMA: Lembra? Só me diga que lembra o nome... ele chega ainda hoje.

YATIMA: Shiuuuu... não, não, fica assim, não se mexa, eu cuido de você.

ALMA: O nome dele, Moacir, diz para ele que eu... sua mãe... vou esperar ele pelo tempo que... diz pra ele que ainda voltaremos ao lago, que vai ter refrigerante de uva, diz pra ele que eu, sua mãe, vou esperar... fala que nenhum pato... *(Emudece sem sofreguidão)*

YATIMA: Eu digo, eu digo tudo que sei. Shiu, não, não diz mais nada, Alma.

Mais dois tiros são disparados.

SOLDADO II: Mas que merda cara, que merda! Que porra foi essa, hein? Por que fez isso? Para que matar as duas, hein? Você está louco, louco, cara!

SOLDADO III: Eu não sei. Vamos. Vamos partir!

SOLDADO I: Cara...

SOLDADO III: Vamos, eu não fraquejo, eu marcho. Eu não sou mais um menino, eu sou um soldado, temos uma missão, vamos seguir.

APAGAMENTO

Um lugar ermo. Parece que vai chover.

Alma sai do interior do carro.

ALMA: Parece que vai chover.

YATIMA: *(Do interior do carro)* Você só sabe dizer isso.

ALMA: A verdade é que sempre parece que vai chover. Ou você não repara no céu, que está sempre cinza?

YATIMA: Não tenho tempo para isso.

ALMA: Parece ter sim, aliás, todo o tempo do mundo.

YATIMA: *(Saindo do interior do carro)* Não...

ALMA: Não me amola!

YATIMA: Como? Bem... era isso mesmo que iria falar...

ALMA: Eu intuí que iria.

YATIMA: Alma.

ALMA: Sim.

YATIMA: Por que não partimos, por que não partimos simplesmente?

ALMA: **YATIMA...** eu...

YATIMA: Não faz mal. Não vamos nos abandonar, nos esquecer, sim?

ALMA: Sim, não vamos.

Ouvem-se os sons de relâmpagos irrompendo o céu,

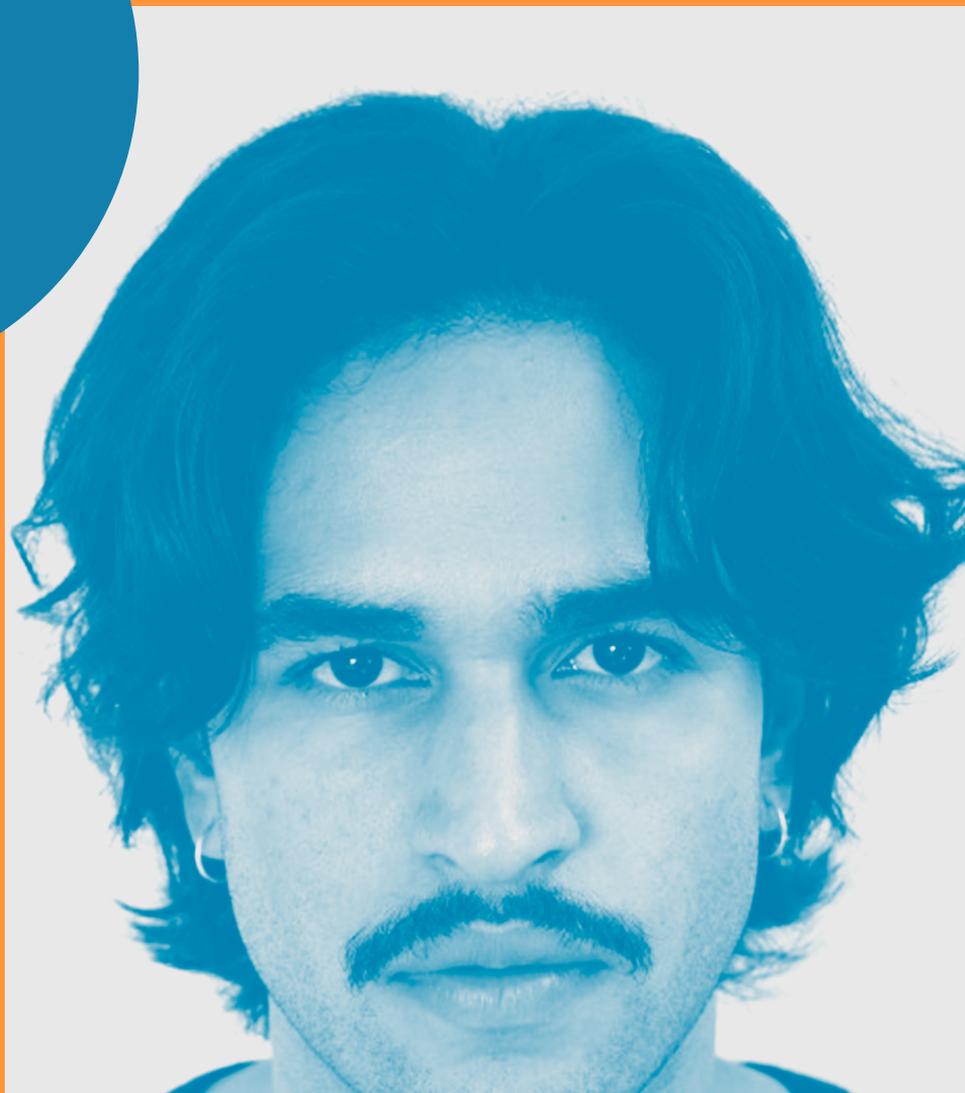
YATIMA: E então, o que faremos?

ALMA: Eu realmente não sei. Bem, vamos esperar a chuva passar.

Caem os primeiros pingos.

Em memória, daqueles que não sei os nomes:





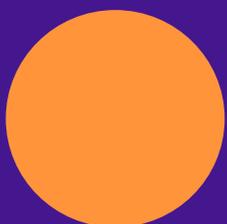
Lucas Profírio é ator de São Paulo/SP, formado no curso Técnico da Escola Nacional de Teatro e Assistente de Dramaturgia pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul; atualmente cursando Bacharelado em Artes Cênicas pela UNESP.

IRMÃS CORAGEM

JÚNIOR PADOVANI

"O texto é um retrato social de personagens marginalizados que utiliza a poética da cena e o comprometimento no discurso para evidenciar humanidades invisibilizadas no cotidiano. Três meninas se encontram na missão de sobreviver a um mundo que quer se livrar delas. Gentrificação e eugenia que anunciam a tragédia da democracia antissocial. Estruturalmente, é interessante o fluxo entre os recursos dramáticos e épicos, friccionando os limites da diegese. Não à toa as personagens (e suas atuantes) tomam a frente do palco para contar de forma direta suas vidas para nós. Escutemos."

Luh Maza



Texto: Junior Padovani

Personagens: Irmãs Coragem: Duda, Mariana e Popola.

Coro: Dorothea, Davi, Giordana, Luana, Nicolle, Sabis, Mãe.

CENA 1

Ao centro do palco, um rádio com antena erguida e, em sua ponta, lâ de aço. É iluminado por um fio de luz. O eletrodoméstico ecoa a notícia da morte de pessoas em situação de rua, após comerem marmidas doadas envenenadas. O rádio começa a chiar e, rapidamente, inicia uma canção.

MÚSICA: Capítulo 4, Versículo 3: Racionais MCS.

CENA 2

Três atores estão ao centro do palco, encarando o público, enquanto um coro com outros artistas se forma ao fundo. Esse coro monta o cenário; colocam camisetas de time de futebol em um varal; em seguida, sentam-se em bancos, de onde conseguem ver tudo o que está acontecendo.

ATOR 1: Essa é uma história inventada.

TODOS: Não existe!

ATOR 1: Não aconteceu em lugar nenhum. Não acontece na minha casa, nem na casa ao lado, nem na casa da frente e nem na sua. Essa história a gente tirou daqui! (*aponta a cabeça*) E daqui (*aponta o coração*).

TODOS: A história das irmãs coragem.

Os atores se espalham pelo palco, deixando ao centro somente duas figuras: uma mulher de meia idade, com um traje um tanto quanto exagerado, diversas estampas em seu vestido, uma maquiagem com traços fortes e uma bolsa que parece caber o mundo dentro; junto a ela, uma jovem com um olhar triste, cabelos curtos. Nota-se falta de cuidados com a menina. A mulher, cujo nome não sabemos, é mãe dessa garotinha. A mãe tira de sua bolsa uma peruca loira lisa, coloca na cabeça da jovem, que dá um leve sorriso. As duas vão à boca de cena. A mãe dá uma leve respirada e olha com o maior amor do mundo para sua filha.

MÃE: Gente, Boa tarde! Essa é minha filha: Maria Eduarda, mas podem chamar de “Dudinha” ou “Duds”. Né, meu bebê? Ela é um amor de pessoa. Estudiosa que cês precisa ver. Na escola foi uma das primeiras a aprender a ler e escrever. Meu bebê só tira nota 10. Sabe fazer um arroz soltinho, e eu nem ensinei... Aprendeu sozinha. Minha filha é tudo pra mim. Tão linda, tão esperta, uma educação com as pessoas. A minha filha é meu maior tesouro. Te amo, meu bebê!

A mãe dá um beijo na testa da filha e a olha com amor. De repente, sua verdadeira face surge, ela é tomada por uma raiva, seu olhar desaprova a filha e, com ódio, empurra a garota ao chão. Seu semblante muda, não é mais doce; ali mostra quem verdadeiramente é...

MÃE: Você não sossegava enquanto eu conversava com aquela gente. Tá querendo o que? Que eu perca o auxílio? Se eu perder o auxílio, sua idiota, vamos para debaixo da ponte. Aquela gente vem aqui em casa, falam um tanto de baboseira: que a gente não pode corrigir, que tem que conversar, conversar... Tem é que matar uma praga dessas. Se eu for chamada na escola de novo, porque você não aprende a ler, vou te arrebenatar. Você é uma vaca burra.

Não sabe merda nenhuma. Ó, menina, sai de perto de mim, se não vou te arrebentar. Certa estava minha mãe quando me abandonou. Filho só dá trabalho. Se eu soubesse, se eu tivesse a mínima noção, tinha te abortado. Eu sabia que você não ia prestar para porcaria nenhuma, desde o dia que o médico te colocou nos meus braços (*grito de nojo ao lembrar-se do parto*). Agora limpa essa merda dessa casa. Vou dormir, que tô morta de cansada. Se eu levantar e ver alguma sujeira aqui, vou te arrebentar. Vaquinha metida.

A Mãe sai do palco cantando uma música gospel, enquanto a filha, no chão, canta a música Contato Imediato, de Arnaldo Antunes.

CENA 3

Duda está dormindo na calçada de uma loja, com uns papelões improvisados. Dorme como se estivesse na maior cama do mundo. Uma figura aparece: Mariana. A jovem é bem magra, seu cabelo denota falta de cuidado, em seu rosto nota-se uma barba que insiste em nascer, mas a jovem insiste em tirar. A garota está com uma manta cinza enrolada em seu corpo; procura nos lixos por comida. Ao ver que não encontrou nada, segue até Duda e tenta acordá-la.

MARIANA: Duda (*ela não acorda*) Duda... (*ela nem se movimenta*) Levanta, levanta, caralho. Estava sonhando com sua mãe de novo?

DUDA: Tava.

MARIANA: Já falei pra você esquecer aquele demônio. A vida segue...

DUDA: Ela é minha mãe, tá?

MARIANA: Que mãe, o que... Ela só te pariu. Você é filha de chocadeira. Gente que nem a gente, não tem mãe. Agora levanta, temos que revirar o lixo. O pessoal da pastelaria jogou um tanto de recheio na lixeira. Mas a turma do Zeca pegou tudo.

DUDA: Filhos da mãe! Eles sempre na nossa frente. E cadê a Popola?

MARIANA: Não sei. Acordei e rodei as ruas atrás dela. Não a encontrei.

DUDA: Deve ser que foi esquecer os problemas.

MARIANA: Mas ela jurou que não ia mais usar. Que seria só daquela vez!

DUDA: E você ainda acredita? Toda vez ela diz isso e some. Vamo, deixa de conversa e vamos revirar o lixo, que tô virada de fome.

Elas reviram o lixo na esperança de encontrarem algo. Mariana encontra algumas uvas, as duas dividem e se deliciam com a fruta. Popola chega: é uma jovem alta, aparenta ser a mais velha das três; em seu olhar, malícia; em seu jeito de andar, um molejo. A vida parece ter-lhe feito amadurecer mais rápido, exceto pelo cabelo que ainda demonstra certa infantilidade, com duas “Maria Chiquinhas” malfeitas. Com um pacote de biscoito em mãos, ela se apro-

xima das meninas, joga o pacote e, ainda no ar, Mariana o pega.

POPOLA: Ó, cambada! Comprei um pacote de bolacha pra gente. Aproveitem!

DUDA: É waffle?

POPOLA: Que mané waffle, menina! Maizena.

DUDA: Podia ter comprado waffle de morango.

POPOLA: Pegando o boi que eu trouxe. *(debochando)* Waffle...

MARIANA: Onde você arranjou dinheiro?

POPOLA: Achei na rua...

DUDA: Na rua... Sei! Aposto que foi ficar com aqueles caras...

POPOLA: Ih... Parem de perguntar e comam. Melhor biscoito do que revirar lixo.

MARIANA: Mas prometemos que não íamos mais fazer aquilo.

POPOLA: Eu não fiz. *(pausa)* Na verdade, fiz! Mas pelo biscoito, não pelo brilhante.

DUDA: Hum... Tá com cara de quem britou.

POPOLA: Ah, larguem do meu pé. Deram sorte que lembrei de vocês... E comam logo, se não, eu vou comer tudo.

Elas comem o biscoito com ferocidade, enquanto Popola fica inquieta, o que a leva para um lugar que ela não quer visitar, que não gosta: o passado, que ela quer tanto esquecer.

Aos poucos, as três se dirigem ao centro do palco e com um olhar distante, encaram o público. A dor naqueles olhares é perceptível: as três comungam da mesma ferida, da mesma dor.

POPOLA: Como será o amor, hein? Mas o amor de verdade! Ele é sempre assim? Doído? Nojento? Minha mãe amava meu pai.

Mas quando ela viu que ele amava mais sua própria filha, me botou pra fora de casa. Deve ser que o sexo dele era melhor do que eu.

Não tinha para onde ir... Eu tinha 10 anos. A mãe escolheu uma rola, ao invés de ficar comigo. Eu era filha dela, e ela me expulsou de casa, dizia que eu dava em cima do meu pai, que eu queria roubar o homem dela, que se aquele maldito me queria, é porque eu o seduzia. Como isso podia ser possível? Ele era meu pai, a pessoa que devia me proteger, cuidar, me amar como um pai, não como um animal.

Sem rumo, vim parar na rua. Os primeiros dias foram difíceis. O frio, a fome, o medo e o ódio por aquela situação tomavam conta de mim.

Mas eu não sou uma coitada. Sou uma sobrevivente! O brilhante me ajuda a esquecer os problemas. Faz eu esquecer meu pai, minha mãe, meus dias aqui na rua, me tira do chão, da

realidade que eu não quero viver.

As meninas não entendem. Sei que elas querem o meu bem. A tia da igreja, que vem aqui, diz que família a gente escolhe. E eu escolhi as meninas. Mas não sou mais criança. Tô aprendendo outros caminhos. Talvez seja hora de largar as meninas...

CENA 4

Popola e Mariana reviram o lixo atrás de comida e materiais que ajudem elas na sobrevivência da rua. Uma bagunça se inicia, as duas começam a rir, pois acharam um óculos no estilo Ray-Ban. Davi, um senhor de meia-idade, amargurado com a vida e dono de uma loja de roupas íntimas, fica incomodado com a bagunça que as jovens fazem no bairro, principalmente em sua rua. Com bastante raiva, ele vai até as meninas.

DAVI: Não... é brincadeira... Essas pragas de novo? Saiam da frente da minha loja! Agora é todo dia isso?

POPOLA: Toma banho, só.

DAVI: Sai logo. Rala! Se eu ver vocês aqui novamente, vou meter bala. Entendeu?

POPOLA: Atira, então. Eu te mato primeiro.

MARIANA: Cala a boca, maluca. Esqueceu o que ele fez com aquelas meninas da rua de baixo?

POPOLA: Se ele vier, eu dou nele. Dou uma voadora nos peito dele, que ele fica esperto.

DAVI: Andem... Saiam! Tá chegando clientes e vocês os afastam. Sai, sai, sai...

Elas saem correndo. Ao chegar perto do lixo, Popola acha uma latinha. Com raiva, ela joga a lata na direção de Davi e começa a rir... Enfurecido, ele corre atrás das jovens.

DAVI: Ah, negrinha dos infernos, você me paga! Olha o fedor que fica na entrada da minha loja... Vou ter que dar um jeito nisso e é pra ontem.

CENA 5

Após correrem, Popola e Mariana voltam ao lixo e seguem procurando por comida. Elas deboçam de Davi tentando pegá-las.

POPOLA: *(pensativa)* Comeram o biscoito tudo, né? Depois ficam com fome, aí.

MARIANA: Você sabe como é a Duda! Tem um metro e meio, mas come feito uma draga.

POPOLA: Deve que a mãe dela a botou pra fora de casa e ela inventa que fugiu... Olha a louca vindo ali.

Duda chega contente, com uma corda nas mãos.

DUDA: Gente, olha, achei uma corda novinha no lixo. Vamos brincar?

POPOLA: Que brincar, o quê, menina? Temos é que conseguir dinheiro. Brincar é coisa de criança e não somos mais...

DUDA: *(imita a fala de Popola com deboche)* Brincar é coisa de crianças e não somos mais... *(séria)* Antes a gente brincava, agora é tudo coisa de adulto.

Popola e Mariana se olham e acabam cedendo ao verem a tristeza de Duda.

MARIANA: Podemos brincar. Vai, Popola, pega a corda, bate pra ela pular. Os dias aqui são difíceis. Lembrar que ainda somos criança faz o dia ser mais tranquilo e leve. Pega a corda, Popola.

Popola não quer muito, mas acaba cedendo. Elas pulam corda ao som do instrumental da canção Bola de Meia, Bola de Gude, de Milton Nascimento. A alegria se faz presente por um momento: elas se esquecem da tristeza, da fome, do frio, da violência que as cercam, pulam com seus corpos esqueléticos e gargalham com seus dentes estragados... Aos poucos a brincadeira vai acabando. Popola e Duda dormem. Mariana segue ao centro do palco. Ela relembra seu passado, vê que seus lábios estão secos e lembra-se do batom vermelho que a fez ir para a rua.

MARIANA: Tudo culpa daquele batom vermelho.

Eu tinha 12 anos. Estava no banheiro, em frente ao espelho, quando peguei a toalha rosa de minha mãe e coloquei na cabeça. O cabelo era tão grande, tão liso. Eu balançava aquela toalha como se, a cada balanço, uma esperança de um novo ser surgisse em mim. Me olhava naquele minúsculo espelho e sentia que faltava algo. Meus lábios estavam brancos, sem vida, e o da minha mãe era sempre vermelho. Ao olhar a pia, vi aquele batom, o batom que representava o maior sinônimo de feminilidade para mim. Passei. As mãos tremiam, os olhos marejavam e ali eu deixava de ser o Carlinhos. Virava a Mariana. Mas eu me descuidei, tava tão vidrada na imagem que via, que esqueci de trancar a porta. Meu pai abriu. QUE PORRA É ESSA? Ele não enxergou a Mariana, muito menos o Carlinhos. Via somente o desgosto, a decepção, o pior animal que poderia existir na face da Terra. Como um cabra macho que nem ele ia explicar para os amigos que o seu filho, o qual ele jurou que comeria as filhas de seus amigos, na verdade era filha? Senti a pele latejar quando os socos e empurrões começaram. Ele me bateu tanto, mas tanto, que perdi a consciência. Quando acordei, minha vó estava em minha frente. Eu estava em um hospital. Ela pediu que eu fosse embora. Meus pais não me queriam mais. O Carlinhos, o filho que eles tanto planejaram, que eles tanto queriam, já não fazia mais parte daquele mundo. Morreu!

Mas se tem uma coisa que me arrependo, mas me arrependo de verdade, é de não ter terminado de passar aquele batom vermelho. Ah... Aquele batom vermelho era maravilhoso.

CENA 6

Uma grande bagunça começa na área do coro, várias pessoas começam a falar ao mesmo tempo: reclamam do fato de Duda, Mariana e Popola estarem sobrevivendo ali, na mesma

rua que eles; querem as jovens longe dali. Não aceitam e nem entendem que pessoas possam viver na rua. É uma falsa e moralista burguesia.

Davi está junto ao público, cumprimentando a plateia e agradecendo a presença.

DAVI: *(para o público)* Pessoal, boa noite! Estou aqui pra gente resolver aquele problema antigo. Aquele que sempre vem e volta. Então, já que a polícia não está resolvendo, quem vai resolver somos nós. As trombadinhas estão fazendo muita baderna aqui. Roubando os moradores do bairro, saqueando nossas lojas, defecando e urinando nas portas de todos os lugares possíveis... Estão passando dos limites. Por esse motivo, convoquei os senhores: precisamos tomar alguma providência, não é mesmo?

As pessoas que estavam falando ao mesmo tempo começam a falar sobre as jovens. Nicolle é uma aposentada alternativa. Dorothea, uma senhora evangélica. Sabis, uma atriz mexicana. Luana, mãe e advogada. Giordana, blogueira famosa.

NICOLLE: Foi bom o senhor ter tocado nesse assunto. Eu amo as crianças, amo mesmo. Todo ano faço minha doação para o Criança Esperança. Mas aqui no meu bairro não gosto que essas crianças fiquem. Elas fedem, roubam as pessoas, não tem um pingote de educação. Deus me livre. Quero elas longe daqui, bem longe.

DOROTH: Olá, irmãos, irmãs. Eu sou a irmã Dorothea. Todos vocês me conhecem, eu vou ao culto todos os dias, frequento a igreja Jesusinho de Belém. Sou evangélica. Toda vez que eu passo por essas meninas, elas me pedem dinheiro. O dinheiro do dízimo. Vocês acham que eu dou? É lógico que não. O dinheiro é para igreja, não para elas. Sem falar, Deus que me perdoe, o mau-hálito *(faz expressão de nojo)* Ai, que nojo.

SABIS: Eu nem ligo para essas *chicas*. Comecei a andar com um spray de pimenta, se elas vierem, eu tacho nelas *(risada maléfica)*. Bem que já podiam ter liberado o porte de armas, teria dado um fim nelas há muito tempo. Na novela que fiz, *yo* interpretava a Sabis, com certeza devem ter visto, passava *en las tardes* do SBT. *Tenia una escena que eu matava dos mujeres!* Eu ia fazer igualzinho com essas meninas. Brincadeira, minha gente. Mas bem que podia ser realidade.

LUANA: Sabe o que me incomoda? Me incomoda, não... o que eu odeio? Esses nordestinos! Eles vêm para nossa cidade, que é a locomotiva do país, fazem um bando de filho, deixam aí nas ruas e nós somos obrigados a conviver com uns lixos desses... Eu sei que são crianças, e parece até chocante ouvir isso, mas eu tenho minha filha, ela está lá em casa, quietinha, assistindo Tik Tok, sem mexer com ninguém. Eu cuido bem dela, jamais deixaria que ela ficasse assim, na rua.

GIORDANA: Vocês já devem ter me visto no Insta, no Tik Tok, ou em alguma rede social. Eu sou blogueira, sabe? Giordana. Inclusive, me sigam nas minhas redes sociais. Adoro gravar *stories* com esse tipo de pessoa, fazer *reels* com doações de alimentos e até doações de roupas... Rende bastante *like*! Mas aff! Eu não quero que elas fiquem aqui na nossa rua. Elas são esquisitas, não têm um pingote de classe. Fora que dá medo. Por isso os policiais atiram nesse povo. São tão esquisitos que merecem mesmo o destino terrível que têm.

DAVI: E vocês não acreditam? Hoje, aquela mais alta, sem ser o traveco, a macaquinha, me

jogou uma latinha, é mole? Fora que minha loja não é mais a mesma. Essas trombadinhas ficam na rua, assaltam qualquer um que passa, fazem xixi na porta da minha loja! Vocês têm noção do que é isso? Elas afastam os clientes, enfeiam a cidade... por que não matar?

LUANA: Mas são crianças.

DOROTH: Ô, minha filha, Deus me deu uma visão essa semana. Está liberado matar.

NICOLLE: Se a irmã falou, está falado.

Um burburinho começa entre os moradores e lojistas: a grande maioria concorda com o questionamento apontado por Davi.

O lojista, vendo que tem que convencer todos, abre uma votação.

DAVI: Quem concorda em eliminar essas trombadinhas, levantem as mãos?

Davi faz a pergunta ao público, que é convidado a participar desse momento. Os moradores escolhem alguém da plateia e começam a falar seus pontos de vista para eliminar as jovens da rua; absurdos são falados e atores ficam expostos a contra-resposta do público.

DAVI: Bom, como a democracia manda em nosso país, essa semana, **ESSA SEMANA** nos livramos dessas trombadinhas. Passar bem!

DOROTH: E não se esqueçam que amanhã tem culto.

CENA 7

A noite chega e após uma soneca da tarde, as meninas acordam.

DUDA: Dormi pra caramba!

MARIANA: Deu pra perceber. Roncando igual um motor.

DUDA: Seu rabo. Eu nem ronco!

MARIANA: Deixa o ronco saber disso.

POPOLA: Era ronco? Achei que fosse uma carreta. Acordei até assustada.

DUDA: Engraçadinha... Olhem, uma estrela cadente. Façam um pedido.

Uma estrela cadente passa, as jovens fecham os olhos e fazem um pedido. Por alguns segundos, o silêncio se faz presente. A rua, que é tão barulhenta, naquele momento é silenciosa. O sonho abraça-as.

DUDA: O que vocês pediram?

MARIANA: Não pode falar, né? Se não, não realiza.

DUDA: Bobeira! Eu pedi para aprender a ler. Queria tanto ler um livro, entender aquelas letras... Na escola, eu nunca consegui aprender, só ouvia a voz da minha mãe dizendo que eu era burra, que eu atrapalhei a vida dela, que se eu não tivesse nascido ela seria alguém na vida... Sabe, na verdade queria mesmo era ser uma escritora.

POPOLA: *(debochando)* E ia escrever o quê? Os 10 mandamentos de como roubar na rua?

DUDA: A ladrona aqui é você, tá? Lembra do dia que você roubou a bolsa daquela velha metida?

POPOLA: Claro que lembro. Fiquei num ódio. Roubei a bolsa da velha e quando abri, só tinha contas pra pagar, quase chamei ela pra vim roubar com a gente.

FLASHBACK.

Doroth está indo para mais um dia de culto, ela está com uma bolsa grande, que aparenta estar cheia de dinheiro. As Irmãs Coragem, com bastante fome, decidem pedir ajuda àquela senhora.

MARIANA: Olha aquela velha vindo. Vai lá, Popola!

POPOLA: Ah não, gente...

DUDA: Ela tem cara de rica.

MARIANA: Tem mesmo, olha o tamanho da bolsa, vai dá pra gente comprar costelinha no Outback.

POPOLA: Até parece que eles vão deixar a gente entrar!

DUDA: Anda logo. Ela tá chegando.

Popola vai em direção à senhora, enquanto as outras duas se escondem entre os lixos. Popola canta um rap que aprendeu nas aulas de hip-hop do abrigo.

POPOLA: Olha, minha dona, eu fiquei na lona. Não como meu pãozinho, já faz uma semana. Hoje é dia do menino Jesus, mas sou eu quem carrego a minha cruz. Desculpa aí, eu pedir pra me ajudar, mas se eu não matar minha fome, a fome vai me matar!

DOROTH: Ô, minha filha, eu não tenho nenhum centavo.

Popola se joga no chão como se estivesse tendo uma convulsão. Doroth fica sem reação e tenta ajudar a menina; mal sabe ela que tudo isso faz parte do plano das Irmãs Coragem. Mariana e Duda, que observavam a cena, percebendo a distração de Doroth, roubam a bolsa da velha, que fica desesperada.

DOROTH: *(Aos gritos)* Roubaram minha bolsa! Pega ladrão... Ô meu Deus! E agora? Os hinos estavam tudo naquela bolsa...

FIM DO FLASHBACK.

DUDA: Fiquei de cara! Achei que na bolsa dela ia ter um monte de peixe, onça pintada...

POPOLA: Cachorrinho caramelo, mas só tinha grilo. *(Risos)*

MARIANA: Eu pedi pra esquecer o brilhante. Mas cada vez que pedia, mas vontade tinha de usar.

POPOLA: Então hoje é seu dia da sorte. Consegui uns brilhante para gente.

DUDA: Mas juramos que não íamos usar mais.

MARIANA: Pois é. Eu não quero.

POPOLA: Tem certeza? Esse aqui é do Luizão...

DUDA e MARIANA: Do Luizão?

DUDA: Do Luizão é o melhor! Mas não vamos querer, né?

POPOLA: Mas vai ser só hoje. Conseguimos nos controlar. É só fazer o juramento do dedinho.

MARIANA: Tá, só hoje.

TODOS: Só hoje!

As jovens começam a usar o Brilhante; a cada ascendida de isqueiro, elas se distanciam da realidade, o passado traumatizante vai ficando para trás, a rua se torna uma passarela, desejos proibidos se tornam acessíveis, os corpos esqueléticos bailam sobre os carros... O barulho incomoda os moradores, que aos poucos vão perdendo a paciência. À medida que o tempo vai passando, a realidade volta com mais força, o brilhante descarrega o sofrimento das Irmãs Coragem, a fissura para esquecer os problemas retoma, mas o dinheiro acabou. Na caça da noite, o importante é sobreviver. Seus corpos são sua morada, e como quem não quer nada, elas alugam, baratinho. Não tem dor e sofrimento, a alma já está tão machucada que somente o brilhante pode salvá-las.

Música: Sonhos Roubados, de Maria Gadú.

CENA 8

Sentadas no chão e olhando para frente, Duda, Mariana e Popola refletem sobre a vida.

DUDA: Tava lembrando aqui...

MARIANA: Do quê?

DUDA: De quando a gente se conheceu. Vocês lembram?

POPOLA: Lembro. Foi na fuga do abrigo. *(risos)*.

MARIANA: Nossa, foi mesmo! Aquele dia tava chovendo tanto.

DUDA: Sim. Aquela vaca da diretora queria que a Mariana comesse aquela cebola enorme crua.

MARIANA: E eu não comi. Aquela desaforada ainda me chamava de Carlos...

POPOLA: Não comeu porque eu dei uma voadora nela. Voou ela com cebola e tudo.

DUDA: Nossa, foi mesmo. Eu, quando vi vocês correndo, não pensei duas vezes, corri também. Aquele arame me rasgou toda.

POPOLA: Eu fiquei de cara! Você, pequenininha, conseguiu pular aquele muro.

MARIANA: E nem chorou...

DUDA: Eu sentia que vocês eram minha família, não podia deixar vocês irem sozinhas.

POPOLA: Quase deu B.O, a polícia ficou doida atrás da gente. Queriam porque queriam nos pegar. Otários! Sou mais esperta que eles tudo junto.

MARIANA: Eu ainda prefiro a rua. No abrigo a gente era tratado igual bicho. Nem brincar de boneca eu podia, a tia Marlene dizia que era coisa de menina, como se eu não fosse...

DUDA: Aquela vaca direto me dava uns beliscão...

POPOLA: Ta me dando é fome, viu! Nu...

MARIANA: Minha barriga está lá nas costas.

DUDA: Hoje aquele povo da igreja vem, não vem, não?

MARIANA: Eles vêm, mas ficam orando na nossa cabeça, eu nem gosto. A gente cai no chão de fome e eles acham que é trem do capeta. *(risos)*.

DUDA: A Popola cai direto *(imita a Popola caindo)*.

POPOLA: Cuida da tua vida, aí. Será que o velho lá do restaurante não dá uns marmitex pra nós, não? Ele é doido por você, Duda.

MARIANA: Não. Ela ainda não. Vai a gente, mas ela não.

Davi entra com alguns marmitex em mãos. Duda e Mariana, com medo, se afastam. Popola o encara.

POPOLA: O que você quer, hein? Vem, que eu te dou um socão!

DAVI: Sem brigas, meninas. Deus tocou meu coração de uma forma tão profunda, que vim me desculpar com vocês! Fui muito rude, desrespeitoso, um babacão.

MARIANA: Você, pedindo desculpas?

DAVI: Como eu disse, minha pobre criatura, Deus tocou meu coração de uma forma tão profunda que me senti totalmente um lixo. Sem contar que minha esposa fez essa lasanha de frango e pensei em trazer pra vocês... Se vocês aceitarem...

DUDA: Hum... Lasanha de frango, eu amo!

DAVI: E a dela é uma delícia. Enfim... espero que a nossa relação mude a partir daqui. Novamente, desculpas. Aproveitem!

Davi sai de perto das meninas e fica de longe, observando-as.

POPOLA: Estranho ele pedir desculpas assim...

DUDA: Estranho é mesmo, mas tô com tanta fome. E olha a cara dessa lasanha, hum... Vou comer tudo! Se vocês não querem, eu vou comer.

As três se sentam no chão e começam a comer a lasanha. De longe, Davi fica feliz.

DAVI: Mas são burras, hein? É aquele ditado: peixe morre pela boca. *(risos)*.

As meninas começam a passar mal e aos poucos vão entendendo o que está acontecendo: os batimentos cardíacos aceleram, a respiração vai ficando cada vez mais ofegante, a boca seca, o olhar dilata. Nada é e nunca foi fácil para elas: a vida vai esvaindo, o desespero vai dando lugar ao alívio. Em paz, as jovens se entregam à morte.

Os moradores e lojistas andam em meio às jovens como se nada tivesse acontecido. Falam sobre trabalho, sobre a vida, o amor de Deus... Aos poucos, a movimentação vai diminuindo e no centro do palco somente uma atriz é vista.

CENA 9

ATRIZ *(falando o texto de Elisa Lucinda)*: Meu coração está aos pulos! Quantas vezes minha esperança será posta à prova? Por quantas provas terá ela que passar? Tudo isso que está aí no ar, malas, cuecas que voam entupidas de dinheiro, do meu, do nosso dinheiro, que reservamos duramente para educar os meninos mais pobres que nós, para cuidar gratuitamente da saúde deles e dos seus pais, esse dinheiro viaja na bagagem da impunidade e eu não posso mais. Quantas vezes, meu amigo, meu rapaz, minha confiança vai ser posta à prova? Quantas vezes minha esperança vai esperar no cais? É certo que tempos difíceis existem para aperfeiçoar o aprendiz, mas não é certo que a mentira dos maus brasileiros venha quebrar no nosso nariz. Meu coração está no escuro, a luz é simples, regada ao conselho simples de meu pai, mi-

nha mãe, minha avó e os justos que os precederam: “Não roubarás”, “Devolva o lápis do coleguinha”, “Esse apontador não é seu, minha filha”. Ao invés disso, tanta coisa nojenta e torpe tenho tido que escutar. Até habeas corpus preventivo, coisa da qual nunca tinha visto falar e sobre a qual minha pobre lógica ainda insiste: esse é o tipo de benefício que só ao culpado interessará. Pois bem, se mexeram comigo, com a velha e fiel fé do meu povo sofrido, então agora eu vou sacanear: mais honesta ainda vou ficar. Só de sacanagem! Dirão: “Deixa de ser boba, desde Cabral que aqui todo mundo rouba” e vou dizer: “Não importa, será esse o meu carnaval, vou confiar mais e outra vez. Eu, meu irmão, meu filho e meus amigos, vamos pagar limpo a quem a gente deve e receber limpo do nosso freguês. Com o tempo a gente consegue ser livre, ético e o escambau.” Dirão: “É inútil, todo o mundo aqui é corrupto, desde o primeiro homem que veio de Portugal”. Eu direi: não admito, minha esperança é imortal. Eu repito, ouviram? Imortal! Sei que não dá para mudar o começo, mas, se a gente quiser, vai dar para mudar o final!

CENA 10

Duda, Mariana e Popola voltam ao centro do palco, ao som de batidas do coração, elas encaram o público. A cena 8 retoma.

POPOLA: Ta me dando é fome, viu? Nu...

MARIANA: Minha barriga tá lá nas costas.

DUDA: Hoje aquele povo da igreja vem, não vem, não?

MARIANA: Eles vêm, mas ficam orando na nossa cabeça, eu nem gosto. A gente cai no chão de fome e eles acham que é trem do capeta. *(risos)*.

DUDA: A Popola cai direto. *(imita Popola caindo)*.

POPOLA: Cuida da tua vida, aí. Será que o velho lá do restaurante não dá uns marmitex pra nós não? Ele é doido por você, Duda.

MARIANA: Não. Ela ainda não. Vai a gente, mas ela não.

Davi entra com alguns marmitex em mãos. Duda e Mariana, com medo, se afastam. Popola o encara.

POPOLA: O que você quer, hein? Vem, que eu te dou um socão!

DAVI: Sem brigas, meninas. Vim me desculpar com vocês! Fui muito rude, desrespeitoso, um babacão.

MARIANA: Você, pedindo desculpas?

DAVI: Como eu disse, minha pobre criatura, Deus tocou meu coração de uma forma tão profunda que me senti totalmente um lixo. Sem contar que minha esposa fez essa lasanha de frango e pensei em trazer pra vocês... Se vocês aceitarem...

DUDA: Hum... Lasanha de frango, eu amo!

DAVI: E a dela é uma delícia. Enfim... espero que a nossa relação mude a partir daqui. Novamente desculpas. Aproveitem!

Mariana e Popola se entreolham, elas acham estranho Davi entregar lasanha, lembram-se que ele já havia envenenado outras pessoas em situação de rua e, com um olhar, entendem tudo.

MARIANA: Pera aí! Prova um pouquinho da lasanha...

POPOLA: Já que ela é tão gostosa, certeza que você vai amar.

DUDA: É mesmo. Prova aí!

DAVI: Não, meninas, eu trouxe pra vocês. Comam!

POPOLA: Hum... vou comer então.

Popola pega a sua lasanha e as das outras meninas. Elas se entreolham e começam a jogar a comida em Davi, que sai correndo... As jovens começam a rir.

POPOLA: Achando que vai matar a gente, é?

MARIANA: Vai ter que comer muita lasanha pra isso.

DUDA: Quase fomos! Mas bom, vamos revirar o lixo, que ganhamos mais. Eu amo vocês!

POPOLA: Também amo vocês.

MARIANA: Eu amo vocês!

As três se abraçam e, emocionadas, vão revirar o lixo. Entra um narrador.

NARRADOR: Essa é uma história inventada, mas ela existe: aconteceu em diversos lugares. Não aconteceu na minha casa, mas pode ter acontecido na sua, na dela ou na dele. Essa história das Irmãs Coragem, nem sempre tem um final feliz. Hoje optamos por ele. O mundo geralmente não gosta de dar um final feliz para pessoas como nós, mas no teatro essa história pode mudar, e ela vai mudar. As Irmãs Coragem encontraram um projeto social que mudou a vida delas, o Projeto Garoto Cidadão. Lá a nossa Dudinha aprendeu a ler: ainda não virou escritora, mas já escreve poemas lindos, que inspiram e enchem de esperança o coração de outras crianças. Mariana entrou numa trupe de teatro, é a maquiadora dos atores, tá fazendo sucesso nos Challenger e, pasmem, não tira o batom vermelho da boca. A valente da Popola está gastando toda sua energia no Jiu-jitsu: já é faixa roxa, quase marrom...

A saudade das ruas às vezes vem visitá-las, mas o frescor de oportunidades fecha as portas para qualquer lembrança não grata.

MÚSICA: *Sementes do Amanhã, de Gonzaguinha.*

CENA 11

Os atores cantam a música e começam a mexer no varal com camisas. Ao virarem as blusas, é possível ver o rosto de crianças negras que foram assassinadas pela polícia. A música é interrompida. Os atores trazem casos e fatos sobre os crimes, além de depoimentos reais de pessoas em situação de rua.

ATOR 1: Ágatha Felix tinha oito anos de idade quando foi vítima de bala perdida dentro de uma kombi.

TODOS: Bala perdida, essa, que só encontra nossos corpos.

ATOR 1: Morreu nos braços da mãe. Com sua roupinha de mulher-maravilha, foi avoar. Deixando aqui uma família indignada, revoltada, clamando por justiça.

ATOR 2: Esse é o João Gabriel, um menino inteligente, bonito. Ele fazia parte do projeto Garoto Cidadão, em Volta Redonda - RJ, mas, infelizmente, seu sonho de se tornar percussionista foi interrompido aos 18 anos de idade.

ATOR 3: Se eu não tenho cobertor, dificilmente consigo dormir de tanto frio. Meu nome é Raimundo, tenho 43 anos e estou há vários anos em situação de calçada. Tudo começou depois de um carro ter me atropelado e depois disso a minha vida mudou. Aqui na rua é muito tenso, como disse, mal consigo dormir. É muito perigoso. Faz tempo que eu não sei o que é ter uma boa noite de sono, principalmente sonhar, já nem sei mais o que é sonhar. Raimundo em situação de rua, 43 anos.

ATOR 4: Eu tô na rua desde os 12 anos de idade, quando me assumi travesti e minha mãe me colocou pra fora de casa; mas, mesmo assim, eu sempre a ajudo, mando um Sedex, um dinheirinho... Hoje estamos sobrevivendo com aquela manta cinza que a prefeitura distribui, mas ela parece servir pra aumentar ainda mais o preconceito sobre a gente. O nome do meu cachorro é Dolinho. Sempre que posso, peço doação de roupinhas para ele, odeio ver ele tremendo assim, vou sempre preferir aquecer ele do que a mim. Munik, em situação de rua, 34 anos.

ATOR 5: Ray Pinto, 14 anos. Estava na porta de casa jogando um joguinho no celular, no Campinho, Rio de Janeiro, quando foi abordado por policiais militares. O corpo do Ray só foi encontrado horas depois, no Hospital Salgado Filho.

ATOR 6: Marcos Vinicius, 14 anos, baleado na Maré. A última coisa que ele disse para mãe foi: *ele não viu que eu tava com roupa de escola, mãe?*
Infelizmente, nenhuma roupa que vestirmos vai tirar esse alvo que nos aprisiona.

ATOR 7: Roberto Silva de Souza, 16 anos, foi alvejado com 111 tiros, por dois policiais militares na Zona norte do Rio de Janeiro. Ele estava com mais quatro amigos que comemoravam o novo emprego de Roberto, que havia recebido seu primeiro salário como ajudante de um supermercado.

TODOS: Todos morreram!

Os artistas retomam a música do momento em que pararam e levantam uma faixa com a seguinte frase: A Favela não venceu!

Ao finalizar a canção, o espetáculo se encerra.

FIM



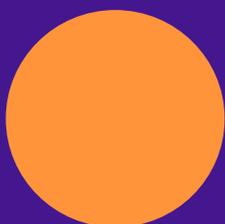
Junior Padovani, pernambucano de 26 anos residente de São Paulo/SP, filho do nordeste, banhado nas águas do rio São Francisco, cresceu em Congonhas-MG, a cidade dos profetas de Aleijadinho. Corpo livre, alma leve, escreve as angústias de sua geração. Atualmente vivendo em São Paulo, é bolsista no curso de Teatro na Escola de Artes Célia Helena e na descoberta de um novo mundo, se entende não-binário. Autor de espetáculos premiados: *A Nordestina* (2018), *Por Trás da Serra* (2021), entre outros.

O ANDAR DEBAIXO OU NÓS NÃO VAMOS SAIR PORQUE A FESTA AINDA NÃO ACABOU

LUÊ VANONI

"Sensível, o texto nos convida a imaginarmos uma cena provável: possivelmente hoje, três senhoras de idade avançada estão desabrigadas, tentando entender para onde caminhar ou descansar durante a noite. Assim como as personagens Mércia, Zul e Celeida, atualmente vivem nas ruas, moram de favor, pagam aluguel, e sofrem com ameaças de despejo cerca de 5,8 milhões de pessoas neste país. Luê Vanoni, notando a luta das pessoas sem-teto, mobiliza uma importante discussão sobre envelhecimento, soluções habitacionais e bem viver."

Jéssica Nascimento Olaegbé



PERSONAGENS

Celeida

Mercia

Zul

Betina

HOMEM 1

Um prédio no centro de alguma metrópole, na rua há uma imensidão de sons, multidões e cotidianos diversos, já dentro do circular prédio verde só se escuta um constante e eterno som de reforma.

3 senhoras irmãs: Mércia, Zul e Celeida, descem as escadas do prédio, estão indo para o andar de baixo. Mércia carrega muitas caixas de papelão. Está tudo escuro, parece ser de madrugada.

I. NA ESCADA

MÉRCIA: Tomem cuidado, tem fio solto

CELEIDA: Meu pé porra.

ZUL: Perdão. To com medo.

CELEIDA: Medo de que?

ZUL: De virar entulho.

ZUL: Essa vez a gente ficou menos tempo que da outra, e na outra a gente ficou menos tempo que a anterior da outra, e menos ainda que da anterior da anterior da outra.

CELEIDA: Ilusão sua.

MÉRCIA: Eu não acho. Tão ficando realmente bons nisso. Deve ser o novo engenheiro chefe.

ZUL: Novo?

MÉRCIA: O último morreu rápido dessa vez, quando começou o trabalho já era velho, passou agora para o filho dele continuar.

CELEIDA: Pra filha, é uma engenheira agora, as coisas tão mudando *(diz com uma certa ingenuidade)*

MÉRCIA: Como você sabe?

CELEIDA: Ouvi alguém do prédio comentar.

ZUL: Mas não tem ninguém aqui.

MÉRCIA: Me ajuda com essa caixa?

CELEIDA: Pede pra Zul

MÉRCIA: Me ajuda com essa caixa?

ZUL: O que tem nela?

MÉRCIA: Não me recordo.

ZUL ajuda

ZUL: É aqui?

Chegam ao andar debaixo: 1039

II. ANDAR 1039

CELEIDA E MÉRCIA: É.

ZUL: Parece vazio.

MÉRCIA: *(ri)* Óbvio que tá vazio.

ZUL: Se enfiaram onde ein?

MÉRCIA: E como é que eu vou saber Zul? Ninguém sai ileso daqui não, a única coisa que sai ilesa dessa cidade são as baratas que não têm que pagar aluguel. *(ri da própria piada)*

CELEIDA: Fala baixo que daqui a pouco vão querer fazer negócio até com barata. Vai virar pet

riem mais

MÉRCIA: Já pensou? Vende-se toca pra barata de estimação, apenas 3 salários-mínimos ligue para 080080090

riem sem parar

CELEIDA: É nova e possui conceito aberto

MÉRCIA: Cama privada e fogão tudo encafifado no mesmo cômodo

CELEIDA: Encafifado não, PLA-NE-JA-DO

As três riem mais ainda, fazia tempo que não riam juntas.

Silêncio, as três se entreolham, vazio.

CELEIDA: Zul, me ajuda a arrumar as coisas?

Zul assente.

Arrumam as caixas.

Silêncio.

Inquietação. O cômodo vai ganhando forma, caixas de papelão se tornam mesas, 3 cadeiras de praia são montadas e as 3 irmãs compõem quase como uma dança cotidiana pelo espaço. Zul revira as caixas e as malas, está à procura de algo. Celeida se abana com um leque. Mércia tenta dormir.

ZUL: ACHEI

Há um baralho em sua mão

CELEIDA: Joguem vocês

ZUL: Melhor de três?

Mércia ri

MÉRCIA: Ainda tem esperança de que pode ganhar de mim?

ZUL: Andei treinando.

MÉRCIA: Com quem?

ZUL: Comigo mesma. Enquanto durmo. É ótimo, eu nunca sou surpreendida demais ou previsível de menos, posso enganar a mim mesma o tempo todo.

MÉRCIA: Não sei como você consegue dormir com esse som.

ZUL: O som do martelo ajuda, dá o ritmo das partidas, assim não ficam muito longas ou muito curtas, tem o tempo perfeito para uma partida agradável.

MÉRCIA: Vamos jogar então, ao som dos martelos.

Começam a jogar.

MÉRCIA: Quem que embaralhou isso?

MÉRCIA *joga uma carta*

ZUL: Só reclama quem não sabe jogar

Zul joga uma carta

MÉRCIA: E joga bem quem sabe embaralhar.

MÉRCIA *joga uma carta*

ZUL: Vocês tão ouvindo? Ela acha que eu sou trapaceira.

ZUL joga uma carta

MÉRCIA: Se vissem minha mão de cartas também achariam isso.

MÉRCIA *joga uma carta*

ZUL: Você sempre duvida de tudo.

ZUL *joga uma carta*

ZUL: Duvida do baralho que eu distribuo,

ZUL *joga uma carta*

ZUL: Duvida se eu consigo ganhar de você,

ZUL *joga uma carta*

ZUL: Duvida se eu sei me cuidar sozinha

Zul joga uma carta

ZUL: Duvida se a carne do almoço é carne de vaca mesmo, duvida do troco que o vendedor da feira te dá, duvida que a gente pode ter uma vida melhor em outro lugar, quem sabe duvida da reforma...

MÉRCIA: Vai dizer que você não duvida?

ZUL: Joga.

MÉRCIA: Duvida ou não?

ZUL: É a sua vez.

Mércia joga

MÉRCIA: Ganhei.

ZUL: Ainda falta o monte do morto.

pausa

foco de luz em Celeida, está sentada em uma cadeira de praia, com óculos escuros, tomando sol na janela, querendo estar alheia ao que acontece no interior do prédio, mesmo fazendo parte dele.

CELEIDA: Meninas... sabe o que seria incrível?

ZUL: O que?

CELEIDA: Que vocês passassem protetor em mim.

ZUL: A gente está jogando.

CELEIDA: Ei, relaxa anjo. O jogo espera, o Sol, não.

Mércia e Zul chegam com o protetor solar, começam a passar em Celeida. Olham pela janela enquanto massageiam Celeida

ZUL: Daqui dá pra ver tudo que tá acontecendo na cidade

MÉRCIA: Olha o gatinho no parapeito do prédio da frente!

ZUL: Meu deus, que perigo

MÉRCIA: Nossa, agora ele foi esperto

ZUL: Sim... e ainda conseguiu o que ele queria... fugir

MÉRCIA: Olha que cortina feia daquele apartamento

ZUL: Qual?

MÉRCIA: Em cima da janela com plantas

ZUL: Ah achei, você tinha uma cortina igual

MÉRCIA: A Celeida que tinha

CELEIDA: Que que você tão fuxicando ein?

ZUL: Olha tem um rapaz ali

MÉRCIA: O que ele tá fazendo?

ZUL: Parece estar dançando

CELEIDA: Dança? Aquilo? Não é possível. Na minha época as danças eram mais elegantes.

MÉRCIA: Talvez ele esteja só colocando o sapato. Olha! Não é um tênis na mão dele?

ZUL: Verdade! O sapato devia estar apertado pra todo esse esforço

CELEIDA: Zul, passa o protetor direito!

ZUL: Desculpa.

MÉRCIA: O que é aquilo na mão dele?

CELEIDA: Meninas que vista boa vocês têm. Daqui a pouco vão dizer qual a cor da camisa dele.

ZUL: A camisa é rosa, a calça cinza e os olhos... são pretos! Como jabuticaba, e na mão dele tem um crachá e tá escrito...

MÉRCIA: Nossa as letras são muito miúdas Zul, (*pra Celeida*) ela deve estar inventando.

CELEIDA: (*ri*) Eu não duvido

ZUL: Acho que o nome dele é José Cardoso Assunção. Tá colocando um capacete de obra.

As três se olham e riem

MÉRCIA: Quem será que são esses agora?

ZUL: Deve ser o filhinho e a esposa dele, olha como ele é pequenininho

CELEIDA: Eu peguei vocês duas no colo quando vocês tinham esse tamanho aí

MÉRCIA: Eu queria ainda ter as fotos...

CELEIDA: Foto não serve para nada, o bom mesmo é ter a mente em dia, olha eu aqui, com 74 anos e ainda lembro de tudo da nossa infância. Lembro da gente brincando no riozinho que mais parecia uma poça d'água de tão pequenininho (*as três riem*), da gente catando pedrinha e dando nome pra cada uma delas, da cor da nossa casinha, era laranja...

ZUL: Era tão gostosa nossa casinha lá em Rifaina.

CELEIDA: Você não lembra dela não, era muito pequenininha quando saímos

ZUL: Pior que lembro...

MÉRCIA: Era tão gostoso ficar com o pé no rio pelas manhãs e beber café com leite que a mãe dava

ZUL: Ver os girinos...

MÉRCIA: Comer as mangas que o Jairo pegava

ZUL: E depois ir almoçar.

MÉRCIA: Ficar jogando baralho a tarde toda.

ZUL: Tirar um cochilo na rede.

MÉRCIA: E de noite ouvir o programa de rádio daquele rapaz.

ZUL: Qual era o nome dele mesmo?

MÉRCIA: Rubião?

ZUL: Talvez... E aí a gente dormia ouvindo os morcegos lá fora. Eu tinha medo.

MÉRCIA: Eu não.

CELEIDA: Vocês falam que lembram das coisas, mas vocês não lembram do homem da prefeitura indo todo dia medir a largura do riozinho e do quintal, lembram?

silêncio

CELEIDA: Dele olhando com pena da gente, porque sabia que ia ter que nos mandar embora, (*barulho de reforma se intensifica*), lembram?

CELEIDA: (*barulho se intensifica mais*). vocês lembram dos vizinhos, mas vocês lembram deles apavorados na rua conversando sobre o que fariam se a barragem fosse feita nos nossos quintais? Os premiados de uma cidade inteira, uma barragem linda, inovadora, tecnológica e a gente? A gente era o que?

Barulho aumenta

MÉRCIA: Tão vindo.

CELEIDA: Eu não ligo se tão vindo, eu não vou sair, pode me tirar, pode fazer o que quiser, mas eu não saio de novo e de novo e de novo, essa agora é minha casa, é minha cadeira de praia, minha janela, meu sol...

MÉRCIA: As caixas!

CELEIDA: Meu chão, esse chão é meu, minhas paredes! Eu vou plantar uma mangueira aqui no meio dessa sala.

ZUL: Não vai dar tempo de pegar, vamos, Celeida, vamos...

CELEIDA: Eu não quero...!

Barulho fica tão alto que fica inaudível qualquer fala. Muita poeira. Nada se vê. Mércia, Zul e Celeida descem as escadas. Carregam menos caixas e malas que carregavam antes. Há muito pó e um eterno barulho de construção.

III. NA ESCADA MAIS EMBAIXO

MÉRCIA: Tomem cuidado, tem fio solto

CELEIDA: Meu pé porra.

ZUL: Perdão. To com medo.

CELEIDA: Medo de que?

ZUL: De virar entulho.

ZUL: Essa vez a gente ficou menos tempo que da outra, e na outra a gente ficou menos tempo que a anterior da outra, e menos ainda que da anterior da anterior da outra.

CELEIDA: Ilusão sua.

MÉRCIA: Eu não acho. Tão ficando realmente bons nisso. Deve ser o novo engenheiro chefe.

ZUL: Novo?

MÉRCIA: O último morreu rápido dessa vez, quando começou o trabalho já era velho, passou agora para o filho dele continuar.

CELEIDA: Pra filha, é uma engenheira, agora as coisas tão mudando (*diz com uma certa ingenuidade*)

MÉRCIA: Como você sabe?

CELEIDA: Ouvi alguém do prédio comentar.

ZUL: Mas não tem ninguém aqui.

MÉRCIA: Me ajuda com essa caixa?

CELEIDA: Pede pra ZUL

MÉRCIA: Me ajuda com essa caixa?

ZUL: O que tem nela?

MÉRCIA: Não me recordo.

ZUL ajuda

ZUL: É aqui?

Chegam ao andar de baixo: 1038

IV. ANDAR 1038

A luminosidade é pouca, é noite novamente

MÉRCIA: É

ZUL: Uau, essa aqui até que tá bem arrumadinho.

MÉRCIA: Também achei, que bom que viemos pra cá afinal

Zul e Mércia sorriem uma pra outra. O cômodo vai ganhando forma, caixas de papelão se tornam mesas, 3 cadeiras de praia são montadas e as 3 irmãs compõem quase como uma dança cotidiana pelo espaço. Zul revira as caixas e as malas, está à procura de algo. Celeida se abana com um leque. Mércia tenta dormir.

RÁDIO: *(o som do rádio está baixo, quase inaudível, só se ouve seu ruído)* É Eunice, a prefeitura vai retomar os projetos na cidade. E para essa nova etapa será alterado o projeto de expansão da Avenida Treze.

CELEIDA: Meninas, to ouvindo algo, *(sussurra)*. Acho que tem alguém aqui.

RÁDIO: Ela está inserida em um dos Eixos de Estruturação da Transformação Urbana definidos no Plano Diretor Estratégico do Município que são áreas prioritárias para o crescimento da cidade. As premissas do projeto consideram o importante papel da Avenida Treze na rede estrutural de transportes...

MÉRCIA: Onde? Eu não to ouvindo nada.

Mércia vai para perto de Celeida

CELEIDA: Ouvia?

MÉRCIA: Meu deus, sim. O que a gente faz?

CELEIDA: Pede pra eles saírem

MÉRCIA: Mas a gente que chegou depois

CELEIDA: Eu não ligo

MÉRCIA: Celeida, e se forem perigosos?

CELEIDA: Aí querida, eles vão ver que a maluca sou eu, dá pra fazer muita coisa com um secador

MÉRCIA: Você trouxe o secador?

CELEIDA: Claro! Eu tinha que trazer para secar os Bobs

MÉRCIA: Eu não acredito!

CELEIDA: Se eu não trouxesse eu ia fazer você assoprar até...

Zul se aproxima das duas

ZUL: Shhhhhh

RÁDIO: Também considera a importância da Avenida para Bairros lindeiros, concentrando áreas de comércio local, supermercados, bancos e outros serviços. Apesar de atravessar regiões extremamente valorizadas da cidade, a avenida Treze apresenta em seu traçado uma grande quantidade de imóveis deteriorados e sem adesões significativas à Operação Urbana Cidade Linda.

CELEIDA: Ah pronto, agora...

ZUL E MÉRCIA: Shhh

RÁDIO: O projeto prevê, em ambos os lados da avenida, a ampliação de calçadas, nova pavimentação de vias e espaços públicos, melhoria da infraestrutura para transporte coletivo, enterramento de redes, melhoria da drenagem urbana, iluminação, sinalização e semáforos, implantação de mobiliário urbano, comunicação visual, paisagismo, ajardinamento.

Zul encontra o rádio

ZUL: Deixaram aqui. Não tem ninguém.

CELEIDA: Meu deus! É i-gual-zi-nho ao que eu tinha.

Tira da mão de Zul

MÉRCIA: É de pilha?

CELEIDA: É

MÉRCIA: E ainda ta funcionando?

CELEIDA: Tá sim, devem ter saído daqui faz pouco tempo.

ZUL: Por que saíram?

CELEIDA: Não importa

silêncio, só o ruído do rádio ao fundo

MÉRCIA: Ei me deixa eu ouvir também.

CELEIDA: Vem cá.

As três se juntam e ouvem o rádio

RÁDIO: E agora, vamos ouvir a prefeita da cidade, é com você...

Celeida, Mércia e Zul resmungam

CELEIDA: Nunca gostei dela.

MÉRCIA: Que mentira, eu sei que você votou nela e se arrependeu depois.

ZUL: Você votou nela?

CELEIDA: Eu? Para de inventar lorota e você para de acreditar nela. Eu ein, vou votar em quem não apoia idoso ter gratuidade na passagem de ônibus? Jamé.

RÁDIO: Boa noite caros ouvintes, o projeto cidade linda já está sendo colocado em prática faz 2 meses, nesse momento estamos contando com a ampliação da avenida onze e a implantação de flores nas rodovias, nada como uma cidade mais colorida ein?

CELEIDA: Vou pegar essas flores e enfiar no seu...

ZUL E MÉRCIA- Shhhh

RÁDIO: Foi iniciado, também, o processo de higienização do centro: a pintura dos feios muros pintados que estavam poluindo visualmente a cidade,

CELEIDA: Feia é você sua...

ZUL E MÉRCIA: Shhhh

RÁDIO: Está em processo a limpeza populacional de edifícios muito velhos, juntamente com sua destruição para a construção de novos pólos comerciais.

CELEIDA: Ahahah limpeza populacional? Está falando o que? Que somos baratas? Ta me chamando de barata?

RÁDIO: Sim. Se mora em um desses prédios, faça o favor de fazer suas malas agora que a equipe de limpeza do andar está chegando, vocês têm 5 segundos, peguem tudo que conseguirem caros ouvintes

Som de destruição e pó aumentam gradativamente no andar

MÉRCIA: Que? As nossas coisas, pega tudo...

RÁDIO: 5

CELEIDA: Eu quero meu radinho.

RÁDIO: 4

MÉRCIA: Ele não é seu

RÁDIO: 3

CELEIDA: Eu quero ele! Eu quero dormir ouvindo a voz dele

RÁDIO: 2

ZUL: Meninas! Só vamos, por favor! Meu olho não aguenta mais tanto pó

RÁDIO: 1

MÉRCIA: Cadê vocês?

RÁDIO: obrigada, e vote 45.

Música eleitoral toca no rádio enquanto o barulho de construção começa a aumentar ainda mais, juntamente do pó.

V. NA ESCADA MAIS E MAIS EMBAIXO

MÉRCIA: Tomem cuidado, tem fio solto

CELEIDA: Meu pé porra.

ZUL: Perdão. To com medo.

CELEIDA: Medo de que?

ZUL: De virar entulho.

ZUL: Essa vez a gente ficou menos tempo que da outra, e na outra a gente ficou menos tempo que a anterior da outra, e menos ainda que da anterior da anterior da outra.

CELEIDA: Ilusão sua.

MÉRCIA: Eu não acho. Tão ficando realmente bons nisso. Deve ser o novo engenheiro chefe.

ZUL: Novo?

MÉRCIA: O último morreu rápido dessa vez, quando começou o trabalho já era velho, passou agora para o filho dele continuar.

CELEIDA: Pra filha, é uma engenheira agora, as coisas tão mudando (*diz com uma certa ingenuidade*)

MÉRCIA: Como você sabe?

CELEIDA: Ouvi alguém do prédio comentar.

ZUL: Mas não tem ninguém aqui.

MÉRCIA: Me ajuda com essa caixa?

CELEIDA: Pede pra Zul

MÉRCIA: Me ajuda com essa caixa?

ZUL: O que tem nela?

MÉRCIA: Não me recordo.

ZUL ajuda

ZUL: É aqui?

VI. ANDAR 1037

CELEIDA: Não.

ZUL: Aquilo é um?

CELEIDA: Sim, carro, esse andar virou estacionamento. Vamos

MÉRCIA: Tô cansada

CELEIDA: E eu disse vamos

ZUL: Vem, eu te ajudo

A cena ganha uma certa rapidez

VII. NA ESCADA MAIS MAIS MAIS EMBAIXO

MÉRCIA: Tomem cuidado, tem fio solto

CELEIDA: Meu pé porra.

ZUL: Perdão. Tô com medo.

CELEIDA: Medo de que?

ZUL: De virar entulho.

ZUL: Essa vez a gente ficou menos tempo que da outra, e na outra a gente ficou menos tempo que a anterior da outra, e menos ainda que da anterior da anterior da outra.

CELEIDA: Ilusão sua.

MÉRCIA: Eu não acho. Tão ficando realmente bons nisso. Deve ser o novo engenheiro chefe.

ZUL: Novo?

MÉRCIA: O último morreu rápido dessa vez, quando começou o trabalho já era velho, passou agora para o filho dele continuar.

CELEIDA: Pra filhA, é uma engenheira agora, as coisas tão mudando (*diz com uma certa ingenuidade*)

MÉRCIA: Como você sabe?

CELEIDA: Ouvi alguém do prédio comentar.

ZUL: Mas não tem ninguém aqui.

MÉRCIA: Me ajuda com essa caixa?

CELEIDA: Pede pra Zul

MÉRCIA: Me ajuda com essa caixa?

ZUL: O que tem nela?

MÉRCIA: Não me recordo.

Zul ajuda

ZUL: É aqui?

VIII. ANDAR 1036

CELEIDA: Esse andar tá fedendo

MÉRCIA: Tão usando aqui de...

CELEIDA- Sim e acho que cortaram a água, não deve mais dar pra dar descarga.

ZUL: A água? E agora?

CELEIDA: Achei que cortariam antes até. Vamos continuar, nos andares mais baixos ainda deve ter água.

ZUL: Por quê?

CELEIDA: Por que o que?

ZUL: Por que eles ainda devem ter água?

MÉRCIA: Você sabe Zul, tudo demora mais para chegar até aqui. É mais longe, precisa subir mais, enfim

CELEIDA: Quanta ingenuidade.

MÉRCIA: Que foi agora?

CELEIDA: Tudo demora mais para chegar aqui porque eles querem. Vocês acham mesmo que lá embaixo foi assim? Saíam amanhã e pronto? *ri*. Lá eles têm 3 meses pra sair, ganharam imóvel novo. Lá, eles sabem pra onde vão, sabem o dia de amanhã. A gente? Não sabe nem se vai estar viva daqui duas horas.

MÉRCIA: Podemos continuar? Aqui tá fedendo e eu to muito cansada

CELEIDA: Como quiserem

IX. NA ESCADA MAIS MAIS MAIS MAIS EMBAIXO

MÉRCIA: Tomem cuidado, tem fio solto

CELEIDA: Meu pé porra.

ZUL: Perdão. To com medo.

CELEIDA: Medo de que?

ZUL: De virar entulho.

ZUL: Essa vez a gente ficou menos tempo que da outra, e na outra a gente ficou menos tempo que a anterior da outra, e menos ainda que da anterior da anterior da outra.

CELEIDA: Ilusão sua.

MÉRCIA: Eu não acho. Tão ficando realmente bons nisso. Deve ser o novo engenheiro chefe.

ZUL: Novo?

MÉRCIA: O último morreu rápido dessa vez, quando começou o trabalho já era velho, passou agora para o filho dele continuar.

CELEIDA: Pra filha, é uma engenheira agora, as coisas tão mudando (*diz com uma certa ingenuidade*)

MÉRCIA: Como você sabe?

CELEIDA: Ouvi alguém do prédio comentar.

ZUL: Mas não tem ninguém aqui.

MÉRCIA: Me ajuda com essa caixa?

CELEIDA: Pede pra Zul

MÉRCIA: Me ajuda com essa caixa?

ZUL: O que tem nela?

MÉRCIA: Não me recordo.

ZUL ajuda

ZUL: É aqui?

X. ANDAR 1035

MÉRCIA: Era pra ser, mas está trancada

CELEIDA: 1035... Aqui não morava aquela moça?

ZUL: Qual? A que? (*Faz gesto com a mão*)

MÉRCIA E CELEIDA: Essa mesma.

CELEIDA: Nunca dava oi pra ela

ZUL: Por quê? Achava ela tão simpática... sempre se oferecia pra me ajudar nas compras

CELEIDA: *resmungo*

MÉRCIA: Soube que ela ficava de namoro com o mocinho do 2º andar

ZUL: É verdade! Eu já vi

CELEIDA: O que você viu?

ZUL: Eles na portaria conversando, falavam sobre futuro, sobre sonhos, queriam abrir um café juntos, eu disse que iria com certeza e que poderia até mesmo cantar uma música na abertura

CELEIDA: Mas você nem canta

ZUL: Pra tudo tem uma primeira vez

CELEIDA: E que música você cantaria?

ZUL começa a cantar uma música

MÉRCIA: Meninas... eu não queria interromper, mas pra tudo tem uma primeira e uma última vez

MÉRCIA tenta empurrar a porta, mas nada acontece

MÉRCIA: E eu sinceramente já estou cansada, essa é a última vez que eu...

CELEIDA: Que você o que?

MÉRCIA: Não importa

CELEIDA- Você que ir embora, não quer, Mércia?

MÉRCIA: Eu não disse isso

CELEIDA: Mas foi o que quis dizer...

MÉRCIA: Eu abandonei vocês alguma vez?

CELEIDA: Mas eu não duvido que faria. Seu sonho é sair dessa cidade, eu sei disso. Vamos ZUL, vamos continuar, que a gente ainda vai achar nosso cantinho

MÉRCIA: Celeida... eu já to velha, às vezes eu penso se...

CELEIDA: Se o que? Todas estamos velhas aqui, todas estamos cansadas. Aliás não quero nem saber o que você tem a dizer, eu to indo, e quem quiser me acompanhe.

Silêncio

ZUL: Espera

Silêncio

ZUL olha pela fechadura.

ZUL: Olhem ela está lá

As irmãs olham

MÉRCIA: Quem tá lá?

ZUL: A mocinha simpática que mora aqui

CELEIDA: Impossível

Mércia e Celeida vão até a fechadura

MÉRCIA: Não vejo nada

CELEIDA: Nem eu

ZUL: Ela está ali, na sala... dançando

CELEIDA: **ZUL** para de inventar...

MÉRCIA: Não, não, eu acredito. O que mais?

CELEIDA: Acredita?

MÉRCIA: Dessa vez sim

CELEIDA: Por quê?

MÉRCIA: Porque eu quis.

ZUL: Ela está com os cabelos presos, e no seu vestido tem... hmm... *ri, ri muito*, O CÉU

MÉRCIA: O céu?

ZUL: SIM!

MÉRCIA ri

MÉRCIA: O que mais?

ZUL: Ela tem algo nas mãos

CELEIDA: Vocês duas enlouqueceram. Esse fedor deve estar entrando no cérebro de vocês

MÉRCIA: O que ela tem nas mãos?

ZUL: Não importa

MÉRCIA: Como assim não importa? Deixa-me ver

Empurra Zul

MÉRCIA: Ei, moça o que você carrega nos braços? Deixa dançar com você, deixa eu entrar, abre a porta! Por favor! Eu só preciso tomar um banho, juro que é rápido

Mércia começa a bater na porta e a tossir

ZUL: Vem, Mércia, vem Celeida, eles estão entrando pela janela, vamos, rápido

As três irmãs começam a tossir com a poeira do andar. Neblina

MÉRCIA: Mas eu quero dançar

ZUL: Então vem, porque pra dançar você tem que estar viva

Poeira por todo o lugar, o barulho de demolição toma conta novamente

XI. ANDAR 1034

MÉRCIA: Tomem cuidado, tem fio solto

ECO: Tomem cuidado, tem fio solto

MÉRCIA: Zul?

ECO: Zul?

MÉRCIA: Celeida?

ECO: Celeida?

MÉRCIA: Não, é a Mércia

ECO: Não, é a Mércia

MÉRCIA: Ah, Mércia...

ECO: Ah, Mércia...

MÉRCIA: Tive saudade de você, quer dançar comigo?

ECO: Tive saudade de você, quer desistir de tudo comigo?

MÉRCIA: Você não precisa me imitar em tudo. A Celeida me diz desde pequena que eu preciso ter mais opinião própria, talvez você devesse também.

ECO: Você não precisa me imitar em tudo. A Celeida me diz desde que pequena que eu preciso ter mais opinião própria, talvez você devesse também

MÉRCIA: *(ri)* eu já tenho

ECO: Não tem

MÉRCIA: O que disse?

ECO: O que disse?

MÉRCIA: Desista, você não sou eu

ECO: Desista, você não sou eu

MÉRCIA: E nem quer ser

ECO: E nem quer ser

MÉRCIA: Você só acha que sabe quem eu sou

ECO: Você só acha que sabe quem eu sou

MÉRCIA: Se um dia você tiver coragem de sair por essa porta, continuar aquele curso de cabeleireira que você nunca terminou e tentar arranjar um lugar pra você, pra Zul e pra Celeida morarem, eu penso em te considerar um indivíduo com... vontades próprias

ECO: me recuso

MÉRCIA: a que?

ECO: a que?

ECO: a repetir isso

MÉRCIA: a repetir isso

MÉRCIA: Achei que você fosse obrigada a repetir tudo o que eu digo, tudo o que eu faço

ECO: Não, você já se repete demais

MÉRCIA: Eu...

ECO: Repito?

ECO: Você sabe que não teve chance

MÉRCIA: Você sabe que não teve chance

ECO: Você sabe que elas nunca deixariam você fazer isso

MÉRCIA: Você tá sendo fraca

ECO: Você não consegue sair daqui, porque coloca entulhos nos seus caminhos, coloca poeiras em construções vazias e acha que tudo a sua volta vai desmoronar, mas na verdade a única coisa que está desmoronando é o seu presente

MÉRCIA: o meu presente?

ECO: o meu presente?

MÉRCIA: você não sabe o que diz

ECO: você não sabe o que diz

MÉRCIA: repete, duvido que consiga

ECO: repete, duvido que consiga

MÉRCIA: repito

ECO: repito

MÉRCIA: não, para, não é isso que eu quero

ECO: não para, não é isso que eu quero

MÉRCIA: você é incapaz de querer algo

ECO (*se distanciando*): você é incapaz de querer algo

MÉRCIA: volta aqui

ECO (*se distanciando cada vez mais*): não volto, você vai ter que lidar sozinha com o vazio dessa escada

MÉRCIA: eu não quero ficar sozinha

Silêncio

Blackout

CELEIDA EM OFF: EU GRITO MESMO, NÃO SAIO DAQUI E NÃO TEM QUEM ME TIRE SEUS

LARÁPIA

MÉRCIA E ZUL (*gritam*): Celeidaaaa??

Luz voltando aos poucos, há muito pó

XII. ANDAR 1033

ZUL: Cê? Mércia?

silêncio

o pó vai diminuindo

ZUL: To com medo.

silêncio

o pó some totalmente

Uma fresta de porta se abre, Zul vai até ela, mas logo se fecha. O mesmo ocorre com mais duas portas. A quarta fresta se abre:

VOZ DA FRESTA: Psiu

Zul procura de onde vem a voz

VOZ DA FRESTA: Psiu. Você tem um martelo?

ZUL: Não, (*ri*) quem que carrega um martelo consigo?

A porta se fecha, ouve-se um murmurinho de dentro dela, a porta se abre.

VOZ DA FRESTA: Uma corda?

ZUL: Não. Você viu minhas irmãs?

A porta se fecha, ouve-se um murmurinho de dentro dela, a porta se abre.

ZUL: Uma delas é baixinha e provavelmente reclamou com vocês sobre qualquer coisa que exista no mundo e a outra...

VOZ DA FRESTA: Me passa essas caixas

ZUL: Mas elas não são minhas.

A porta se fecha. Enorme silêncio

ZUL: Ei (*grita*). Eu te dou.

A porta abre. Zul passa as caixas. Uma mão a recolhe. A porta fecha.

ZUL: Desculpa Mércia

Ouve-se um barulho de muitas risadas e depois de reforma. A porta se abre novamente, uma caixa é devolvida.

ZUL: Mas e as outras?

Zul abre a caixa e a vira de cabeça pra baixo, caem tijolos, terra e entulhos.

VOZ DA FRESTA: Obrigada.

A porta se fecha.

A porta se abre. Uma mão aparece segurando um copo com um líquido colorido dentro.

VOZ DA FRESTA: Aceita?

ZUL: Eu não quero mais nada seu.

A mão coloca o copo na mão de Zul e fecha a porta novamente.

Zul bebe o líquido, não é bom.

A porta se abre, uma mão sai, outra a puxa pra dentro novamente. A porta se fecha. A porta se abre, dessa vez a única coisa que sai dela é o som de uma música de festa. Uma caixa é colocada no chão. Se fecha novamente. Isto se repete inúmeras vezes até que o corredor está abarrotado de caixas.

Pausa.

Silêncio.

Ouve-se um Toc toc toc vindo de dentro do apartamento

ZUL: Mércia? É você?

VOZES DA FRESTA: SURPRESAA

A porta se abre, serpentinas e confetes saem de dentro dela e caem em cima de Zul. A porta se fecha.

As vozes e a música vão se intensificando.

Zul começa a abrir as caixas, há memórias e objetos de todos os moradores do prédio Sapatos, roupas, fotos, itens pessoais ...etc... e uma faixa enorme que diz “Nós não vamos sair porque a festa ainda não acabou”.

CELEIDA EM OFF: EU GRITO MESMO, NÃO SAIO DAQUI E NÃO TEM QUEM ME TIRE SEUS LARÁPIA

MÉRCIA E ZUL (*gritam*): Celeidaaaa??

XIII. ANDAR 1032

A enorme faixa é virada ao contrário, nela há escrito “Comemoração dos 500 andares demolidos”.

Em outro andar

CELEIDA: Meu pé porra

HOMEM 1: Desculpe?

CELEIDA: Foi você não

HOMEM 1: Não fui eu..., mas poderia ter sido...Você ta sozinha aqui?

Celeida o olha de cima abaixo

CELEIDA- Por que você quer saber?

HOMEM 1: Quero saber se está acompanhada

CELEIDA: Só da minha experiência

HOMEM 1: E posso saber que experiência é essa?

CELEIDA: De não cair em papinho de homens casados que nem você

HOMEM 1: Casado? Eu?

CELEIDA: Eu vi sua aliança desde que entrei nesse salão

HOMEM 1: Não tirei por apreço aos mortos, sou viúvo

CELEIDA: E o que você ta fazendo aqui?

HOMEM 1: Eu te conto tudo, se você e sua experiência me concederem uma dança

CELEIDA: Só uma?

HOMEM 1: Quantas quiser

CELEIDA: Só quero uma

Homem 1 a puxa para dançar

HOMEM 1: Não é que a senhorita arranha na dança mesmo

CELEIDA: Vai ver o que mais eu arranho. Agora me diga o que você tá fazendo aqui?

HOMEM 1: Achei que era óbvio, comemorando

CELEIDA: É o seu aniversário?

HOMEM 1: *ri* Quase isso. É aniversário de meu filho mais precioso

CELEIDA: Filho? Quantos anos ele tem?

HOMEM 1: 3 anos

CELEIDA: Só?

HOMEM 1: Ele tem 3 anos, mas já é grande

CELEIDA: Posso conhecer?

HOMEM 1: Você já conhece

CELEIDA: Conheço?

HOMEM 1: Claro

CELEIDA: Não estou te entendendo

HOMEM 1: Bom... agora é minha vez, você me fez uma pergunta e agora eu te faço uma. O que você está fazendo nessa festa?

CELEIDA: Vim aqui por acaso, estou de passagem

HOMEM 1: Alguém te convidou?

CELEIDA: Não, já disse, vim por acaso. Me perdi e cá estou

HOMEM 1: Não estou entendendo. Você não é engenheira?

CELEIDA: Não

HOMEM 1: Arquiteta?

CELEIDA: Não sei desenhar

HOMEM 1: Pedreira?

CELEIDA: Nunca segurei um martelo na vida

HOMEM 1: Quem te convidou?

CELEIDA: Eu mesma

HOMEM 1: Como assim?

CELEIDA: Ué, desci as escadas, e entrei

HOMEM 1: Ainda não te compreendi senhora

CELEIDA: Além de desengonçado, é burro. Eu moro aqui!

HOMEM 1: Aqui?

CELEIDA: Aqui

HOMEM 1: Nesta cidade?

CELEIDA: Tá frio

HOMEM 1: Neste bairro

CELEIDA: Morno

HOMEM 1: Nesta rua

CELEIDA: Esquentando

HOMEM 1: No prédio da esquina?

CELEIDA: Esfriou

HOMEM 1: No prédio da frente

CELEIDA: Médio frio

HOMEM 1: Médio frio?

CELEIDA: É, mais perto que antes, mas mais longe que o anterior

HOMEM 1: Já sei! No prédio vizinho!

CELEIDA: Não! Eu moro aqui! Neste prédio.

HOMEM 1: Impossível.

CELEIDA: Por quê?

HOMEM 1: Porque este prédio não existe mais. Olha em volta, essa é a festa para comemorar os 500 andares destruídos, o aniversário de 3 anos do plano diretor.

Pausa

CELEIDA: Sabe qual é a minha vontade? De...

ENGENHEIRA CHEFE: *(em um microfone)* Boa noite caros e caras, hoje estamos reunidos para nada mais nada menos que comemorar o sucesso de nossas metas, essas que foram planejadas 50 anos atrás com muito esforço de todos aqui presentes.

Todos os presentes batem palmas, menos Celeida

ENGENHEIRA CHEFE: Bom queria agradecer primeiramente aos trabalhadores aqui da obra, afinal sem eles nada seria possível, uma salva de palmas por favor

Todos os presentes batem palmas, menos Celeida

ENGENHEIRA CHEFE: Queria agradecer também a minha família que encabeçou este projeto 50 anos atrás: meu bisavô, senhor Abídio, que infelizmente faleceu no processo, que deus o tenha, amém, e meu avô Abídio Junior, infelizmente morto também *ri de nervoso*

Todos batem palma, a não ser Celeida

ENGENHEIRA CHEFE: Esses dois homens deixaram esta grande obra para meu pai, senhor Ricardo, que também faleceu durante o processo, infelizmente, mas que deixou para mim, Betina, em seu testamento.

Uma salva de palmas

BETINA: Obrigada, obrigada. *(Bebe de sua taça)* Hm que gosto desagradável *(ri de nervoso)* mas bom vamos ao que interessa, hoje eu gostaria de compartilhar com vocês aqui presentes sobre o rumo de nossas obras. Como já disse, os últimos 50 anos foram um sucesso, portanto temos recursos suficientes para os próximos e próximos e próximos anos.

Salva de palmas

BETINA: Nossa próxima meta a ser cumprida no momento é... *(Seu walkie-talkie toca, ela olha com desdém, mas responde sussurrando)* Alô? Uma escavadeira? José Cardoso Assunção? E o que eu tenho a ver com isso? Não sei, 2 quilos? 2 toneladas não é nada. Indenização? *(ri)* E eu tenho cara de banco agora? Falem com o responsável pelas obras aí embaixo, tenho que ir, estou dando um

discurso sobre o futuro dos prédios de nossa cidade. *(desliga)* Bom... gente desculpa, sabem como é, imprevisto de obras. Continuando, de onde paramos? Ah sim...

CELEIDA: *(Interrompe o discurso a plenos pulmões)* Eu digo de onde paramos senhora Cretina. Nós paramos do ponto que isso tudo é uma palhaçada e digo mais

BETINA: Quem é essa maluca? Olhem a roupa dela que maltrapilha, tirem ela daqui! AGORA

CELEIDA- Você está destruindo vidas, famílias e tudo isso só pra encher seu bolso de dinheiro pra comprar jatinho.

Homem 1 tenta segurar Celeida que luta contra e grita a plenos pulmões

HOMEM 1: CHEGA! Para de gritar! *(gritando mais ainda)*

CELEIDA: EU GRITO MESMO, NÃO SAIO DAQUI E NÃO TEM QUEM ME TIRE SEUS LARÁPIA

ZUL E MÉRCIA (VOZ EM OFF) *(gritam):* CELEIDAAAA?

A luta braçal continua, Zul e Mércia surgem pela porta esbaforidas.

MÉRCIA: O que ta acontecendo aqui?

BETINA: Ah pronta, era só o que me faltava, mais baratas amigas

CELEIDA: Você não fala assim das minhas irmãs

BETINA: Eu falo querida como eu quiser com quem eu quiser. Posso saber quem são vocês?

CELEIDA, MÉRCIA E ZUL: NÓS MORAMOS AQUI

BETINA: *(ri)* Entendi tudo, soltem elas, eu sabia que esse momento ia chegar. Nós vamos resolver isso na sala ao lado.

Blackout

XIV. ANDAR 1031

Betina e as três irmãs estão em uma sala em que só há uma cadeira e uma mesa. Betina está sentada na cadeira com uma arma na mão, ela aponta a arma para as irmãs que estão em pé e amontoadas.

BETINA: Oi minhas queridas, acho que podemos pular essa introdução formal né?

CELEIDA: Sua sem escrúpulos

BETINA: Ei estamos entre amigas, não precisamos começar nos ofendendo.

ZUL: Eu não quero morrer

BETINA: Quem aqui vai morrer?

MÉRCIA: Abaixei essa arma

BETINA: Ainda não. Vamos conversar primeiro, se meu braço cansar quem sabe eu abaixo ou eu... não importa. Olha, vou tentar ser breve com vocês, já lidei com muita gente do tipinho de vocês

CELEIDA: Melhor lidar com nosso tipinho do que com o seu

BETINA: Nossa que dor no braço me deu agora

ZUL: Celeida, fica quieta, deixa ela falar

BETINA: Obrigada querida. Bom, como eu ia dizendo, eu tenho três propostas para as senhoritas, porque hoje estou de bom humor, é dia de festa não?

CELEIDA: Diga logo as propostas

BETINA: Agora você quer ir rápido?

CELEIDA: Achei que você não queria perder a festa

BETINA: Muito bem. Achou certo. Vamos lá, que andar vocês moravam?

MÉRCIA: 1046

BETINA: Certo, um apartamento de uns, 80 metros quadrados, isso?

ZUL: Mais ou menos isso sim

BETINA: Perfeito, olha a primeira proposta é a seguinte, vocês saem numa boa desse prédio pela porta da frente que nem 3 ladões que vocês são, sem reclamar e sem falar um pio sobre mim ou sobre essa festa, e eu lhes ofereço uma, vamos dizer, casinha na zona extremo norte da cidade

MÉRCIA: Mas isso é do outro lado da cidade

BETINA: De carro são só 20 minutinhos

ZUL: A gente não tem carro e...

BETINA: Nossa, verdade, desculpa eu esqueci que barata não anda de carro. Bom, nesse caso, talvez a segunda proposta seja melhor pra vocês então

CELEIDA: Fala logo

BETINA: Vocês podem trabalhar aqui na obra e morar de graça no prédio ao lado.

MÉRCIA: Trabalhar na obra?

ZUL: Quanto a gente ganharia

BETINA: Como assim? Vocês ganhariam um apartamento só de vocês pelo tempo em que estiverem trabalhando aqui, isso não é ganhar demais não? Não acham que estão sendo exigentes demais?

CELEIDA: Exigentes? Você vai ver só...

MÉRCIA: CELEIDA! Para! (*para Betina*) Você disse que tinha uma terceira proposta, qual era?

BETINA: Bem lembrado! A terceira proposta é não escolher nenhuma das propostas e sair daqui, vamos dizer, bem diferente do que do jeito que vocês entraram (*ri de nervoso*)

CELEIDA: Eu não aguento mais essa mulher, EU VOU TE ESGANAR

Celeida vai em direção a Betina, as duas irmãs tentam segurá-la

Blackout

Luz acende

Celeida está sentada na mesa e segura a arma, Mércia e Zul continuam no mesmo lugar paralisadas, agora junto de Betina

CELEIDA- Minha vez de ditar as regras queridinha, você vai pegar um megafone e mandar pararem a obra nesse segundo.

BETINA: As coisas não funcionam assim...

CELEIDA: Agora funcionam, você sabe quantas pessoas perderam tudo por sua causa?

BETINA: Ei não vamos pessoalizar, minha causa não, a cidade estava precisando desse espaço para uma área um pouco mais... vamos dizer... organizada? civilizada?

CELEIDA: E agora sabe do que a cidade está precisando?

BETINA: Que você pare de show e saia da minha cadeira?

CELEIDA: Que eu te esgane sua...

Blackout

Gritaria ao fundo

Luz acende, as irmãs seguram Celeida, a impossibilitando de disparar a arma

Blackout

Luz acende, Zul está segurando a arma

Blackout

Luz acende, a arma está jogada no chão, as 4 mulheres brigam em cima da mesa *Blackout*

Luz acende, Betina segura a arma apontando para a própria cabeça, clima de tensão se instaura, as irmãs estão imóveis

BETINA: Isso é muito injusto, eu só herdei algo, eu não criei as regras desse prédio e muito menos as regras do nosso mundo, eu só compactuo com o que já existe. Que culpa tenho eu de ter nascido nessa família rica e poderosa que não quer fazer nada além de ganhar dinheiro? Eu quero as mesmas coisas que vocês, eu quero que todos tenham uma casa, um teto, comida, a única diferença é que eu acredito que cada um tem a casa que merece, a comida que merece, o trabalho que merece. Ninguém aqui é ladrão, ninguém aqui rouba, ninguém aqui mata, a gente só quer viver, eu falo isso pela família, eu acredito na família de bem, a gente tá no mesmo barco meninas, por que vocês estão apontando essa arma pra mim? Eu não tenho culpa, eu não tenho culpa de ser rica, eu não tenho culpa de querer o melhor pra mim, só pra mim!

Ela dispara a arma contra ela mesma, da arma saem confetes. As irmãs se aproximam.

MÉRCIA: O que ela fez?

ZUL: Ela é maluca

CELEIDA: Vão achar que foi a gente

MÉRCIA: Meu deus do céu

ZUL: Eu nunca passei por nada parecido

CELEIDA: Ela mexeu a mão?

MÉRCIA: Impressão sua

ZUL: Credo, vai assombrar a gente por sermos pobres demais

CELEIDA: Betina?

BETINA: Eu

ZUL: Não é possível

MÉRCIA: Coisa ruim não morre

CELEIDA: A gente achou que você estava mortinha

BETINA: Estava, mas lembrei que não posso morrer, tenho muita coisa pra fazer, tenho uma família a cuidar, telefones a responder, e aliás a festa ainda não acabou

se levanta e abre um Champagne

BETINA: Aceitam?

ZUL: A morte fez bem pra ela

BETINA: Vem, vamos, vamos comemorar a demolição do andar

CELEIDA- O que? De que andar?

BETINA: *(pega o walkie-talkie)* Iniciar demolição do andar 1031, iniciar demolição do andar urgente

nada acontece

BETINA: Repetindo: iniciar demolição do andar 1031, iniciar demolição do andar urgente. CADE VOCÊS?

RESPOSTA DO WALKIE-TALKIE: Alo, olá senhorita, não podemos estamos na missão de tirar o trabalhador José Cardoso Assunção de debaixo da escavadeira. Estamos todos aqui, é muito sério precisamos de toda ajuda possível

BETINA: Exijo todos aqui no andar.

RESPOSTA DO WALKIE-TALKIE: Senhora não podemos.

BETINA: Usem suas pernas e venham agora

RESPOSTA DO WALKIE-TALKIE: Senhora ou é você ou ele

BETINA: Então... que seja eu, venham todos AGORA

Silêncio. Depois de alguns segundo se houve barulho de demolição. Poeira, nada se vê

Blackout, a próxima cena se passa no escuro total. Há um pulo no tempo, se passaram horas ou dias talvez.

XV. NA CALADA DA NOITE

MÉRCIA- Celeida?

CELEIDA: Oi

MÉRCIA: Acordada?

CELEIDA: Ahã

MÉRCIA: Cê, eu... eu vou embora, eu decidi.

Silêncio

CELEIDA: Tudo bem

MÉRCIA: Tudo bem?

CELEIDA: ...Claro, essa decisão é inteiramente sua

MÉRCIA: Eu não aguento mais ficar descendo e descendo a vida toda, fugindo, me escondendo, e depois de hoje, eu senti medo de verdade, eu preciso achar um lugar que seja nosso, só nosso

CELEIDA: Eu... eu te entendo

MÉRCIA: Eu juro que eu volto pra levar vocês pra algum lugar melhor, algum lugar pra gente chamar de lar

CELEIDA: Eu sei que vai, vai se despedir da Zul

MÉRCIA: Não acorda ela agora não.

CELEIDA: Eu cuido dela até você voltar

MÉRCIA: Obrigada. Eu amo vocês

CELEIDA: Estaremos te esperando.

MÉRCIA: Até.

CELEIDA: Até, minha irmã... boa sorte.

FIM ... por enquanto

Sobre a dramaturgia:

A peça foi baseada na história de vida de minhas três madrinhas, minhas vizinhas e mulheres que tanto admiro, cuidadoras de cachorros, plantas e ótimas contadoras de história. Celeida, Mércia e Zuleina Nicolau foram expulsas de todas as casas que moraram, sendo a última em minha própria rua, foram retiradas pela própria prefeitura, com o intuito de embelezar e alargar uma das maiores avenidas da cidade. Por ser uma avenida de grande importância, o trabalho todo foi feito de maneira precária, causando a morte de um trabalhador de 24 anos, soterrado pela escavadeira.

Atualmente, as três irmãs se separaram, uma delas retornou à Rifaina, onde achou uma casa para chamar de sua. As outras duas continuam na luta da cidade grande- achar um lugar que possam cuidar de suas plantas e de seus cachorros em paz.

Dedico essa peça ainda inacabada à Celeida Nicolau, Mércia Nicolau e Zuleina Nicolau. Minhas três saudades diárias.



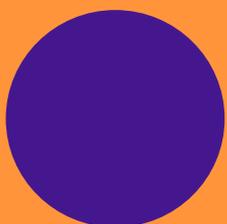
Luê Vanoni de Campinas/SP, é estudante de Artes Cênicas da Unicamp desde de 2020. Faz parte do Coletivo Janela de Incêndio e realizou duas iniciações científicas, uma em escrita dramática a partir dos contos de Murilo Rubião e acerca da demolição de casas sem aviso prévio na cidade de São Paulo, e a segunda sobre teatro colaborativo na América Latina. Se interessa imensamente pela dramaturgia e pelo teatro de grupo.

REZA COTIDIANO

LUZ RIBEIRO

"É um trabalho potente, corajoso, que enfrenta com afrografias os apagamentos produzidos durante as atuais guerras do Brasil. Localizando o projeto dramaturgico em termos geográficos, culturais e estéticos, Luz Ribeiro risca o seu encantamento primeiro: "Esse palco está situado em terreno originário". Revirando a terra, negociando e enganando o tempo, Luz faz uma oferta, entrega ritmos e poesias, e alcança um terreno para plantar as sementes de uma peça teatral que celebra processos de cura com Obaluaiê."

Jéssica Nascimento Olaegbé



SINOPSE:

Através das ondas de uma Rádio, Obaluaiê atravessa cenas da vida diária, manipulando e curando o tempo, ao girar seu toca-discos, que o torna capaz de avançar ou retroceder nas histórias. Orixás e Filhos de Orixás estão em ações cotidianas enfrentando desafios e dilemas humanos. Jovens Pretes exercitando a reconciliação com os ponteiros, enquanto descobrem na espiritualidade uma ferramenta essencial para sobreviver e encontrar permanência.

PERSONAGENS:

OS SONHOS – Todos que foram sonhados dentro ou fora da cena

OBALUAIÊ

RÁDIO

FILHOS DE EXU [Três pessoas fazem Exu]

IKU

FILHA DE AYABÁ

CARA BRANCO – Qualquer Performer

AYABAS: OXUM, IANSÃ, NANÃ E IEMANJÁ

OBORÓS: OGUM E OXOSSI

FILHOS DE OXALÁ: OXALUFÃ E OXAGUIÃ

concha: VOZ OFF A CRIAÇÃO

PRÓLOGO

concha:
BEM AQUI,
PÂNTANO E
ÁGUA, ÁGUA, AGUÁ, AGUÁ
E MAIS ÁGUA E MAIS ÁGUA.
ACIMA DESSA TODA ÁGUA:
O CÉU, OLORUM E ORIXÁS.
DESEJOU ENTÃO OLORUM TERRA FIRME ENTRE AS ÁGUAS,
E INCUBIU SEU SONHO A OBATALA,
PARA ISSO DEU-LHÊ:
CONCHA MARINHA COM TERRA,
UMA POMBA,
UMA GALINHA DE CINCO DEDOS.
DESCEU OBATALA, E DEPOSITOU NO PÂNTANO TERRA DA CONCHA,
E EM CIMA DELA COLOCOU A GALINHA E A POMBA,
QUE CISCARAM ATÉ QUE TERRA E ÁGUA FOSSEM VISTAS,
POR TODA EXTENSÃO,
DA TERRA.
OLORUM SONHOU DE NOVO,
AGORA COM ÁRVORES,
E OBATALA DESCEU E FLORESTOU TUDO.
OLORUM SONHOU MAIS UMA VEZ
E DESSA VEZ SONHOU PESSOAS,
E OBATALA MODELOU DO BARRO
OS SONHOS,
OLODUMARÉ SOPROU CADA SONHO COM VIDA.
UM DIA UM SONHO SONHOU DIFERENTE E DESEJOU O FIM DE SONHO OUTRO.
E HOJE O SOL PRECISARÁ DESCER A TERRA PARA RELEMBRAR QUE TODO SONHO É
VIDA.

TUDO ISSO PRA DIZER QUE PARECE QUE:
A HISTÓRIA COMEÇA AQUI, MAS ELA TAMBÉM COMEÇOU NO DIA QUE VOCÊ DISSE
SIM. ESSA HISTÓRIA DE HOJE, NÃO É DE AGORA, CONTUDO...

NO AGORA, NÃO PARECE, MAS TUDO NÃO PASSA DE UM SONHO... A TERRA QUE SAIU
DA CONCHA E FIRMOU A ÁGUA, ECOA DE DENTRO. AQUI, OBALUAIÊ ESTÁ EM CENA
COM UM BOOMBOX, SINTONIZA EM UMA ESTAÇÃO DE RÁDIO, ENQUANTO AGUARDA
A ENTRADA DO PÚBLICO. AO FINDAR ESSE MOMENTO, OBALUAIÊ JOGA PIPOCA NOS
SONHOS, PARA QUE OS SONHOS SE CUREM. AINDA EXISTEM MUITOS SONHOS, E QUA-
SE TODOS PRECISAM DE CURA. PARTE DE OBALUAIÊ REGRESSARÁ AO ORUM E PARTE
PERMANECERÁ NO AIYÊ.

OBALUAIÊ 1

Onilè wà àwa lèsé òrisá
Opé ire onilè wà a lèsé òrisá
Opé ire E kòlòbó e kòlòbó sín sín sín
Kòlòbó
E kòlòbó
e kòlòbó sín sín sín
Kòlòbó
Omolú pè olóre a àwúre e
Kú àbó
Omolú pè olóre a àwúre e
Kú àbó

Senhor da terra está entre nós que
cultuamos orixá.
Agradecemos felizes pelo Senhor da terra
estar entre nós que cultuamos orixá.
Agradecemos felizes.
Em sua pequena cabaça traz remédios
para livrar-nos das doenças.
Omolu, te pedimos Senhor da boa sorte,
que use seus remédios
para nos trazer boa sorte.
Seja bem-vindo!!

concha:

NÃO HÁ MUITAS HISTÓRIAS SOBRE O QUE FOI SONHADO, SEM QUE HAJA, HIATOS, ESPAÇOS FALTOSOS, ESPAMOS. ISSO É UM ECO, UMA SOMBRA DA HISTÓRIA, UM GESTO. CADA SONHO UM ORI, CADA ORI NO MINÍMO UM ORIXÁ. SE DIVINDADES CAMINHASSEM POR AQUI, VOCÊ CONSEGUIRIA ADIVINHAR.

DAQUI QUE FALO, OS SONHOS ENCONTRAM-SE ESPALHADOS PELO ESPAÇO E DORMEM, NÃO SE SABE SE SONHAM, MAS DORMEM.

RÁDIO: Muito Boa Noite, está no ar a rádio “I HAVE A DREAM”. Neste momento toca a música SOU + VOCÊ, dos Racionais Mc’s. Sei que muito de vocês dormem, enquanto sonhos são erguidos. Por aqui está quente, há muito tempo, está muuuuito quente por aqui, afinal, foi preciso que o sol mesmo, descesse à terra para que a cura começasse, e assim as calotas polares derreteram, as árvores queimaram, mas por favor não o responsabilize por isso, porque tudo isso começou antes do rei chegar. Façamos assim:

OBALUAIÊ 2: Imaginemos, uma ida ao tempo e acordaríamos para sonhar, como registrou Núcleo Bartolomeu em seus depoimentos. Outra ida ao tempo, Spike Lee imantaria que é preciso fazer a coisa certa, um retornar mais longo. Calderon diria que a vida é um sonho. Um retorno mais longo e contínuo, um voltar que nunca cessa e não regressa, saberíamos: Esse palco está situado em terreno originário, e assim não poderíamos dormir, e assim não poderíamos acordar, nem sonhar, nem sonhar que acordar não é um sonho. Voltar, para modular o tempo como se a gente tivesse chance de beijar e flertar com ele . . . De dizer aos segundos, ponteiros certos: bem-vindo! Aqui, cada qual que use a encantaria que te cabe, que te faz parte. Cada nota um bando, cada bantu, um povo. Se não compreende, repare de novo... Como se a gente tivesse chance, ainda em tempo voltemos.

[DJ emite informação sonora que remeta ao público a sensação de voltar “o disco”]

RÁDIO: Neste momento, os sonhos começam a rememorar como se faz para respirar, enquanto descobrem, vão deixando seus corpos “de pé e livres” como sugeriu o poeta Aimé Cesaire. Quando recobram a memória de como se faz para levantar, dançam. Fiquem agora com OITAVO ANJO do 509-E.

[Nesse momento a rádio toca sample instrumental de OITAVO ANJO do grupo 509-E]

CENA 1 - EXU FUNK

[A música anterior vai encontrando o caminho de como virar um FUNK MANDELÃO. A cena se passa em um baile funk].

FILHOS DE EXU: Cada cena-história um ritmo, cada ritmo um rito. Libertar o que foi apreendido, retomar o que fora roubado. Enquanto os corpos transpiram e os pés riscam o chão, novos acordos se estabelecem. Nossos deuses dançam e nos ensinaram a dançar. Tudo se passa no tempo presente, se curvando para trás e para frente, reverenciando tempos outros. O tempo é o agora: sem tempo pro drama, e se possível que despiste a tragédia.

OBALUAIÊ 1: Quem é de inícios, se apresente e comece.

[Coro de EXUS gargalham].

FILHOS DE EXU: Mais um dia cruzei a porta na saída de casa.

Eu nasci.

Eu nasci aqui mesmo:

Encruzilhada.

3 caminhos no portão de casa.

Nasci num corpo cruzado,
que cruza estações,
trilhos e multidões.

Sem cruz, *credo in unum* EXU:

Laroyê.

Encruzilhadas,

atalhos apresentados

desapressados,

o movimento é dilatado,

espaçado, do aiyê ao orum,

é libertino é liberdade, é baile.

Aaaaaah baila negão,

baila que mais tarde tem fluxo,

tem baile.

[Nesse momento faz-se um som ou ambiência estética que remeta à polícia militar paulistana, os atuantes agirão como se fossem morrer em cena, porém Obaluaiê que se comunica através de uma rádio fará com que o tempo retorne.]

FILHOS DE EXU: Acordei:

RÁDIO: Interrompemos a nossa transmissão para o pronunciamento urgente:

OBALUAIE 2: Boa noite, “Quando uma enorme multidão de negros fica assistindo alguns poucos policiais assassinar brutalmente um jovem negro, o que se encena é um ritual niilista angustiante de impotência. A cena transmite uma mensagem poderosa em uma sociedade supremacista branca. A mensagem não diz respeito à brutalidade policial e o quão indignados

os cidadãos deveriam se sentir diante do fato de que a lei não protege os negros considerados perigosos; pelo contrário mostra que o sistema de policiamento e controle supremacista branco permanece intacto, e que os negros são impotentes para demonstrar qualquer resistência significativa. A multidão reencena simbolicamente as aglomerações de linchadores, com a diferença de que os espectadores são as vítimas negras. É difícil imaginar os muitos brancos que elogiaram o filme [faça a coisa certa] celebrando esse trabalho de forma acrítica se quem tivesse morrido fosse Sal, ou um de seus filhos.

[- SUSPENÇÃO - SAL: O pai “branco, ítalo-americano, pai de filhos ítalo-americanos brancos, destes um é abertamente racista, pai esse também racista, mas não tão declarado. O pai branco, dono do empreendimento de sucesso no bairro dos negros, onde nenhum negro tem um empreendimento de sucesso. O pai branco dono da pizzaria frequentada por negros. O pai branco que é legal demais com as moças negras, e não tão legal com os rapazes negros. Os rapazes negros por ele são chamados de: macaco, de preto, são expulsos do restaurante. O pai branco que diz que o empregado negro é como um filho pra ele, mesmo ele o tratando tal qual um patrão branco trata um empregado negro”].

OBALUAIE 2: *O pai “branco” vive; apenas a loja dele é queimada. O que ele perde pode ser recuperado.” [bell hooks: anseios, raça, gênero e políticas culturais].*

FILHOS DE EXU: Às vezes, quase sempre, a gente não dá conta de recontar a história. Se não me falha a memória, bem aqui, outro sonho morreu. Previsível, mais um corpo preto interrompido, isso nos faz pensar: E se a gente mudasse o exercício e fôssemos corpos-cosmos-vivos? Se esse ato fosse o fim do genocídio ou mostrasse a sujeira encrustada nas suas mãos, sangue de cada preto não vivo, e pesasse a sua consciência a ponto de lhe faltar o sono? Te fazer investigar seu compromisso, você ainda acharia tudo isso bonito? Se eu dividisse a culpa do racismo contigo? Você ainda acharia isso bonito? Se há alguém contra esse pronunciamento, que fale agora ou durma para sempre.

IKU: EU IKU!

Contra não sou, mas prefiro falar agora, pra que eu não venha outrora, já que hoje estamos fadados a viver. Eu sonhei, com sonhos que sonhassem uma peça-festa, uma festa-peça-celebração, corpos pretos como oração. Um sonho negro, tão negro quanto a noite negra do dia da reinvenção humana. Um lugar inatingido pela violência pálida. Ali, no canto escuro de um peito menino intocado, que nada atingiu ou perfurou, ali, bem ali, eu nasci e sonhei, que tudo em mim também fosse vida. Mas quando Obatala me criou, acordou: num dado tempo, numa certa hora, quem nasceu, irá morrer, mas só quem sabe o dia da volta é Olorum, isso nem você deve saber. Mas pelas alvas, escureceram os alvos, e “desacordaram” os acordes. Esse é o único momento que o sol cessa, e dá vasão para raios, trovões e chuva, afinal, a morte e a justiça caminham juntas. Para ser justa, só por hoje não me chamem que eu não apareço, não me gritem, que eu não ouço. Descombinei e refiz esses acordos. Quem me deu chance ao sonho, já pode sonhar.

[OS SONHOS dançam para Xangô com IKU até que ela adormeça, OS SONHOS se deslocam para algum sonho outro, este acontece dentro de um vagão].

CENA 2 - AYABÁS - BLUES

[Nesta cena TODOS OS SONHOS sem ação pré-definida, farão um sorteio para ver quem fará o homem branco.]

FILHA DE AYABÁ:

um cara para.

Uma mina preta corre com pressa.

Ele hétero cis branco. Parou o fluxo
no lado esquerdo.

O fluxo tava seguindo.
Parou do lado esquerdo.

Só ele parado.

A mina preta com pressa.
É sempre a pressa,
preta. preta. preta. preta.

e passou e agradeceu.

Ele olhou pra mim, dando risada, disse:

CARA BRANCO: Apressada ela, né?

FILHA DE AYABÁ: Nenhuma língua é neutra selada no desenlace da coluna. Aqui é história também. Uma espinha dorsal que arqueia e desarqueia sem uma palavra, calor, rugindo esses pulmões esponjosos, exalou em zumbido o oceano, uma escapatória e nada de belo, virando turquesa e escândalo. O horizonte malicioso fez de nós pensadoras essenciais da tecnologia. Como vencer a gravidade, como equilibrar o cesto e a prosa com sede de morte. Aqui o silêncio amaldiçoou deus e a beleza. As pessoas decerto ouvem coisas, nessa serenidade de helicônia, uma morfologia de arrastar de correntes e gongo de cobre agora moldam esse sotaque. Falsete de chicote e ar assentam essa gramática. Entenda o que eu te digo. Quando esses barracões abrigavam pessoas escravizadas entre cabrestos de pedra a conversa era da noite, e o silêncio era linguagem e núcleo quente (Dionne Brand – Nenhuma Língua é Neutra).

AYABA 1: Você sabe que eu poderia
explodir tudo em ira.

AYABA 4: De novo e novamente.

AYABAS: Você sabe né?

AYABA 2: Que itãs e orikis, que nunca findam e reiniciam,
dizem na minha e em outras línguas,
que uma humanidade inteira já desfiz,
e de novo desfaria.

AYABA 3: Vocês
têm sempre um jeito novo de matar a gente,
de tiro, de tristeza,
mas hoje não.

AYABAS: Hoje não.

AYABA 4: Bastou um sonho
Para recombinarmos e refazermos acordos.

AYABA 2: Daqui do escuro do oceano profundo, pergunto:
Já viu alguém que viveu
depois de tentar conter a água?

AYABAS: Ninguém

AYABA 1: É capaz de conter, segurar, moldar prender a água?

AYABA 2: Eu lavo e levo tudo com sorriso
e lágrima.

AYABA 4: Não se prende o que é livre. Não se guarda a liberdade.
Os sonhos são partículas de liberdade.
E hoje os sonhos vão caminhar livres

AYABA 3: Te convido a liberar a escada, a história,
Está na minha mão
refazer a trajetória.

AYABA 1: Se esse é meu sonho,
Sonho meu nenhum ocupará o final da fila.

AYABA 2: Eu pari sonhos e nomeei-os por filhos
Meus filhos lutam e guerreiam.

AYABA 4: Por filhos outros meus

AYABAS 1 e 3: Nosso tempo chegou.

AYABA 3: Deixa o vento soprar.

AYABA 1: Deixa a água lavar.

AYABA 2: Sonhei.

AYABA 4: Sonhei.

AYABA 1: Sonhei.

AYABA 3: Sonhei.

AYABAS 2 e 4: Sonhamos

[Partitura coreográfica do momento que as Ayabas sonharam juntas os sonhos que teriam OS SONHOS. AYABAS 2 e 4 se destacam para comporem o duo de OGUM e OXOSSI.]

CENA 3 - OBORÓS BOOMBAP

[Vinheta sonora instaura a rádio.]

RÁDIO: É, voltamos, de onde nunca ousamos sair, invadindo o sonho dos sonhos com o momento “novos itãs” aqui na nossa I HAVE A DREAM. Quem não sonhou pode sonhar, e quem sonhou sonhe de novo:

OGUM: Cadê Exu, já veio?

OXOSSI: Disseram que sim, provavelmente no início, nesse negócio de teatro, se ele não tá no prólogo, certeza que está no primeiro ato.

OGUM: Estranho, eu também venho cedo, estou sempre com ele, porque será que tou perto do fim?

OXOSSI: Do que li no enredo, queriam uma peça-festa-celebração.

OGUM: Do que vi de escanteio, me bate até um receio, mas teve pouca alegria enquanto ação. Sorrir é exercício, forjado diariamente, entre um e outro ranger de dentes.

OXOSSI: É que sonhar, mesmo sendo mecanismo de existência, deixa “OS SONHOS” acordados. Pleonasma barato. Mas imagina só, um sonho sonhado pra sonhar, ter que aprender a sobreviver, a se defender, a se acreditar... Imagina só se esquecer que “OS SONHOS” foram feitos principalmente pra sonhar outros novos sonhos... Tava escrito nos acordos.

OGUM: Acontece que, ao nascer, todos aqui presentes fazem questão de esquecer esses acordos. Por quê? Mas tudo bem, o que coube aqui, acho que entendi.

OXOSSI: O quê? Que essa festa é chegada ao fim?

OGUM: Não só, mas entendi o porque de estar aqui. A intenção da caneta era boa, desejava fugir do didatismo, mas o clichê é um abismo. Me escreveram aqui nessa altura da história para ensinar a guerrear.

OXOSSI: E eu ensinar a caçar?

OGUM: Sim, e não só. Dançar, dançar enquanto se guerreia. Lutar, forjar as armas cantando. Sorrindo, celebrando... Veja: tem um sonho aqui. Outro ali... Passou rápido, mas eu vi.

OXOSSI: Um sonho forjado, acordado, que ousou dançar enquanto corria pra não se atrasar. Que flertou, tocou, encarou as cicatrizes e as beijou.

OGUM: Sonhou que paria e pariu, e envelheceu, e nenhum sonho novamente verteu.

OXOSSI: Esse sonho também é o meu. Sonhei.

OGUM: Sonhei.

SPOKEN WORD PARA OGUM E OXOSSI

[Retornando de um sonho, o texto é falado, não encenado. Um beat de boombap com elementos sonoros de natureza e metais, toca ao fundo. O texto é feito no beat].

Sonhei

Que daria tempo de visitar as orações
refazer as rezas, reinventar as armas
se antes flecha, espada
hoje palavra

Sonhei que o tempo não descontinuava
não amedrontava, só ampliava
e o tempo mesmo
se deu em oferta

para o próprio tempo
e nesse exato momento

Sonhamos
no plural
Estamos vivos
Armas de fogo não nos causam perigo
estamos vivas, vives, vivos

Mudamos as rezas
pois somos deusas e deuses ativos
estamos vivas, vives, vivos

Eu não performo
porque eu sou
quem me rege e comigo segue
estamos vivas, vives vivos

Sou orixá no aiyê
minha prova é sobreviver
Sonhei que acordava
Sonhamos

CENA FINAL

[Faz muito silêncio na cena, personagens agem como se estivessem ligando].

FILHO DE OXALUFÃ: Alô. É da rádio? Gostaria de deixar um recado, criar uma ordem pro fim, subverter. Que bom que me atenderam, eu precisava aparecer.

FILHO DE OXAGUIÃ: Há quem diga que não se faça paz sem guerra, tenho eu minhas dúvidas. Mas sei que respostas só se criam nas perguntas, então gostaria de fazer:

FILHO DE OXALUFÃ: Se você pudesse voltar na história e curar a memória, pra onde você voltaria?

FILHO DE OXAGUIÃ: Sararia a humanidade ou só um dia? Se pudesse reescrever mandamentos, tratados, leis, quais mitos desfaria? Raça e gênero existiriam? Quais nomes você inventaria?

FILHO DE OXALUFÃ: Se não podemos voltar no passado, como mudar as consequências instauradas por brancos homens que chegaram nesse território em caravelas e barcos? Dessalgar o atlântico de corpos que tentaram retornar a terra-ventre a nado?

TODOS: Brasil Afro-pindorâmico precisa ser curado, descolonizado.

[Nesse momento OS SONHOS começam a cantar uma cantiga de Oxalá, que se manterá até o final do espetáculo]

FILHO DE OXAGUIÃ: Que orixás encantados e caboclos que em nós residem, que nós somos, nos auxiliem a escrever a história de novo. E de novo.

FILHO DE OXALUFÃ: E de novo. E de novo. “INÍCIO. MEIO. INÍCIO”, SALVE NEGO BISPO. Que orixás, encantados e caboclos que em nós residem, que nós somos, nos auxiliem a escrever a história de novo. E de novo.

FILHO DE OXAGUIÃ: O Sol já pode subir aos céus, a morte já pode descera à terra. Estamos vivos, “OS SONHOS” permanecem vivos.

[A Cantiga cresce, os sonhos dançam e terminam a dança em pé].

concha:

QUANTA ÁGUA É PRECISO, PRA MANTER UMA ORI EM EQUILÍBRIO?

MUITO SANGUE PARADO PRECISOU CORRER PARA ESCURECER A PALAVRA, ENCHER TINTEIROS E DISCORRER A HISTÓRIA. O CORPO DEITA E NÃO ENCOSTA NA CAMA PORQUE OS AMANHÃS CHEGAM SEMPRE NO HOJE CEDO, PONTUAL E AGONIZANTE. A TERRA CANSA, E A CANETA CISCA E FIRMA POESIA, PRAGUEJA OS DIAS DE ALEGRIA, E DIZ O QUE SE SONHA EM VOZ ALTA.

NÃO HÁ NADA QUE DÊ SENTIDO AO AGORA.

SONHEI? QUE DESCIA NO FUNDO, NO FUNDO DO OCEANO MAIS PROFUNDO, QUE OUSEI IMAGINAR, E LÁ DO FUNDO, DO FUNDO, DO FUNDO DO MAR, SONHAR. PRA BUSCAR UM POUCO DE MEMÓRIA E BEM ALI EU NÃO MORRIA, NÃO ME AFOGAVA...

SONHEI E ACORDEI

E TIVE CERTEZA QUE UM MUNDO INTEIRO EU INVENTEI. CONCHA QUE ECOA E REIVENTA OS PASSADOS, E PASSA TUDO A LIMPO, E NADA FICA DE LADO, E ATRAVESSA OS ISMOS COTIDIANOS A NADO. E MUITAS DE NÓS, NÃO SABEMOS NADAR. E VI OUTRAS DE MIM, DANÇAR COM OS MORTOS E CELEBRAR QUE ESTAMOS VIVAS. TUDO AQUI É SONHO E OS SONHOS RESPIRAM, E ESTÃO “DE PÉ E LIVRES” COMO SUGERIU OUTRO POETA. NOSSOS SONHOS POSSUEM MEMÓRIA E DANÇA, E DANÇAM SUAS MEMÓRIAS.

*TALVEZ, JÁ POSSAMOS FINDAR,
PARA QUE OS SONHOS RECOMECEM.*

OBALUAIÊ: Meu sonho: Permaneçam Vivos. Tenham UM Sonho, Boa noite.

[Luzes se apagam, a rádio continua no ar.]

FIM



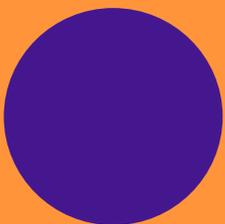
Luz Ribeiro é artista de São Paulo/SP. Em tempos de redes sociais, prefere pousar em redes de balanços e afetos. Tem alguns seguidores, mas Luz sonha em ter sempre com quem seguir. Integra o grupo de pesquisa e teatro “coletivo legítima defesa”. Escreve desde que fora alfabetizada e nem por isso se acha poeta. Sonha com o dia que será poesia. É estudante do curso de Dramaturgia da SP Escola de Teatro.

VELAS DE PAPEL

YGOR SEVERO

"Um sujeito sem nome, periférico e diaspórico narra suas memórias e experiências de ser quem se é, jogando luz sobre sua ancestralidade e descendência: no mundo por vir há espaço para os seus? "Velas de papel" coloca sua força nas palavras, criando imagens contundentes e instigantes para uma futura encenação. Apesar da força da linguagem, seria interessante ver no desenvolvimento da dramaturgia propostas de ações que acendam aqueles instantes onde a palavra falada não é suficiente para expressar angústias e alegrias."

Tadeu Renato



Personagem Um Sujeito

Meu celular vibrou era umas duas e pouca da manhã. Nem tinha pegado no sono ainda, mas tava olhando eles dormir. Dei um beijo na testa de cada um, coloquei a jaqueta, peguei a sacola e já tava pronto pra sair. Jeferson escutou o barulho da porta abrir e levantou a cabeça. Eu olhei pra ele e falei assim: Ó, o pai vai ali e num demora. É pra cuidar dos seus irmão e se ficar com muito medo, faz aquela oração lá que a mãe te ensinou. O pai já vem, fica firme.

E o dia nem tinha sido fácil, umas oito hora da manhã saímo pra catar os material. Fizemo toda a Vila Carmosina e fomo parar lá pros lado da Jacú Pêssego. Eles tava tudo reclamando de fome, deu pra fazer uns vinte quilo de papelão. A Michele num parava de chorar com dor no pé. Eu mandei o Jeferson pegar ela e colocar em cima do carroção. — Calma aí, fia. Já tamo indo pra casa.

Senhor, minha coroa sempre falou assim pra mim: Quem pariu Mateus que balance! Ela num tava errada, só que eu num tinha achado ainda o jeito certo de balançar. A mãe deles foi embora de repente, nem teve tempo de se despedir. Num deixou pra mim instrução escrita de nada. Nem de receita de bolo, muito menos de como fazer trança no cabelo da menó. Eu fiquei com quatro moleque sem serviço e sem nem ter onde morar. Tivemo que sair vazado lá dos predinho, porque tava sem pagar e os grandão nem quis saber de conversa. Lá na favela ficou osso também, porque eles falaram que vão levantar um condomínio novo no terreno, nós tinha uma semana pra correr de lá e ir pra onde, senhor?

O Bolsa Família já tinha sido cortado. Os documento das criança sumiu da última vez que o rio encheu, nem deu pra tirar tudo de novo. Fui atrás de serviço lá no CAT, mas deu ruim quando a moça colocou na minha ficha que eu só fui até a quarta série e tenho passagem pelo sistema. Foi 155, senhor. Quando eu era mais novo. Ela falou pra mim que a postura num ajudava muito. Bigode na cara, roupa largada e andando assim jogando os braço. Na entrevista vou apresentar o quê? Da última vez que os home batero lá na minha porta, uma polícia pegou a Raissa no colo e falou assim pra mim: — Cê acha que isso aqui é vida pra essas crianças? Vamos acionar o conselho tutelar e ver o que dá pra fazer com a guarda. — Eu olhei pra ela e falei assim: — Dá licença aqui, senhora. — Tomei minha filha dos braço dela. — De guarda vocês deve entender muito bem, né? São pago pra guardar nós, mas chegaram aqui estourando minha porta com essa conversa de querer proteger meus menó? Proteger de mim? Eu nunca pedi pra ser pai, nunca quis essa fita. Mas se aconteceu, foi porque Deus quis. Eu luto por eles todo dia. Faço o que tenho que fazer. — E aí não deu outra, senhor. Aquela policial me deu um tapão na cara, bem na frente dos moleque. Aquele dia eles viro o pai chorar, foi a primeira vez.

E aí apareceu esses corre pra mim fazer de noite, senhor. O parceiro lá do Terrão me mandava mensagem, na hora que fosse, eu tinha que tá lá na função. Recebendo por dia o que eu levava dois meses pra juntá de reciclagem. Deixava eles dormindo, o mais velho tomando conta dos pequeno e ia lá fazer o corre, no meio da madrugada memo. Chegava no dia seguinte de manhã cedo, trazia pão, leite e às vezes aquelas bala azedinha. Eles ficava muito feliz. Bem naquela noite teve batida lá no Terrão, com helicóptero e tudo. Num fiquei sabendo antes, deixei eles lá. Meus moleque já tava até acostumado com o barulho das sirene, pra eles era como se fosse música de pegar no sono. Eu acho até que eles nem perceberam quando tentaram derrubar a porta, pensaram que era polícia e nem saíro do lugar. Continuaram tudo deitado lá quarto, de barriga pra cima e de olho fechado.

A mãe deles era muito de rezar, senhor. Tinha muita fé nos santos, todos ele. Falava pros menó

que se eles rezassem juntos, era um jeito de eles sempre tá junto. Até depois da morte. Acho que ela tava certa, né. Os vizinho escutou quando a Raissa acordou, era umas três e pouca, ela chorava bem alto. Jeferson correu pra acender uma vela na cozinha. No meio da operação lá, cortaram os fio do gato, ficaram sem luz. O papelão tava todo no chão, era pra ir vender no outro dia. Eles tinha medo do escuro. Jeferson pegou os irmão e foram pro canto do quarto rezar. Eles sabia a oração de santo expedido todinha de cabeça.

Memo lá na rua, no meio do trampo, algo chamou minha atenção. O coração da gente que tem fé costuma preparar a gente pro pior. Pelo menos foi assim que eu aprendi, né. Minhas mão começou a suar e a visão ficou meio embaçada, senhor. Até a sacolinha com os bagulho tudo eu deixei cair lá no chão. Naquela hora apareceu na minha frente o guerreiro dos rio e das mata, todo iluminado. Caí de joelho, perdi o controle de tudo memo. Ele tava parado olhando pra mim, como já tinha acontecido de outra vez. Na mão esquerda, o espelhinho de ouro. Na mão direita, aquele arco e flecha certo. Nunca soltou minha mão. Eu nunca andei só.

Canto em Iorubá para Logun Edé.

Aí eu me levantei e saí correndo do jeito que deu, senhor. As canela fina tiraram força nem sei de onde. Corri a milhão, sem nem ver direito as viela da quebrada. Cachorro bravo atrás de mim, cheiro de feijão chiando na pressão, escapamento estralando igual bomba, um ratão passou rápido no escuro, as tiazinha se aglomerando na esquina, luz vermelha, luz azul, uma gritaria e uma confusão do cão. Eu só corri. Sabia que tinha que voltar pros moleque, tinha alguma fita errada pegano por lá.

Foi só o tempo de eu chegar na rua e parar pra respirar. Minha coroa tava desesperada jogada no chão. — O que foi? O que tá pegano? — Eu sacudi ela, mas num conseguia falar nada pra mim. A voz dela nem saia. Teve um clarão bem forte, uma fumaça preta subiu. O papelão acendeu rapidão. O fogo tratou de engolir tudo em poucos minuto. Quando os home chegaro lá em casa já era tarde, senhor. O último choro, a última tosse. A mais nova ainda teve tempo de chamar: — Pai! — Explodiu tudo e depois ficou um silêncio. A Raissa nunca mais chorou.

Se pela reza eles ia tá sempre junto, aconteceu bem assim. Meus pequeno rezaro e foram encontrar a mãe deles lá no alto. Perdi tudo minhas tralha, perdi meus filho. Se aconteceu, só pode ser porque Deus quis. A única coisa que sobrou os bombeiro me entregou. Foi um quadrinho de Santo Expedito que ficava pendurado na nossa parede.

SOBRE A PROPOSTA DRAMATÚRGICA

A presente pesquisa procura apresentar relatos sobre a experiência pessoal do autor enquanto um sujeito periférico e diaspórico. A hipótese é de que existem histórias apagadas sobre a periferia e seus habitantes. Histórias de muita luta, dor e sobrevivência que durante muito tempo foram ocultadas por uma lógica de teatro colonial. Desta forma, busco representar tais histórias ficcionais de forma que a voz urgente dos excluídos seja trazida à cena e fecunde reflexões sociais importantes no público.

Trata-se inicialmente, de um texto dramatúrgico narrativo, escrito propositalmente em linguagem própria ao personagem. As referências partem das periferias, sua cultura e sua resistência quase sempre jovem e negra.



Ygor Severo é autor de São Paulo/SP. É estudante do curso de Dramaturgia da SP Escola de Teatro, educador social pelo Centro Universitário Senac, ator amador e skatista.

COMISSÃO DE SELEÇÃO

Integram a Comissão de Seleção do 3º Concurso Estudantil de Dramaturgia do Conservatório de Tatuí: Luh Maza, Jessica Nascimento Olaegbé, Tadeu Renato e Thiago Leite, com coordenação de Tadeu Renato e Antonio Salvador.



Jessica Nascimento Olaegbé é uma artista do corpo, educadora, dramaturga e historiadora afro-brasileira — mestre em história social e doutoranda no programa de Integração da América Latina PROLAM/USP, dedica-se a pesquisa e criação de Festas, Dramaturgias e Teatros Negros: Relações transatlânticas e afro-caribenhas.

Luh Maza é autora, diretora e atriz. Sua dramaturgia foi publicada na Coleção Primeiras Obras (Imprensa Oficial, 2009) – indicada ao Prêmio Jabuti de Literatura. Entre suas encenações destacam-se Carne Viva (2015), em Portugal, Kiwi (2016), vencedor do Prêmio Aplauso Brasil (espetáculo) e Prêmio SP de Incentivo ao Teatro Infantil e Jovem (atriz); e Transtopia (2019) no Theatro Municipal de São Paulo. Foi jurada do Prêmio Shell de Teatro no biênio 2022 e 2023.





Tadeu Renato é mestre em Letras na UNIFESP. Graduado em Filosofia e Artes Visuais. Formado em Dramaturgia na SP Escola de Teatro. É autor de 20 textos encenados por grupos da capital paulista e do interior do Estado. Tem 04 livros publicados, entre poesia, prosa e dramaturgia, entre eles Licantropia (Selo Cesura) e A pausa, o Pouso (Editora Clóe). É professor de Dramaturgia no Conservatório de Tatuí.

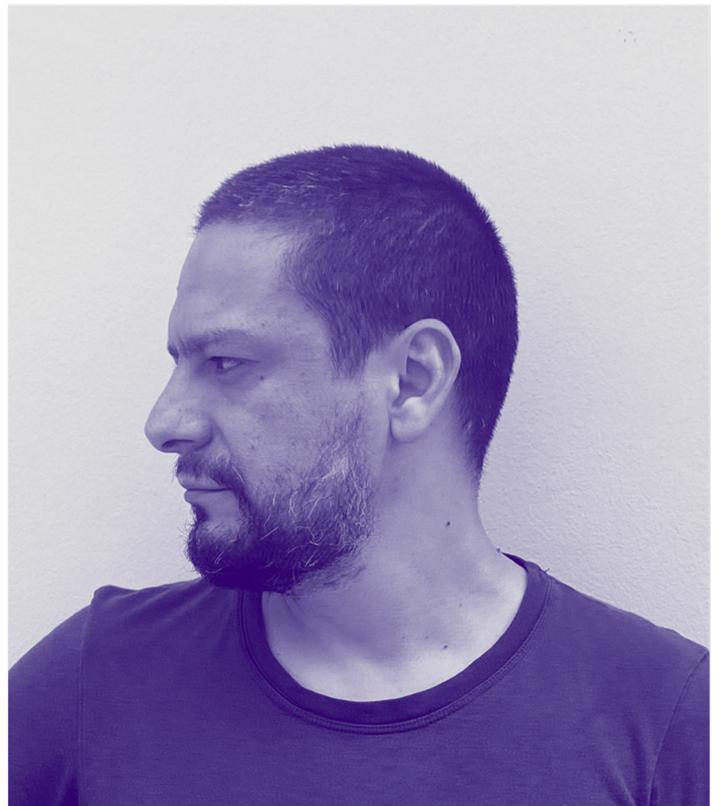
Thiago Leite é ator, professor e dramaturgo. Doutor e Mestre em Educação pela FE-USP, é graduado no curso de Licenciatura em Artes Cênicas da ECA-USP. Integrante da Nossa Trupe Teatral (Tatuí/SP) e da La Luna Cia de Teatro (Canelinha/SC), atua como professor de artes cênicas no Conservatório de Tatuí.





Viviane Juguero é artista da cena no teatro e no audiovisual, com Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado. É autora de peças, filmes, séries, livros, canções e artigos encenados e publicados no Brasil e no exterior. É diretora do Bando de Brincantes. Integra redes nacionais e internacionais.

Antonio Salvador é sul-mato-grossense, ator e pesquisador de teatro. É mestrando em Artes Cênicas na ECA-USP. Lecionou na Escola Livre de Teatro de Santo André, Núcleo Experimental de Artes Cênicas do Sesi-SP e PUC-SP. Como ator, integrou a Cia Teatro Balagan. Atuou ainda em Um panorama visto da ponte, direção de Zé Henrique de Paula; Trilogia Abnegação, Grupo Tablado de Arruar e Cassandra, direção de João das Neves. Recebeu o Prêmio APCA, pela atuação em Recusa, também indicado ao Prêmio Shell de Teatro. Desde 2021 é Gerente Artístico e Pedagógico de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

TARCÍSIO DE FREITAS | Governador do Estado

FELÍCIO RAMUTH | Vice-Governador

MARILIA MARTON | Secretária de Estado

MARCELO HENRIQUE DE ASSIS | Secretário Executivo

DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES | Chefe de Gabinete

ADRIANE FREITAG DAVID | Coordenadora da Unidade de Formação Cultural e Unidade de Difusão, Bibliotecas e Leitura

MARINA SEQUETTO PEREIRA | Coordenadora da Unidade de Monitoramento dos Contratos de Gestão

KARINA SANTIAGO | Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

MARIANA DE SOUZA ROLIM | Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

LIANA CROCCO | Coordenadora da Unidade de Fomento e Economia Criativa

SUSTENIDOS ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA / EQUIPE COMPARTILHADA NO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

ALESSANDRA COSTA | Diretora Executiva

RAFAEL SALIM BALASSIANO | Diretor Administrativo Financeiro

CLAUDIA FREIXEDAS | Superintendente Artístico-Pedagógica

ADLINE DEBUS POZZEBON | Gerente Jurídica

ANA CRISTINA CESAR LEITE | Gerente de Desenvolvimento de Pessoas

ANA CRISTINA MEIRA COELHO MASCARENHAS | Gerente Financeira

CAMILA SILVA | Gerente de Produção de Eventos

CLÁUDIA DOS ANJOS SILVA | Gerente de Contabilidade

LAURA RIBEIRO BRAGA | Gerente de Comunicação e Marketing

LEANDRO MARIANO BARRETO | Gerente de Controladoria

MARINA FUNARI | Gerente de Relacionamento Institucional e Mobilização de Recursos

RAFAEL MASSARO ANTUNES | Gerente de Logística/Patrimônio

SUSANA CORDEIRO EMIDIO PEREIRA | Gerente de Suprimentos/Compras

ALEXANDRE PICHOLARI | Assistente Artístico

JOSÉ RENATO GONÇALVES | Analista de Planejamento/Observatório

KELLY SATO | Designer Gráfico

TAIS DA SILVA COSTA | Captadora de Recursos

TONY SHIGUEKI NAKATANO | Assessor de Gestão de Informação

YUDJI ALESSANDER OTTA | Supervisor de Tecnologias e Sistemas

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANDRÉ ISNARD LEONARDI (Presidente), CAROLINA GABAS STUCHI, CLAUDIA CIARROCCHI, GABRIEL FONTES PAIVA, JOSÉ ALEXANDRE PEREIRA DE ARAÚJO, JOSÉ ROQUE CORTESE, MAGDA PUCCI, ODILON WAGNER, RENATA BITTENCOURT, SERGIO HENRIQUE PASSOS

AVELLEDA, WELLINGTON DO C.M. DE ARAÚJO

CONSELHO CONSULTIVO

ELCA RUBINSTEIN (Presidente), ABIGAIL SILVESTRE TORRES, ADRIANA DO NASCIMENTO ARAÚJO MENDES, ANA MARIA WILHEIM, CELIA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS WHITAKER, DANIEL ANNENBERG, GABRIEL WHITAKER, LEONARDO MATRONE, LUCIANA TEMER, LUIZ GUILHERME BROM, MARCOS BARRETO, MARISA FORTUNATO, MELANIE FARKAS (in memoriam)

CONSELHO FISCAL

BRUNO SCARINO DE MOURA ACCIOLY, MONICA ROSENBERG BRAIZAT, PAULA CERQUERA BONANNO

CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

GILDEMAR DE OLIVEIRA | Gerente Geral

ANTONIO SALVADOR | Gerente Artístico-Pedagógico de Artes Cênicas

VALÉRIA ZEIDAN RODRIGUES | Gerente Pedagógica de Música

RENATO BANDEL | Gerente Artístico de Música

LUCAS ALMEIDA, VITÓRIA SILVA, LUCA D'ALESSANDRO RIBEIRO | Assistentes de Gerência

Coordenações Pedagógicas

JOÃO GERALDO ALVES | Música Popular

RAFAEL PELAES | Sopros/Madeiras, Percussão Sinfônica e Iniciação à Regência

JULIANO MARQUES BARRETO | Sopros/Metais e Polo São José do Rio Pardo

TANIA TONUS | Matérias Teóricas

ROSANA MASSUELA | Violão Clássico, Acordeão Erudito, Canto Lírico e Educação Musical

CARLO ARRUDA | Cordas Friccionadas, Luteria e Performance Histórica

FANNY DE SOUZA LIMA | Piano, Harpa e Piano Colaborativo

FERNANDA FERNANDES | Artes Cênicas

TULIO PIRES | Música de Câmara e Prática de Conjunto

Centro de Produção

ISABEL CRISTINA MEDEIROS ÁVILA | Supervisora de Produção de Eventos

WESLEY SALOMÃO SOARES, GISELE DE FÁTIMA CAMARGO, RENATA BRUGNEROTTO,

ROBERTO FELIPE FRANCO DE OLIVEIRA | Produtores de Eventos

SAMUEL BRUNO DE MORAES, SERGIO FERREIRA DE SOUZA FILHO | Assistentes de Produção

DIEGO FIGUEIREDO | Inspetor de Grupos Artísticos

ALICE DE FÁTIMA MARTINS, DEBORA CHAVES | Bilheteria

ELINE RAMOS, SERGIO D. C. CORRALES | Arquivistas

MARCELO VIEIRA DE SOUZA | Técnico de iluminação e sonorização

GUILHERME DE MIRANDA RIBEIRO, RAFAEL MASCARENHAS DE MORAES, REGINALDO

PRESTES, VILMAR PEREIRA RIBAS | Montadores

Setor de Comunicação

SABRINA MAGALHÃES | Gerente

BRUNO PEREZ | Designer

FERNANDA GABAN | Assessora de Imprensa

JÚLIA HELOISA SILVA | Analista de Mídias Sociais Jr.

LENITA LERRI | Analista de Comunicação I

